

Politécnico do Porto
Escola Superior de Hotelaria e Turismo

Ana Filipa Leitão de Azevedo

**Proposta de um roteiro de miradouros no Norte de Portugal: a
importância da paisagem como recurso turístico**

Relatório de Estágio

Mestrado em Gestão do Turismo

Orientação: Prof.^a Doutora Dália Filipa Veloso de Azevedo Liberato e Prof.^a Doutora
Fernanda Amélia Fernandes Ferreira

Vila do Conde, novembro de 2019

Politécnico do Porto
Escola Superior de Hotelaria e Turismo

Ana Filipa Leitão de Azevedo

**Proposta de um roteiro de miradouros no Norte de Portugal: a
importância da paisagem como recurso turístico**

Relatório de Estágio

Mestrado em Gestão do Turismo

Orientação: Prof.^a Doutora Dália Filipa Veloso de Azevedo Liberato e Prof.^a Doutora
Fernanda Amélia Fernandes Ferreira

Vila do Conde, novembro de 2019

Ana Filipa Leitão de Azevedo

**Proposta de um roteiro de miradouros no Norte de Portugal: a
importância da paisagem como recurso turístico**

Relatório de Estágio
Mestrado em Gestão do Turismo

Membros do Júri

Presidente

Prof.^a Doutora Susana Sofia Pereira da Silva

Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Instituto Politécnico do Porto

Prof.^a Doutora Dália Filipa Veloso de Azevedo Liberato

Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Instituto Politécnico do Porto

Prof.^a Doutora Ana Filipa Fernandes Aguiar Brandão

Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo –

Universidade de Aveiro

Vila do Conde, novembro de 2019

AGRADECIMENTOS

“And, when you want something, all the universe conspires in helping you to achieve it”

– Paulo Coelho

Obrigada às professoras Dália e Fernanda, sem os seus conhecimentos e visão não seria possível realizar esta investigação.

Obrigada ao meu pai por todo o apoio e paciência.

Obrigada ao meu namorado por me apoiar ao longo dos melhores e piores momentos de todo este processo e por toda a paciência e carinho.

Obrigada aos meus amigos e colegas por me incentivarem a continuar e pelo apoio.

Obrigada à Maria João, à Natália, à Fernanda e ao Cláudio por me receberem da melhor forma ao longo do estágio e pela ajuda e incentivo.

E também a todos os que realizaram os questionários e contribuíram para a realização deste estudo.

A Prof. Doutora Fernanda Ferreira, orientadora da presente dissertação, é membro integrado da UNIAG, unidade de I&D financiada pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do projeto “UID/GES/04752/2019”



RESUMO ANALÍTICO

Esta investigação procura reforçar o papel e a importância da paisagem como recurso turístico, que é cada vez mais valorizado nos destinos.

Deste modo, esta investigação foca-se na importância da paisagem como um recurso turístico e o seu impacto na motivação e preferência dos visitantes/turistas que visitam a região Norte de Portugal.

Objetivo - Compreender as preferências do turista e a sua motivação relativamente à paisagem como recurso turístico. No âmbito do estágio, será elaborado um roteiro de miradouros na região Norte de Portugal.

Metodologia - A metodologia utilizada no decurso desta investigação é quantitativa com base em inquéritos por questionário. A dimensão da amostra é de 302 participantes, que visitaram a região Norte de Portugal entre os meses de março e julho de 2019. O objetivo deste questionário é compreender as preferências do tipo de paisagem por parte dos turistas para deste modo averiguar em que medida as suas características afetam a escolha do destino e a motivação da visita. A formulação das hipóteses de investigação baseia-se na relação entre os elementos e estética da paisagem rural e urbana com as variáveis sociodemográficas dos inquiridos. Após a validação das hipóteses verifica-se que há uma relação entre a frequência da visita a miradouros e a inclusão dos miradouros no plano de viagem, o que suporta a pertinência deste estudo e da elaboração do roteiro.

Resultados - Os resultados demonstram que a preferência pelo tipo de paisagem incide na “paisagem costeira”, seguido de “paisagem de montanha”; A Área Metropolitana do Porto é visivelmente a mais visitada da região Norte, seguida do Douro. A maioria dos inquiridos incluem os miradouros no seu plano de viagem, e revelam preferência pela tipologia de miradouro “miradouros naturais”.

Limitações/Implicações – Foram observadas algumas limitações ao nível da revisão de literatura e disponibilização de dados relativos aos miradouros da região Norte. Foram sentidas dificuldades ao nível da aplicação de questionários, em virtude da sua extensão e face à necessidade de aplicação em toda a região.

Palavras-chave: Paisagem, Paisagem rural, Paisagem urbana, Recurso turístico, Norte de Portugal, Miradouros.

ABSTRACT

This research aims to emphasize the importance and function of the landscape as a tourism resource, increasingly valued in tourism destinations. In this sense, focuses on the importance of the landscape as a tourism resource and its impact on the motivation and preferences of the tourist in the northern region of Portugal as a tourism destination.

Objective - The main aim of this study is to understand tourist preferences and their motivation regarding landscape as a tourist resource. As a proposal regarding the internship, this study also presents an itinerary of viewpoints in the North region of Portugal.

Methodology - Methodology used in this study is quantitative and based on surveys supported with questionnaires. The sample size is 302 participants who have visited the North region of Portugal between March and July 2019. The aim of this questionnaire is to understand in what aspects the tourist preferences regarding landscape influence their visit and traveling purpose. The hypotheses of this study are based on the elements and aesthetics of both rural and urban landscape and their relationship with social demographic variables of the inquiries. After validating the hypothesis, it is notable that there is a relation between the frequency of viewpoint visit and the inclusion of viewpoints on the travel plan of visitors. This supports the importance of the itinerary created for this study.

Results – The findings of this study demonstrate the preference about “coastal landscape”, followed by “mountain landscape”; also, Porto Metropolitan Area is notably the most visited region in the North of Portugal, followed by the Douro region. Most respondents agree that they usually include viewpoint in their journey plans, emphasizing “natural viewpoints”.

Limitations/implications – This study identified some limitations regarding the literature review and availability of data related to the viewpoints of the Northern region. Difficulties were experienced regarding the application of questionnaires, due to its length and the need for application throughout the region.

Keywords: Landscape, Rural landscape, Urban landscape, Tourism Resource, North of Portugal, Viewpoints

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO ANALÍTICO	6
ABSTRACT.....	7
ÍNDICE DE FIGURAS	12
ÍNDICE DE TABELAS	13
ÍNDICE DE QUADROS.....	15
GLOSSÁRIO	16
0 – INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA	19
1.1 O Conceito de paisagem	19
1.2 A paisagem turística e o turismo de paisagem	23
1.3 Paisagem rural e paisagem urbana.....	26
1.4 A importância da paisagem como recurso potenciador do turismo.....	28
1.5 Os miradouros e a paisagem.....	33
1.5.1 A importância dos miradouros como recurso potenciador da paisagem: o potencial e a atratividade.....	34
1.6 Roteiro turístico	36
1.6.1 Elaboração de um roteiro turístico	38
CAPÍTULO 2– CARACTERIZAÇÃO DA ENTIDADE DE ESTÁGIO	41
2.1 Turismo do Porto e Norte de Portugal e Estrutura Organizacional	41
2.2 Estratégia do Marketing turístico do Porto e Norte de Portugal – Horizonte 2015-2020	42
2.3 Porto Welcome Center.....	45
2.4 Considerações finais do estágio.....	50
CAPÍTULO 3 - ENQUADRAMENTO EMPÍRICO METODOLÓGICO.....	52
3.1 Metodologia.....	52
3.2 Desenho da investigação.....	52
3.3 Instrumentos de recolha de dados.....	56
3.4 Inquéritos por questionário.....	56
3.5 Comparação com estudos anteriores	61
3.6 Formulação dos objetivos e hipóteses de investigação	64

3.7 Processo de Amostragem.....	65
3.8 Descrição da análise da recolha dos dados.....	67
CAPÍTULO 4 - DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	70
4.1 Análise descritiva	70
4.1.1 Perfil individual	70
4.1.2 Características da viagem	72
4.1.3 Paisagem rural e urbana	73
4.1.4 Miradouros	78
4.2 Validação das hipóteses de investigação.....	81
4.2.1 Validação da hipótese de investigação 1.....	81
4.2.2 Validação da hipótese de investigação 2.....	82
4.2.3 Validação da hipótese de investigação 3.....	84
4.2.4 Validação da hipótese de investigação 4	86
4.2.5 Validação da hipótese de investigação 5.....	87
4.2.6 Validação da hipótese de investigação 6	88
4.2.7 Validação da hipótese de investigação 7.....	89
4.2.8 Validação da hipótese de investigação 8	90
4.2.9 Validação da hipótese de investigação 9	92
4.2.10 Validação da hipótese de investigação 10.....	93
4.2.11. Validação da investigação de hipótese 11.....	93
4.3 Discussão de resultados	98
CAPÍTULO 5 - Elaboração de um roteiro de miradouros no Norte de Portugal	102
5.1 Enquadramento teórico	102
5.2 Proposta do roteiro.....	105
5.3 Roteiro de miradouros no Norte de Portugal.....	107
5.3.1 Rota do Porto 1 - Rota da Cidade do Porto.....	107
5.3.2 Rota do Porto 2 – Rota da Montanha.....	110
5.3.3 Rota do Porto 3 – Rota do Interior.....	114
5.3.4 Rota do Douro 1.....	116
5.3.5 Rota do Douro 2.....	119
5.3.6 Rota do Douro 3	121
5.3.7 Rota de Trás-Os-Montes 1.....	125
5.3.8 Rota de Trás-Os-Montes 2 – Rota do Douro.....	129
5.3.9 Rota de Trás-Os-Montes 3.....	132
5.3.10 Rota do Minho 1 – Rota da Costa	135

5.3.11 Rota do Minho 2 – Rota do Gerês.....	139
5.3.12 Rota do Minho 3 – Rota do Interior.....	142
CAPÍTULO 6 - CONCLUSÃO.....	146
6.1 Limitações do Estudo.....	147
6.2 Contributos para a Gestão do Destino.....	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	149
APÊNDICES.....	164
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO (PT).....	164
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO (ING).....	168
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO (ES).....	172
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO (FR).....	176
APÊNDICE C – LISTA DE MIRADOUROS NO NORTE DE PORTUGAL.....	180

INDÍCE DE FIGURAS

Figura 1 - Organograma TPNP	42
Figura 2 - Fachada do Porto Welcome Center.....	45
Figura 3 - Quadro de eventos do Porto Welcome Center.....	46
Figura 4 - Mesa interativa do Porto Welcome Center	46
Figura 5 - VideoHall do Porto Welcome Center	47
Figura 6 - Sala 360º do Porto Welcome Center	48
Figura 7 - Atividades para crianças do Porto Welcome Center.....	48
Figura 8 - Garrafeira do Porto Welcome Center	49
Figura 9 -Distribuição de frequências da relação entre as variáveis "tipo de paisagem" e "frequência da visita a miradouros"	91
Figura 10 - Rota da Cidade do Porto	107
Figura 11 - Rota do Porto 2 - Rota da Montanha.....	110
Figura 12 - Rota do Porto 3 - Rota do Interior	114
Figura 13 - Rota do Douro 1.....	117
Figura 14 - Rota do Douro 2.....	119
Figura 15- Rota do Douro 3.....	122
Figura 16 - Rota de Trás Os Montes 1.....	126
Figura 17 - Rota de Trás-Os-Montes 2.....	129
Figura 18 - Rota de Trás-Os-Montes 3.....	133
Figura 19 - Rota do Minho 1 - Rota da Costa.....	135
Figura 20 - Rota do Minho 2 - Rota do Gerês.....	140
Figura 21 - Rota do Minho 3 - Rota do Interior	143

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Hóspedes nos Estabelecimentos Hoteleiros (2016-2018)	55
Tabela 2 - Dormidas nos Estabelecimentos Hoteleiros (2016-2018)	55
Tabela 3 - Cálculo do coeficiente Alpha de Cronbach.....	67
Tabela 4 - Tabela de frequências do perfil individual.....	70
Tabela 5 - Tabela de frequências “Características da viagem”	72
Tabela 6 - Tabela de frequência “Características da paisagem rural”	74
Tabela 7 - Tabela de frequências “estética rural”	76
Tabela 8 - Tabela de frequência “características da paisagem urbana”	77
Tabela 9 - Tabela de frequência “estética urbana”	78
Tabela 10 - Tabela de frequência “miradouros”	79
Tabela 11 - Tabela de frequência “recursos e infraestruturas dos miradouros”.....	80
Tabela 12 - Média global empírica dos graus de importância	81
Tabela 13 - Validação das hipóteses para a hipótese 1.....	82
Tabela 14 - Hipótese 2.1. Valor da prova para os testes estatísticos Características da paisagem rural	83
Tabela 15 - Hipótese 2.2 Valor da prova para os testes estatísticos da estética da paisagem rural	83
Tabela 16 - Hipótese 2.3 Valor da prova para os testes estatísticos das características da paisagem urbana.....	83
Tabela 17 - Hipótese 2.4 Valor da prova para os testes estatísticos da estética da paisagem urbana.....	84
Tabela 18 - Hipótese 3 - Valor da prova para os testes estatísticos por variável sociodemográfica	85
Tabela 19 - Hipótese 4 - Valor da prova para os testes estatísticos por variável sociodemográfica para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson).....	86
Tabela 20 - Hipótese 4 - Valor da prova para os testes estatísticos por variável sociodemográfica para o teste de Spearman.....	86
Tabela 21 - Hipótese 5. Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)	88

Tabela 22 - Hipótese 6. Valor da prova para os testes estatísticos por variável sociodemográfica para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson).....	88
Tabela 23 - Valor da prova para os testes estatísticos da hipótese 7	90
Tabela 24 - Hipótese 8 - Valor da prova para os testes estatísticos por variável sociodemográfica para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson).....	90
Tabela 25 - Hipótese 9 - Valor da prova para os testes estatísticos por região do Norte de Portugal para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)	92
Tabela 26 - Hipótese 10 - Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)	93
Tabela 27 - Hipótese 11.1 - Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)	93
Tabela 28 - Hipótese 11.2 - Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)	95
Tabela 29 - Hipótese 11.3. Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)	96
Tabela 30 - Hipótese 11.4. Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)	97

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Divisão por região e respetivos municípios parceiros do Turismo do Porto e Norte	54
Quadro 2 - Estrutura do questionário	57
Quadro 3 - Graus de importância da escala de Likert	58
Quadro 4 - Elementos da paisagem rural por categorias (questão 11)	58
Quadro 5 - Elementos da paisagem urbana por categorias (questão 13).....	59
Quadro 6 - Aspectos da estética rural (questão 12)	59
Quadro 7 - Aspectos da estética urbana (questão 14)	60
Quadro 8 - Recursos e infraestruturas dos miradouros (questão 20)	61
Quadro 9 - Ficha técnica da amostra	66
Quadro 10 - Hipóteses de investigação e testes estatísticos utilizados.....	67

GLOSSÁRIO

ELC – European Landscape Convention

TPNP – Turismo do Porto e Norte de Portugal

DMO – Destination Management Organisation

PWC – Porto Welcome Center

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

0 – INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido no âmbito do curso de Mestrado em Gestão do Turismo, da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Instituto Politécnico do Porto, cuja modalidade de Relatório de Estágio requer o desenvolvimento de um projecto adaptado à entidade onde vai decorrer o estágio. Neste caso, o estágio foi realizado na entidade regional do Turismo de Porto e Norte de Portugal, mais concretamente, na loja interativa de turismo Porto Welcome Center.

Vários autores defendem o conceito de paisagem através de uma perspectiva histórica, conceptual ou sensorial. O valor e o significado da paisagem podem variar, devido à perceção e processo cognitivo de um indivíduo e à influência de valores culturais, bem como da própria imaginação. A criação da European Landscape Convention (ELC) em 2000, destaca a importância da paisagem como agente social, económico, cultural e ecológico, bem como sua contribuição para a riqueza da sociedade (European Landscape Convention, 2000). Como a paisagem é um recurso "universal" e está sujeita a constantes transformações, exige uma avaliação, proteção, gerenciamento e planeamento contínuos.

A paisagem é elemento de discussão e sensibilização relativamente à sua valorização e preservação ao longo dos últimos anos. Nos dias de hoje, a paisagem adquiriu uma maior valorização por parte da sociedade, principalmente porque lhe é atribuído valor por indivíduos ou grupos de indivíduos. A valorização da paisagem permitiu criar regulamentações e legislações relativamente à sua preservação e manutenção.

O turismo, quando associado à paisagem, representa um acréscimo de valor, o que faz da paisagem um recurso turístico fundamental, uma vez que atualmente o turista busca lugares com autenticidade e personalidade geográfica (Yázigi, Carlos & Cruz, 1996).

Esta investigação está dividida em seis capítulos. Na primeira parte do Capítulo Um, a revisão de literatura, enfatiza o importante papel da paisagem num determinado destino turístico, inicialmente foca-se no conceito de paisagem, o segundo ponto aborda os conceitos de paisagem turística e turismo de paisagem, desde a evolução do conceito ao papel desempenhado no turismo. A paisagem turística é o conjunto de valores e interpretações da paisagem que juntamente com os recursos e infraestruturas adequadas pretendem responder às necessidades do turismo. No terceiro ponto é feita a

distinção entre paisagem rural e paisagem urbana através das suas conceções e características. O quarto ponto aborda a importância da paisagem como recurso turístico e explora o papel e a influência da paisagem no turismo e em que medida a paisagem afeta a procura e a oferta turística. No ponto seguinte, são apresentadas perspetivas sobre os miradouros como recurso turístico, o conceito de miradouro, a relação dos miradouros com a paisagem e o seu papel e importância na dimensão turística.

No Capítulo Dois é apresentada a entidade de estágio, assim como os seus principais objetivos e estratégia, as funções que foram desempenhadas e aplicadas durante este período e as respetivas considerações finais.

O Capítulo Três descreve a metodologia da investigação, nomeadamente, o desenho da investigação, a elaboração dos inquéritos por questionário, a comparação com estudos anteriores e a formulação das hipóteses e objetivos de investigação, o método de amostragem, e por fim, a recolha de dados.

No Capítulo Quatro é feita a análise descritiva dos resultados relativos aos questionários, é elaborada a validação das hipóteses de investigação através dos respetivos testes estatísticos e são discutidos os respetivos resultados.

O Capítulo Cinco está centrado no roteiro em si, após uma breve introdução teórica aos conceitos de rota turística e *slow tourism*.

Por fim, no Capítulo Seis é apresentada a conclusão, que discute a perspetiva inovadora introduzida na análise da paisagem como recurso turístico, na região Norte de Portugal e as respetivas limitações do estudo e as contribuições para a gestão do destino.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA

1.1 O Conceito de paisagem

A beleza, a estética e a autenticidade são alguns dos principais fatores de atratividade de um destino turístico. As atrações turísticas, quer de caráter natural ou de intervenção humana, são componentes essenciais da oferta turística de uma região. O cenário paisagístico condiciona a atratividade de um destino, uma vez que este é um elemento que inevitavelmente faz parte de uma viagem.

A importância e a função da paisagem são alvo de discussão e objeto de sensibilização nos últimos anos. No âmbito do Património Europeu, é considerada um elemento fulcral que afeta a qualidade de vida das pessoas (Costanza, D’Arge, de Groot, Farber, Grasso, Hannon, Limburg, Naeem, O’Neil, Paruelo, Raskin, Sutton, Van den Belt, 1997; De Groot, Wilson and Bouman 2002; Millennium Ecosystem Assessment 2005; Wylie 2007; Gkoltsiou and Terkenli 2012). A criação da *European Landscape Convention* (ELC) em 2000 dá relevo à importância da paisagem como agente social, económico, cultural e ecológico, assim como a sua contribuição para a riqueza da sociedade (European Landscape Convention 2000). Uma vez que a paisagem é um recurso “universal” e está submetida a constantes transformações, exige uma avaliação contínua, proteção, gestão e planeamento. O pleno funcionamento da paisagem é suportado pelo seu desenvolvimento baseado em relações mútuas e de longo termo entre as necessidades sociais, a atividade económica e o ambiente (Nucic, 2012).

Na atualidade a paisagem adquiriu uma maior valorização por parte da sociedade, pois frequentemente lhe são atribuídos valores representativos por um ou mais conjuntos de indivíduos. A valorização da paisagem permitiu criar regulamentações e legislação relacionadas com a sua preservação e manutenção. Isto deve-se especialmente ao crescimento urbano e ritmo de construção dos últimos anos. Com a crescente valorização da paisagem como recurso, surge uma maior preocupação com aspetos ambientais que também desempenham um papel importante na conservação da paisagem, sobretudo nos meios rurais onde elementos naturais e humanos coexistem. Com tudo isto, podemos considerar a paisagem como um “bem comum”, um “capital” cuja rentabilidade social e especialmente económica é inegável. O turismo, quando

associado à paisagem, representa uma adição de valor, o que torna a paisagem um recurso turístico fundamental, pois o turista, na atualidade, procura lugares com autenticidade e personalidade geográfica (Yanes, 2017).

Para entendermos a importância da paisagem como um fator de atratividade, iremos explorar a evolução do seu conceito ao longo dos tempos. Deste modo, será apresentado o enquadramento teórico do conceito de paisagem segundo diferentes perspectivas.

Vários autores defendem o conceito de paisagem partindo de uma perspectiva histórica, conceitual ou sensorial. O valor e o significado da paisagem podem variar, em virtude da percepção e do processo cognitivo de um indivíduo e a influência de valores culturais, bem como a própria imaginação. Por outro lado, não existem paisagens iguais, e, portanto, a concepção de cada paisagem é diferente consoante os seus atributos físicos e as percepções de um determinado indivíduo.

Salgueiro (2001) explica que alguns investigadores encaram o conceito através de uma perspectiva morfológica, em contraste com outros que veem a paisagem como um conjunto de características físico-naturais e humanas e as suas respetivas interações. No entanto, a concepção mais “clássica” aborda a paisagem como “a porção do espaço geográfico que se abrangeia com o olhar, estudando como paisagem as características deste espaço” (Salgueiro, 2001). Yázigi (1996) afirma que: “a paisagem, indissociável da ideia de espaço, é constantemente refeita de acordo com os padrões locais de produção, da sociedade, da cultura, com os fatores geográficos e assume um importante papel no direcionamento turístico. Não se trata de dizer que ela seja a única forma de atração, mas que pesa muito no contexto de avaliação de outros fatores (alojamento, preço, entre outros); O turismo depende da visão”.

Podemos, neste sentido, constatar que a paisagem é um fator relevante na motivação dos turistas quando visitam um destino. Os componentes inseridos num contexto paisagístico acrescentam valor ao destino e ao mesmo tempo influenciam a decisão do turista.

Segundo Carneiro, Lima e Silva (2015), a paisagem é reconhecida como o resultado de uma visão individual e coletiva de um território específico, o que traduz a complexidade de elementos e fatores que influenciam a atratividade e a harmonia da paisagem.

Bertrand (1971) partilha da mesma opinião, pois concorda que “a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados”, mas sim “o resultado da combinação dinâmica (...) de elementos físicos, biológicos e antrópicos “que em conjunto tornam a paisagem “um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução”.

Vários autores defendem uma perspectiva da paisagem como um recurso que combina um conjunto de fatores, valores e percepções. Os estudos realizados não só abordam a paisagem como uma visão global do território e seus componentes naturais (relevo, vegetação e solo), mas também a cultura envolvente dos que a habitaram ou habitam atualmente (Yanes, 2017). Em resultado desta abordagem, a paisagem é um recurso endógeno que combina elementos do património histórico, cultural e natural, influenciando as expectativas dos visitantes e a sua procura por novos lugares e experiências (Aranzabal, Schmitz, Pineda, 2009; Marujo & Santos 2012).

A percepção da paisagem surge da relação estabelecida entre o espaço e o visitante e resulta da sua abordagem física e mental (Crouch, 2013). Por outras palavras, a paisagem envolve o local e as suas memórias históricas, a identidade e as emoções (Cauquelin, 2000, Lavrador Silva, 2008; Cosgrove e Daniel, 1988).

O principal enfoque de uma paisagem é o seu valor estético, especialmente porque apela aos sentidos visual e sensorial. Estas experiências sensoriais podem ser realizadas tanto de forma ativa (ex. apreciar a vista) ou passiva (ex. fazer uma caminhada) e segundo Breiby (2014), os elementos da paisagem que são mais valorizados são os “aspetos harmoniosos, a variação/contraste, o cenário/vista, a autenticidade e arte/arquitetura”. Boullón (1990) apresenta uma perspectiva mais filosófica e afirma que a existência da paisagem depende do ser humano, pois a paisagem reflete-se numa ideia concebida pelo ser humano e a sua interpretação estética da paisagem.

No entanto, se recuarmos no tempo, o conceito de paisagem incide sobre os séculos XVIII e XIX no contexto europeu e foca-se sobretudo, no seu sentido estético. A literatura e a arte foram os grandes catalisadores da percepção da paisagem nesta época, apresentando contributos de carácter cultural e estético (Schama, 1995; Andrews, 1999).

O movimento Romântico da época influenciou a percepção da paisagem que anteriormente era associada a locais de difícil acesso e pouco seguros e contrasta com

uma visão mais “romantizada” que é associada a locais de contemplação e beleza natural. (Hose, 2008; Hamilton, 2012; Erfurt-Cooper, Sigurdsson, Lopes, 2015; Hudson 2016). Esta percepção “romantizada” é essencialmente motivada pela arte pitoresca e sublime de locais naturais dotados de um forte caráter geológico. (Andrews, 1987).

Foi apenas a partir da metade do século XX que o conceito de paisagem começou a ser explorado de um ponto de vista mais científico ou até mesmo uma combinação de ambas as percepções: científica e “romântica”. Ambos os pontos de vista, estético e científico, são abordados em conjunto na atualidade e regem-se por padrões de sustentabilidade.

A paisagem pode ser entendida como um ponto comum entre “a natureza e as pessoas, o passado e o presente e valores tangíveis e intangíveis” (Phillips, 2005), existe uma interação contínua entre processos naturais e a atividade humana onde ambas se moldam e são moldadas entre si (Wylie, 2007; Roe & Taylor, 2014). A convenção europeia da paisagem (European Landscape Convention, 2000), reconhece que tanto os componentes físico-naturais e a intervenção humana são características inseridas no contexto paisagístico.

O turismo também beneficia dos atributos da paisagem, o que conduz às suas transformações, tanto negativas como positivas (Millenium Ecosystem Assessment 2005; Zareba 2010). Tendo em conta o importante papel que este setor de atividade desempenha no contexto paisagístico, segundo Briasoullis (2002), a manutenção da paisagem para a contribuição do desenvolvimento sustentável do turismo é uma necessidade que requer o equilíbrio entre a manutenção do património cultural e natural e as necessidades sociais da economia regional.

Com o desenvolvimento das regulamentações, percepções e importância da paisagem, surgem novas características e necessidades deste recurso turístico.

Phillips (2005) enumera alguns aspetos relevantes sobre as características e as necessidades da paisagem: (1) a paisagem é universal, existe em qualquer lugar onde há interação com a humanidade e com a natureza, tanto no espaço rural como no espaço urbano; (2) é dinâmica, evolui e sofre alterações com o passar do tempo, em consonância com os processos naturais e as necessidades e atividades da população; (3) é hierárquica, existem elementos de maior e menor dimensão inseridos na paisagem; (4) é holística,

abrange todas as dimensões histórica, natural e os fenómenos naturais. A sua abordagem deve ser feita numa perspetiva multidisciplinar, abrangendo as dimensões ecológica, económica, cultural e social.

Estes pontos devem ser tomados em conta na gestão e planeamento da sustentabilidade da paisagem como recurso turístico. A paisagem estabelece ligações entre as pessoas e a natureza e deve ser reconhecida e valorizada com base nesta visão, pois a paisagem não é simplesmente um recurso, mas desempenha também o papel de intermediário para o desenvolvimento sustentável de uma região.

1.2 A paisagem turística e o turismo de paisagem

Conhecer outras paisagens, outras fisionomias diferentes é uma forte motivação por parte dos visitantes. A curiosidade é um fator motivador das deslocações provocadas pelo turismo (Gros, 2002). A paisagem é um elemento crucial no espaço turístico (Terkenli, 2000; 2002; 2006; 2011; Wlodarczyk, 2009). Por essa razão a paisagem é objeto de estudo na área do turismo, pois não só desempenha o papel de recurso turístico, mas a sua manipulação, evolução e gestão são aspetos relevantes para a investigação atual sobre este tema (Pietrzak, 2010).

No geral, a literatura referente às relações entre o turismo e a paisagem, revela que este é um assunto recente, mas que se encontra em desenvolvimento por parte dos geógrafos, ecologistas e arquitetos paisagistas. No entanto, surge um novo conceito “turismo de paisagem”, revelador de uma evolução na relação entre ambos os conceitos (Skowronek, Tucki, Hujibens e Jozwik, 2018). Zareba (2010) e Kulczyk (2013) consideram que as atividades envolventes no turismo de paisagem devem ter em conta a manutenção e a harmonia do ambiente cultural e natural e a atividade económica (Skowronek et al., 2018).

De acordo com a literatura, alguns autores afirmam que a “paisagem turística” é a fisionomia, um ponto geográfico ou o “espaço turístico”, enquanto outros consideram que a “paisagem turística” é um local com as suas próprias características que são uma

consequência do turismo, o que a distingue de outros tipos de paisagem (Kowalczyk and Derek 2010; Myga-Piatek 2012).

Segundo Wall in Jafari (1982) e Richling (2010), a “paisagem turística” pode ser de origem natural, ou antrópica e constitui potencial para desempenhar a função turística, o que gera fluxos turísticos. Krzymowska-Kostrowicka (1999) e Richling (2010) afirmam que a paisagem turística é a área onde o turismo desempenha a sua atividade de forma temporária ou permanente. Já Kowalczyk e Derek (2010) e Richling (2010) caracterizam a paisagem turística como o espaço onde o desenvolvimento do turismo é por si só um complemento da paisagem. Já Dietvorst (1998) descreve a paisagem turística como “uma miríade de transformações simbólicas físicas e/ou socioeconómicas da paisagem original, de forma a responder aos interesses dos turistas e da indústria turística”, perspectiva similar à de Terkenli (2002) que afirma que o turismo de paisagem é “o produto das atividades turísticas que tendem a dominar a área e “modificar” a sua aparência”. Myga-Piatek (2012) reconhece também que o turismo de paisagem “é um protótipo da paisagem cultural, que é o resultado do desenvolvimento do turismo e cuja função predominante é receber os turistas. A paisagem turística é primariamente determinada não só pelos seus potenciais valores ou funções, mas por infraestruturas turísticas, que definem o espaço e a diferenciam de outros tipos de paisagem”.

Apesar de expressas por outras palavras, as opiniões dos diferentes autores, de acordo com a literatura, vão de encontro ao mesmo princípio. Todos os autores estabelecem uma ligação entre a paisagem e o seu respetivo potencial turístico: a paisagem turística é um local que dispõe dos recursos e acessibilidades necessárias para o desempenho da função e das atividades relacionadas com o turismo. A paisagem turística constitui um fator de atratividade e dispõe das características naturais e antrópicas necessárias para responder às necessidades da atividade turística.

Entende-se que espaço turístico é um local onde é possível realizar e praticar a atividade turística, através dos recursos disponíveis. O turismo de paisagem é a atividade praticada no espaço turístico, neste caso específico, na anteriormente denominada “paisagem turística”.

De acordo com Phillips (2005), a paisagem turística distingue-se pelas seguintes características: (1) A genética, em que a “paisagem turística” é entendida como “paisagem cultural”, é o produto das constantes alterações resultantes do desenvolvimento turístico; paisagem cultural pode ser homogénea ou heterogénea, e a coexistência de diferentes tipos de paisagem constitui um fator de atratividade para o turismo. (2) A fisionomia: em que a paisagem turística reflete o desenvolvimento do turismo que se modifica de acordo com as necessidades e a evolução da economia. É a fisionomia de um determinado espaço turístico que conecta ambos os elementos culturais e naturais que determinam os efeitos da atividade turística. (3) A funcionalidade: a paisagem turística tem potencial para exercer funções associadas à prática do turismo, quer do ponto de vista temporário quer permanente. A evolução de infraestruturas e recursos para a prática do turismo acompanha as diferentes fases do desenvolvimento da paisagem. (4) O trabalho em rede: a paisagem turística constitui-se por vários elementos (internos ou externos) que comunicam em rede, o que evidencia coerência a nível interno cujo objetivo é prestar apoio às infraestruturas e serviços complementares. (5) A dimensão social: a relação com os turistas é um aspeto fundamental, pois são os principais intervenientes nesta atividade. O objetivo é fomentar o desenvolvimento da paisagem através do turismo (recolha de opiniões, feedback, reavaliações), e pode ser moldada de acordo com as preferências e as atividades dos turistas. (6) As atrações turísticas: ou seja, os elementos de cariz cultural ou natural. Esses elementos cativam o interesse dos turistas e correspondem às suas expectativas e necessidades, o que aumenta o fator atratividade. (7) As infraestruturas turísticas: o funcionamento do turismo está condicionado pela disponibilidade de serviços e infraestruturas, cujo objetivo é tornar o espaço acessível e responder às necessidades e carências do turismo. (8) Os turistas, que são o principal elemento da atividade turística no contexto da paisagem turística. São os turistas que moldam a paisagem de acordo com os seus interesses, preferências e necessidades. (9) Por fim, o imaginário, ou seja, a conexão emocional e sensorial de um turista. No fundo, a experiência individual do turista ao desfrutar da paisagem e o contraste com as suas ideias pré-concebidas sejam elas positivas ou negativas.

Ao relacionarmos as perceções da paisagem quando associadas ao turismo, é importante salientar que a paisagem se encontra em transformação e em constante mutação devido às atividades turísticas e ao crescimento do turismo nela desenvolvidas, as perceções

podem mudar com o desenvolvimento/crescimento do turismo e com o passar do tempo.

1.3 Paisagem rural e paisagem urbana

Na atualidade, e em virtude dos efeitos da globalização, observa-se uma maior homogeneização do território. A paisagem cultural, em muitos casos, contém ambos os elementos puramente naturais e elementos de intervenção humana. Tanto a paisagem rural como a paisagem urbana transmitem valores coletivos e são consideradas símbolos da identidade de um determinado local ou região. A paisagem é, em síntese, o cartão de visita da cidade ou região, constituindo-se desse modo, como a sua própria identidade que atua na dimensão da atratividade turística.

O meio rural e a paisagem rural são entendidas como as mais “genuínas”, pois um dos fatores de maior atratividade é a autenticidade, muitas vezes relacionada com a cultura e a natureza envolventes. A maior motivação de visita no meio rural é a procura de tranquilidade, a proximidade com a natureza e o fator “autenticidade” (Chambers, 2009; Kastenholz, 2002). A paisagem é considerada a principal característica do meio rural e desempenha o papel de recurso turístico (Garrod, 2006). No entanto, a paisagem não é considerada como um elemento único, mas antes associada à cultura e património histórico circundante, o que torna a paisagem um elemento multifuncional (Disart, Marcouiller, 2012). Os elementos visuais que constituem uma paisagem rural (tanto naturais como de intervenção humana) são esteticamente agradáveis e apelam aos sentidos, pelo que podemos traduzir esta experiência como uma percepção sensorial (Groot & Van Den Born, 2003; McGinn, Evenson, Herring, Huston & Rodriguez, 2007).

Alguns elementos de origem natural determinam o tipo de paisagem e influenciam as preferências dos visitantes, uma vez que o estímulo visual é o principal fator que contribui para a atratividade da paisagem. O tipo de vegetação é um dos principais elementos influenciadores do tipo de paisagem rural, a diversidade, o tipo de vegetação e a sua intensidade são os principais parâmetros a ter em conta. Segundo Pérez (2002), Lindemann-Matthies, Briegel, Schüpbach e Junge (2010), e Surová e Pinto Correia (2008), é apreciada maioritariamente pela presença de árvores como o carvalho e o castanheiro,

tanto em paisagens aráveis como predominantemente arborizadas. Outros elementos como cursos de água, rios, lagos, lagoas, oceano, entre outros, e a presença de encostas ou grandes depressões ditam da mesma forma as preferências dos visitantes em áreas rurais. Apesar das perspectivas de Aranzabal, Schmitz & Pineda (2009), Múgica e De Lucio, (1996) e Pérez (2002), em que os cursos de água nem sempre são um dos elementos mais importantes, pois alguns locais não apresentam esta característica, na realidade, em locais onde existe é bastante valorizada.

Fatores de intervenção humana como pequenas construções (ex.: casas tradicionais) e a presença de vida humana, apesar de reduzida, são igualmente um fator de atratividade; alguns estudos revelam que os visitantes preferem uma paisagem onde é possível vislumbrar uma pequena vila (Savadi, González-Roa, Calatrava-Requena, 2009).

Os geossítios são considerados um tipo de paisagem inserido na paisagem rural, apesar das suas características serem exclusivamente de origem natural, por serem locais de património geológico.

O Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF, IP), em Portugal, explica através da sua plataforma online o conceito de geossítios: “O conceito de geossítio aplica-se aos elementos do património geológico que constituem uma ocorrência de reconhecido valor científico, face à restante envolvente; pode, contudo, apresentar mais do que um tipo de importância, nomeadamente didática, cultural ou estética”. Apesar de “considerados pelo Regime Jurídico da Conservação da Natureza e da Biodiversidade um valor natural, tal como os elementos da biodiversidade e as paisagens, os geossítios não têm consagrado a nível nacional um regime específico de classificação”.

No entanto, no que concerne à sua proteção e conservação, a sua figura de classificação enquadra-a num “Monumento da Rede Nacional de Áreas Protegidas”.

Em contraste, a paisagem urbana segundo Mercante (1991), “é o resultado das mudanças do meio físico provocadas pelo homem, sendo uma paisagem natural modificada na sua dinâmica, ligada aos sistemas políticos e económicos dominantes ao longo do processo histórico. A paisagem urbana combina elementos naturais e culturais, no entanto uns podem sofrer alterações em detrimento de outros devido a fatores de natureza económica, cultural e social. Naturalmente, as vivências experienciadas na paisagem

urbana provocam emoções e reações diferentes da paisagem rural. Cavalheiro (1991), por exemplo, assume que a paisagem urbana é uma paisagem alterada, derivada da paisagem original, e essas alterações podem ter consequências negativas ou positivas.

Numa outra perspectiva, Cullen (1983) afirma que a paisagem urbana pretende conjugar a coerência e a organização do espaço urbano, através da gestão do planeamento das ruas, espaços e edifícios que constituem o ambiente urbano. Cullen (1983) acrescenta que uma rua ou avenida dispostas de forma muito simplificada podem tornar-se monótonas para os visitantes do ponto de vista visual. Cullen (1983) indica algumas características da paisagem urbana: a ótica, ou seja, a perceção sequencial do espaço urbano (diferentes pontos de vista de diferentes perspectivas a nível visual); o local, em que são provocadas no indivíduo diferentes sensações segundo o tipo de local onde se encontra (locais fechados, locais abertos); e o conteúdo, isto é, os elementos presentes na paisagem urbana comumente associados aos espaços urbanos (luzes, edifícios, arranha-céus, entre outros). As paisagens no contexto urbano contribuem para a sustentabilidade e biodiversidade da paisagem urbana com a inclusão de espaços verdes (parques urbanos, jardins) (Zárate, 2013).

A paisagem urbana é na maioria dos casos o cartão de visita de uma cidade, desenvolvida pelo *city marketing* cujo objetivo é apelar ao sentido estético e às emoções, e consequentemente contribuir para a atratividade de um destino.

1.4 A importância da paisagem como recurso potenciador do turismo

Como referido anteriormente, a literatura que aborda a função da paisagem como recurso turístico é limitada. A relação entre a paisagem e o turismo é vagamente explorada. No entanto, existem estudos que exploram a ligação entre a paisagem e a sua estética e a sua influência nos turistas, isto é, o fator de atratividade de uma paisagem.

Os estudos que relacionam o turismo e a paisagem são relativamente recentes. Como já mencionado, a relação entre o turismo e a paisagem é um assunto que começou a ser abordado no final do século XX. Terkenli (2004) defende que os estudos que incidem na relação do turismo e da paisagem surgem nos anos 90, referindo ainda a distinção entre

três perspetivas. A primeira perspetiva aborda o impacto do turismo sobre a paisagem, devido ao crescimento e desenvolvimento da atividade turística. A segunda perspetiva abrange o interesse e consciencialização da sustentabilidade da paisagem pelos órgãos europeus e internacionais, que valorizam a conservação da paisagem, do ambiente e dos valores histórico-patrimoniais. Por último, a terceira perspetiva apresenta uma abordagem mais complexa adotando perspetivas estruturalistas que aprofundam a questão das interações do turismo e da paisagem e os respetivos impactos e alterações que podem surgir: o seu consumo, a sua conservação e o seu desempenho no quotidiano e no contexto turístico.

Podemos afirmar que a paisagem é o elemento que está no primeiro plano da procura turística, o que reflete a sua atratividade neste contexto (Cruz, 2002). Segundo Terkenli (2004), “como imagem ou representação de um lugar, a paisagem representa o meio principal e mais durável de contacto entre o turista e o lugar prospetivo ou consumido”. Deste modo, podemos considerar a paisagem um recurso turístico, parte de um produto turístico e um elemento identitário dos destinos turísticos, o cartão de visita de um destino. A paisagem não só é um elemento de atratividade por parte do visitante (e da própria população), mas é igualmente um elemento que se molda conforme as necessidades que a atividade turística exige, ou seja, podemos dizer que a perceção da paisagem é modificada e reinventada pelo próprio consumidor.

Breiby (2015) definiu parâmetros relativamente à dimensão estética da paisagem, sendo eles a harmonia, o cenário/vista, a pureza, a genuinidade e a variedade/contraste. Breiby (2015) ainda defende que existe uma ligação direta entre a estética de uma paisagem e a satisfação do turista que conseqüentemente se traduz na vontade de voltar a repetir a visita, reforçando que para entender melhor a experiência dos turistas, a investigação nesta área deve incidir nas dimensões estéticas do ambiente antrópico e natural.

As DMO's (Destination Management Organization's) devem procurar potencializar a paisagem como recurso turístico com o objetivo de atingir a máxima satisfação dos turistas. Outra preocupação das DMO's passa por gerir e planear os recursos disponíveis de uma paisagem turística de forma a atingir dois propósitos: acrescentar valor turístico ao local (tendo em conta a sua sustentabilidade nas várias dimensões) e usá-lo como um

recurso que se distingue como uma vantagem competitiva relativamente a outros destinos.

Kaplan & Kaplan, (1989) concordam que a natureza desenvolve um efeito estimulante nas pessoas. Já Bourassa (1990) e Strumse (2001, 2002) apontam outras características como a própria paisagem, o cenário, a harmonia que acabam por influenciar o estado de espírito e o bem-estar dos indivíduos que visitam esses locais.

Estudos que relacionam a paisagem com o turismo, apresentam conclusões semelhantes que demonstram um conjunto de características e/ou particularidades que os visitantes consideram mais importantes, ou as que são mais valorizadas, como : o cenário, ou a vista (Hazen, 2009; Jacobsen, 2011; Raadij, Cottrel, Fredman, Ritter, Newman 2010), a limpeza do espaço (Coghlan, Prideaux, 2009; Haukeland, Grue, Veisten 2010; Hazen, 2009), paisagem interessante/bonita e dramática (Haukeland et al., 2010; Jacobsen 2011; Raadik et al., 2010) e por fim, o silêncio e a tranquilidade (Haukeland, Midtgard, 2000; Raadik et al., 2010). Outros fatores podem influenciar a procura de determinadas tipologias de paisagem por parte dos turistas, como a estação do ano e as condições meteorológicas (Pérez, 2002). As características sociodemográficas podem igualmente desempenhar funções na procura da paisagem como recurso turístico, nomeadamente a idade (Múgica & De Lucio, 1996; Pérez, 2002); ainda, as motivações e as atividades desenvolvidas num determinado território (Aranzabal et al., 2009; Múgica & De Lucio, 1996; Rogge, Nevens e Gulinck 2007; Surová e Pinto Correia, 2008), a duração da visita (Múgica e De Lucio, 1996) e até mesmo o local de origem do visitante e a sua experiência e atitude prévia com a natureza (Arnberger & Eder, 2011).

A paisagem cultural desempenha um forte papel na identidade e perceção de um destino turístico, sendo considerada um produto turístico que detém valor e significado proporcionando emoções individuais e coletivas (Baudry e Paquot, 2003). A paisagem é um recurso turístico imprescindível de um destino e que se encontra naturalmente presente independentemente da sua tipologia, o cenário envolvente é cada vez mais valorizado nos dias de hoje.

A paisagem pode ser reconhecida também como um produto turístico, pois é um recurso turístico que pode exercer/disponibilizar serviços ou funções comumente associadas

a um produto turístico. Segundo Castro (2002), o uso da paisagem para usufruto dessas atividades “é possível em função do conteúdo simbólico prévio do qual ela [paisagem] se encontra revestida”. Isto é, as alterações efetuadas devido à atividade turística devem tomar atenção ao contexto histórico-patrimonial onde está inserida e respeitar as suas exigências ou condicionantes. No entanto, isto não implica a perda total da herança e da identidade de um determinado local, a paisagem turística pode em alguns casos transmitir uma maior sensação de pertença (Tuan, 1979).

A paisagem como recurso turístico pode ser transformada em produto turístico através de técnicas de marketing adequadas e dotação de infraestruturas e serviços associados ao turismo. A paisagem pode contribuir para a sustentabilidade do meio onde está inserida na medida em que, se atingir um determinado nível de popularidade e atratividade, pode condicionar a urbanização excessiva. Deste modo, podemos reforçar a ideia de que a paisagem atua como um recurso potenciador do turismo que, se planeado corretamente, pode contribuir para a sustentabilidade e conservação do meio onde está inserido. A paisagem contribui para a coerência e identidade do destino, especialmente se apresentar valores patrimoniais.

No âmbito da promoção e desenvolvimento das paisagens, surge uma nova questão relativamente à artificialidade de uma paisagem, que é criada em consequência da sua exploração abundante e da crescente popularidade do destino. Alguns intervenientes tiram proveito deste fenómeno para promover um destino através do marketing de paisagem, cujo objetivo é inventar e reinventar paisagens como produto turístico de forma a corresponder às expectativas dos visitantes. “As paisagens turísticas são, de forma artificial, a tradução no espaço das expectativas espaciais de consumidores-turistas, cujos gostos já foram devidamente trabalhados pelos *mass media*” (Cruz, 2002). Cruz (2002) acrescenta ainda que as paisagens artificiais não são produtos da história ou do património de um local, mas sim um resultado do efeito turístico. Podemos concordar com Pires (2001), que afirma que a “paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas. A paisagem é um elemento substancial do fenómeno turístico e, portanto, um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística”.

Conclui-se que a paisagem e o turismo são indissociáveis, especialmente quando a natureza se assume como qualificação fulcral do produto turístico. As experiências

turísticas através da paisagem, passivas ou ativas, ganham um crescente significado na oferta turística e assumem-se como elemento central da procura. No entanto, para encontrarmos um equilíbrio na relação entre a paisagem e o turismo não podemos descartar o contexto social onde está inserida e a população local. As paisagens turísticas devem ser exploradas, planeadas e desenvolvidas com cuidado e coerência, considerando os seus valores e a população onde está inserida. As paisagens transmitem significado histórico e cultural; no entanto, refletem também o resultado de fatores como as políticas económicas, sociais e ambientais.

1.5 Os miradouros e a paisagem

Segundo Fry, Skar, Jerpassen, Bakkesuten e Erikstad (2004), Kvamme (1990), Lock e Stancic (1995), e Tilley (1994), os miradouros são usados como um recurso para a visualização e contemplação de uma paisagem, como são exemplo, locais de carácter arqueológico, cultural e patrimonial. A sua localização pode variar consoante o tipo de paisagem e as condições geográficas onde se inserem. Dependendo da sua estrutura e localização, através dos miradouros podemos contemplar a paisagem de diferentes perspectivas.

Os miradouros são uma estrutura que por norma se situa em locais de elevada altitude, o que permite a visualização de um vasto panorama sobre a paisagem. Permanecer num local de altitude superior ao terreno envolvente desperta sentimentos de superioridade e entusiasmo (Kalen, 2002). Existem, no entanto, miradouros em locais de baixa altitude ou térreos, especialmente em locais cuja geografia se caracteriza predominantemente por vales ou grandes depressões.

Os miradouros podem ser naturais ou antrópicos (Todorović, 2016). Nos aspetos de carácter natural distinguem-se as colinas, montanhas, picos, falésias, entre outras formas geomorfológicas (Todorović, 2016). Um miradouro na sua estrutura ou plataforma pode ser encontrado frequentemente em locais naturais, já referidos anteriormente, especialmente em montanhas ou zonas costeiras. Os miradouros de cariz antrópico retratam diversos elementos numa estrutura ou edifício, também em elevada altitude, permitindo igualmente a contemplação de uma paisagem. Este tipo de miradouros pode ter outro propósito para além da visualização da paisagem podendo, no entanto, exercer essa mesma função (ex.: arranha-céus, castelos, fortes, pontes, torres, rodas gigantes e outros monumentos do património histórico e cultural).

Uma característica distinta dos miradouros é que estes são geralmente denominados como uma atração turística, o que realça alguma relevância para os miradouros antrópicos.

Nos casos em que o único acesso é pedonal, um caminho pedestre ou até através da escalada, os miradouros assumem também um papel recreativo (Todorović, 2016).

Em suma, é possível concluir que os miradouros são estruturas ou plataformas que servem de recurso à visualização de uma paisagem num destino turístico. Podem adquirir diversas formas e funções, no entanto não deixam de se distinguir como uma forte atração turística independentemente do local ou do tipo de paisagem e até mesmo do tipo de turista.

1.5.1 A importância dos miradouros como recurso potenciador da paisagem: o potencial e a atratividade

Serão expostos, em seguida, os fatores potenciadores e de atratividade de uma paisagem, com o apoio dos miradouros como recurso turístico. A escolha da localização de um miradouro implica uma avaliação da performance e visibilidade da paisagem (Potra, 2016).

O turismo é influenciado e tem forte dependência da estética das paisagens, o que reflete a valorização da atratividade de um destino (Liu, Dietz, Carpenter, Alberti, Folke e Moran 2007). As sinergias entre o turismo e a paisagem são essenciais para no futuro responder às necessidades sociais e ecológicas do meio paisagístico (Heslinga, Groote, Vanclay, 2017).

De modo a enriquecer a experiência do visitante o desafio é potencializar a paisagem através das suas vivências, da informação disponível e da acessibilidade. Uma forma de promover a paisagem é a divulgação através de métodos interativos, nas dimensões emocional e imaginativa, o que permite despertar as sensações de espanto e admiração pelas características naturais da paisagem (Gordon, 2012; Gordon, 2016; Pralong 2006; Dyer, 2007; Staiff 2014; Macadam, 2018). As paisagens apresentam vários atributos distintos, sendo então consideradas como um recurso turístico de motivação complexa (Jovičić, 1989), e ao mesmo tempo manifestam um carácter complementar à oferta turística (Jovičić, 2008). Estas motivações estão associadas à prática de turismo cultural, logo a motivação que leva os turistas a visitar locais de beleza paisagística é uma necessidade cultural (Jovičić, 1989; 2008). Graças aos seus atributos de atratividade, as paisagens são capazes de responder às necessidades do turista (Todorović, 2015).

É necessário um forte investimento na paisagem como potencial recurso turístico, permitindo assim pertencer ao leque da oferta turística de um destino. Deste modo, após a sua exploração económica, pode ser considerado o seu valor turístico e o seu valor como recurso motivador da procura (Todorović, 2016). A motivação por parte dos turistas pode ser influenciada pela paisagem de um destino ou pelas atividades a ela associadas. A paisagem desempenha uma importante função na oferta turística também ao nível dos produtos turísticos disponíveis nessa região como é o caso da hotelaria. Apesar de a influência das paisagens não atuar propriamente através de participação direta nas atividades turísticas, indiretamente acrescenta valor a um destino turístico. Daí podermos considerar a paisagem como um recurso turístico ao invés de um produto turístico (Todorović, 2016). Segundo Pacheco e Oliveira (2011) “A paisagem, desempenha um papel fundamental na atratividade de um destino turístico em função do seu poder intrínseco de beleza, bem-estar, prazer e satisfação, tem alto grau de representatividade no momento da escolha do turista/visitante enquanto espetador”.

Isto é, a paisagem é um elemento representativo do destino e funciona como cartão de visita, acabando por influenciar e determinar a escolha do visitante.

Os miradouros desempenham um forte papel como recurso potenciador da paisagem uma vez que se apresentam como pontos seguros e de sinalização fidedigna para os visitantes. Do ponto de vista da contemplação de uma paisagem, os miradouros agem como potenciadores da paisagem pois são considerados locais próprios e específicos para visualizar um cenário paisagístico. O conceito de miradouro, por si só, está associado a um local com uma ótima visibilidade e implica a visualização de uma paisagem, sendo, deste modo, locais que acrescentam valor não só ao destino turístico, mas também à própria vivência e experiência do visitante/turista.

De forma a promover e potencializar a atratividade dos miradouros, deverão ser tomadas em consideração as seguintes estratégias:

- Valorizar a paisagem e contribuir para a sua sustentabilidade nas dimensões ambientais e económicas. Saber avaliar de forma a entender quais os locais mais adequados para a prática do turismo.

- Dotar com infraestruturas, dinamizar os locais de miradouro (ex. restaurantes, lojas, lavabos, etc.). Instalação de novos equipamentos ou, em alguns casos aplicar um sistema de cobrança por visita.
- Definir rotas, criar caminhos de forma a maximizar o potencial da paisagem.
- Divulgar através de sinais de rua ou painéis informativos, a localização e alguma informação relativa aos miradouros de um local.
- Encorajar e colaborar com os setores público e privado com o objetivo de melhorar e potencializar os miradouros.
- Monitorizar e investir na investigação e desenvolvimento dos miradouros como recurso potenciador do turismo, tendo, no entanto, em conta a sua sustentabilidade.

1.6 Roteiro turístico

Dado o panorama atual do turismo mundial, o planeamento da viagem é uma etapa que a maioria dos turistas efetuam num determinado espaço temporal e que pode ser realizado antes ou depois da viagem. O roteiro turístico é um itinerário planeado constituído por elementos ordenados que conferem atratividade e identidade a um determinado local ou região e cujo propósito é potencializar a gestão, promoção e a comercialização do destino (Ritchie e Crouch, 2003).

O conceito de roteiros turísticos é aplicado a qualquer mercado turístico, independentemente da sua dimensão e ambiente. Os roteiros turísticos podem abranger dimensões local, regional, nacional e até internacional e aplicam-se em áreas urbanas ou rurais.

Os roteiros turísticos desempenham um forte papel na promoção e comercialização de um destino ou produto turístico. São importantes ferramentas que dinamizam o turismo (Ritchie e Crouch, 2003). Algumas características inerentes aos roteiros turísticos estão relacionadas com o seu local de emissão, que pode ser de carácter emissivo (elaborado do ponto de vista do emissor) ou recetivo (elaborados por parte do recetor). Quanto ao seu

conteúdo, este pode ser de índole imaterial (roteiros gastronómicos, roteiros de festas e romarias), material (roteiros monumentais, históricos e arquitetónicos) ou temáticos.

Em síntese, os roteiros turísticos são ferramentas que potenciam a dinamização de um destino turístico, realçam os seus atrativos, as suas particularidades e o contexto histórico-social.

Os roteiros turísticos são um bom instrumento estratégico, uma vez que servem de referência para concentrar e gerir a oferta turística, diferenciar mercados, planear e aplicar investimentos enquanto simultaneamente, por consequência, ocorre o desenvolvimento e promoção da região (Bahl, 2004). A aplicação de roteiros turísticos contribui igualmente para a consolidação da oferta de um destino uma vez que é possível diversificar a oferta e expandir a procura.

Os roteiros turísticos devem ser atualizados e expandidos de acordo com o crescimento da oferta turística e funcionam como um guia para expandir e reorientar as ações estratégicas da vertente turística (Bahl, 2004). O roteiro turístico em si pode tornar-se um produto turístico da região, por consequência da sua dinamização, exploração e especificidade, que Bahl (2004) justifica: “Entre a diversidade de atividades inerentes ao planeamento turístico, a mais evidente é a elaboração de roteiros formatados como produtos, pois resumem um processo de ordenamento de elementos intervenientes na efetivação de uma viagem. A elaboração pode estabelecer diretrizes e gerar uma circulação turística posterior, seguindo determinados trajetos, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento racional da região e dos atrativos a visitar”.

Deste modo, os roteiros transformados em produtos turísticos podem contribuir para a atratividade do destino e assumem o papel de produtos-líder reforçando assim a identidade do destino. Um determinado produto turístico pode ser característico ou até mesmo específico da região. Quando é transformado e aplicado num roteiro, a dinâmica do produto molda-se à oferta e às necessidades do turismo.

Os roteiros podem abranger elementos que se traduzem em atrativos turísticos e serviços: podem ser atrativos naturais, atrativos culturais (gastronomia, artesanato, romarias), atrativos técnicos, artísticos ou científicos (aquários, museus, instalações

artísticas) e eventos programados (feiras, congressos, seminários, eventos desportivos, entre outros).

A elaboração de um roteiro turístico conjuga bens e serviços característicos da região, dos quais muitos são convertidos em produtos turísticos. Segundo Mtur (2007:15) “a roteirização confere realidade turística aos atrativos que estão dispersos através da sua integração e organização”.

Para elaborar um roteiro turístico há que ter em conta alguns parâmetros, nomeadamente a sincronização entre o espaço-tempo e os bens e serviços (Nunes, 2016). A vinculação destes elementos ocorre nas dimensões da relação entre o tempo e a distância percorridos entre cada atrativo e a disponibilidade de bens e serviços que complementem a oferta turística. Estas propostas podem variar a sua estrutura e planeamento de acordo com as características da região e o tipo de oferta e produtos turísticos disponíveis.

Resumidamente, a elaboração de um roteiro turístico deve ter em atenção todos os atrativos, acessibilidades e serviços complementares que formam em conjunto toda a oferta turística do destino. Há uma relação direta entre a estruturação e a qualidade de um roteiro turístico: a boa escolha dos elementos dispostos no roteiro dita a qualidade do mesmo tendo sempre em vista a diversidade dos produtos e da oferta turística.

1.6.1 Elaboração de um roteiro turístico

O Roteiro, a Rota, o Itinerário, e o Circuito, podem ser considerados como elementos estruturantes dos percursos oferecidos num destino turístico, caracterizando o produto turístico e acionando a inerente divulgação de uma cultura específica ao Mercado, regional, nacional ou internacional.

A elaboração de um roteiro turístico pode ser uma iniciativa por parte de agentes turísticos, como os prestadores de serviços turísticos (empresas de transporte, alojamentos), os operadores turísticos, agências de viagens e entidades regionais ou nacionais. Os roteiros podem igualmente ter ação e iniciativa por parte das DMO's de um determinado destino ou outro tipo de entidade responsável pela dinamização do setor

do turismo. A elaboração de um roteiro é ainda condicionada pelo potencial e as características do espaço geográfico. O propósito do roteiro é acima de tudo disponibilizar informação objetiva sobre o destino, salientando os atrativos turísticos de possível interesse para o turista.

Para elaborar um roteiro turístico há que ter em conta alguns fatores determinantes da oferta de um destino, isto é, a junção entre os produtos e as ofertas disponíveis com outras variantes como o preço e sazonalidade. Os fatores que deverão ser considerados segundo Almeida, Kogan e Júnior (2007), são os seguintes: (1) A elasticidade, saber explorar os produtos turísticos de acordo com as oscilações da procura e da oferta. O turismo é inconstante na medida em que nem sempre as pessoas têm a oportunidade e disponibilidade para viajar provocando oscilações da procura. A oferta turística também sofre oscilações devido ao crescimento e diminuição da procura, por consequência; (2) A sensibilidade, a procura turística é sensível ao preço e a outras variantes como a segurança. Se o clima político-social for instável e comprometer a segurança do viajante, a procura irá diminuir. O aumento da criminalidade é também um dos fatores associados à insegurança. A insegurança pode também ser transmitida pela operadora ou agente de viagens ou até mesmo por publicidade negativa; (3) Por último, a sazonalidade, que provoca oscilações na oferta e procura em função do clima e época do ano.

Tendo em consideração estas condicionantes é possível a conceção, a elaboração e a execução de um roteiro turístico. Um operador turístico ou a entidade responsável deverá seguir uma sequência lógica para iniciar a elaboração de um roteiro. Para iniciar é necessário escolher o destino, em seguida verificar as acessibilidades aos locais (transportes) e também os alojamentos disponíveis dentro do mesmo circuito. A duração ou o espaço temporal (distância) do roteiro é também um elemento importante que deve ser evidenciado no próprio roteiro (Silva e Novo, 2010).

Durante a elaboração de um roteiro turístico é importante ter em atenção os impactos do turismo nos locais de visita, ou seja, é necessário visualizar as limitações do espaço de modo a não ocorrer uma sobrecarga dos recursos (Silva e Novo, 2010). O roteiro deve ser estudado e planeado baseando-se nos padrões de sustentabilidade do espaço, e deste modo incentivando a exploração sustentável do destino.

Figueira (2013) salienta alguns aspetos inerentes à iniciação da estruturação de um roteiro turístico, o primeiro passo é definir o nome da rota que pode estar associado a uma temática e definir também o “ponto de início” e o “ponto de chegada”. Os atrativos incluídos na rota devem estar apresentados de acordo com uma estrutura lógica que serão descritos e redigidos com o objetivo de apresentar conteúdo informativo e coerente. Decorre um processo de seleção e uma organização prévia dos atrativos considerados importantes que de seguida irão ser ordenados e incluídos em circuitos de estruturação lógica. O mapeamento da rota é um dos processos fundamentais na construção de um roteiro, o conteúdo deve ser explícito e de fácil leitura. Relativamente às acessibilidades é necessário indicar o meio de transporte que deverá ser utilizado, ou em alternativa, se é um percurso que poderá ser percorrido a pé, em que, através das coordenadas geográficas os pontos de interesse são assinalados juntamente com as indicações relativas às vias ou caminhos que dão acesso ao local. Relativamente ao conteúdo, este poderá abranger elementos de património cultural, histórico, paisagístico e artístico, onde estão inseridos os pontos de interesse ou atrativos e também informação adicional acerca dos produtos culturais como por exemplo, a gastronomia e os costumes populares da região. Se existir algum tipo de custo associado deverá estar indicado no roteiro.

CAPÍTULO 2- CARACTERIZAÇÃO DA ENTIDADE DE ESTÁGIO

2.1 Turismo do Porto e Norte de Portugal e Estrutura Organizacional

O estágio curricular realizou-se ao abrigo da entidade regional Turismo do Porto e Norte, mais concretamente na loja interativa Porto Welcome Center. A entidade do Turismo do Porto e Norte, ou então TPNP é uma entidade pública, “de natureza associativa, com autonomia administrativa e financeira” (TPNP, 2019). A entidade visa promover a oferta turística da região Norte de Portugal e abrange 86 municípios da região, dividida de acordo com a NUT II. A TPNP estuda os produtos estratégicos da região ao nível da oferta turística e posiciona no mercado turístico regional, realiza deste modo a gestão dos destinos no panorama regional. Com o apoio de recursos naturais e patrimoniais, a TPNP atua ativamente na gestão, organização e promoção dos seus respetivos sub-destinos – Porto, Douro, Minho e Trás-Os-Montes.

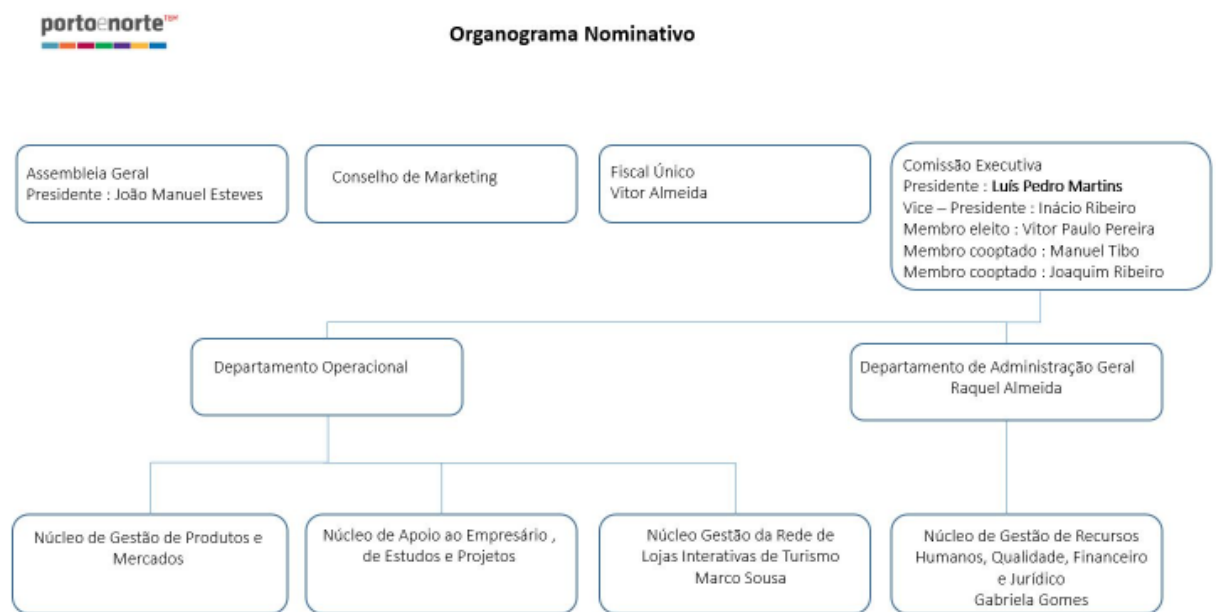
Os valores da TPNP visam sobretudo a promoção, o crescimento e o desenvolvimento da região Norte de Portugal, adotando uma perspetiva holística onde todos os recursos são combinados e geridos de acordo com um sistema de comunicação interna, isto é o incentivo ao trabalho e comunicação em rede. Este modelo de comunicação permite solidificar as relações entre os diversos municípios e sub-regiões contribuindo deste modo para um melhor funcionamento dos órgãos de gestão e tomada de decisões relativamente ao desenvolvimento da região Norte na perspetiva da procura e oferta turística. Deste modo a missão oficial da entidade é: “Promover e Desenvolver a cadeia de valor do Turismo da Região Porto e Norte de Portugal” e a visão “Inovar na oferta potenciando a redução das assimetrias regionais”.

São associados da TPNP empresas e entidades do setor público e privado assim como as próprias organizações municipais. No setor privado nacional estão inseridas diversas associações relacionadas com o ramo do turismo, hotelaria e restauração, enquanto a nível regional encontram-se empresas e associações de menor dimensão relacionadas com diversas

Quanto à estrutura organizacional da TPNP, Luís Pedro Martins ocupa atualmente o cargo da presidência, e Inácio Ribeiro a vice-presidência. A administração geral está sob

a coordenação de Raquel Almeida. É importante salientar que o conselho de marketing é composto pelas seguintes organizações: Associação dos Empresários Turísticos do Douro e Trás-Os-Montes (AETUR), Município de Macedo de Cavaleiros, Termas de Vizela, Associação de Empresários de Hotelaria e Turismo do Douro (HT-Douro), Invest Braga, Taipas Turitermas e Associação dos Comerciantes do Porto. Na seguinte figura está representado o organograma nominativo da entidade.

Figura 1 - Organograma TPNP



Fonte: Turismo do Porto e Norte de Portugal, 2019

2.2 Estratégia do Marketing turístico do Porto e Norte de Portugal – Horizonte 2015-2020

O desenvolvimento do turismo na região do Porto e Norte de Portugal tem vindo a crescer nos últimos anos. Com base nesse facto, a entidade regional do Turismo do Porto e Norte tem vindo a desenvolver estratégias cujo objetivo é maximizar a região Norte como um só destino. A evolução do Porto e Norte de Portugal Nos últimos anos é notável, resultados dos diversos investimentos e forte aposta no setor do turismo. Assim sendo, para reforçar a competitividade deste destino turístico a entidade resolveu reforçar e estruturar a oferta turística, salientando as suas características mais distintas e a sua autenticidade e colocar os produtos da oferta turística estrategicamente no mercado e trabalhando igualmente na sua divulgação e distribuição. O objetivo principal ao apostar

na evolução e desenvolvimento da oferta turística da região é sobretudo aumentar o nível de satisfação e a intenção de voltar e recomendar.

Com base no documento oficial “Estratégia de Marketing turístico do Porto e Norte de Portugal” A TPNP definiu então os seguintes objetivos estratégicos:

1. Aumentar a atratividade do destino e elevar os seus níveis de notoriedade.

Explorar as evidências da oferta turística de cada subdestino e potencializar os canais de distribuição, promovendo a visita ao destino aos mercados com maior potencial de desenvolvimento; divulgar o destino a operadores turísticos e agências de viagens; divulgar a oferta turística e o interesse do destino aos *media* e meios de comunicação social assim como a divulgação em eventos nacionais e regionais; promover a região Norte como um todo e evidenciado os seus subdestinos (Porto, Minho, Douro e Trás-Os-Montes).

2. Harmonizar e consolidar transversalmente a qualidade da oferta.

Introduzir novos métodos e abordagens às empresas de distribuição através da promoção e formação específica aos profissionais do setor; promover campanhas de sensibilização para a população sobre a importância do setor do turismo; otimizar a qualidade da oferta e serviços turísticos; incentivar a complementaridade entre produtos e serviços do setor.

3. Melhorar os indicadores do turismo e reduzir as assimetrias entre os subdestinos.

Através do aumento do RevPAR, da taxa de ocupação e da estada média. Diminuindo a sazonalidade e aumentando o fluxo de visitantes em todos os subdestinos da região Norte e deste modo chegar a um equilíbrio. Aumentar igualmente o gasto médio do visitante o que acaba por contribuir para a economia da região.

4. Estimular um espírito colaborativo entre os *stakeholders* para a adoção de uma abordagem alinhada ao nível do desenvolvimento e promoção do destino.

Incentivar o trabalho em equipa através da criação de parcerias entre agentes públicos e privados para em conjunto contribuírem para a promoção do destino e em projetos de interesse regional ou local.

A abordagem para a concretização destes objetivos estratégicos é holística pois tem como base a promoção da região a diferentes níveis e com o apoio de diferentes canais de distribuição e divulgação. A TPNP entende que é prioridade maximizar e aumentar a oferta, identificando sempre os mercados mais específicos de forte aposta com margem de posicionamento no mercado.

Após a definição dos objetivos estratégicos, a TPNP criou três programas de ação cujos objetivos serão esperados alcançar no prazo de 6 anos:

Programa 1: Harmonização e consolidação da oferta turística.

Programa 2: Comunicação e notoriedade do Destino.

Programa 3: Monitorização do destino e dos mercados.

Ao consolidar os canais de distribuição e divulgação, estes objetivos serão alcançados através do envolvimento entre *stakeholders* e outros possíveis intervenientes da oferta turística da região Norte.

Segundo o plano da estratégia de *marketing* da TPNP, foi definido um conjunto de produtos estratégicos ou produtos a desenvolver na região por se considerar o forte potencial turístico e o papel que poderão vir a desenvolver. Produtos estratégicos esses que são: Turismo de Natureza; Turismo náutico; *Touring* cultural e paisagístico; Golfe; Saúde e bem-estar; Sol e mar; *City e short breaks*; Turismo religioso, Gastronomia e vinhos e Turismo de negócios.

Estão igualmente presentes os mercados estratégicos do Porto e Norte de Portugal, categorizados de acordo com as seguintes tipologias:

1. Mercados estratégicos atuais: Portugal, Espanha e França.
2. Mercados de forte aposta: Brasil, Alemanha, Reino Unido e EUA.
3. Mercados de aposta moderada: Bélgica, Suíça, Itália e Países Baixos.

2.3 Porto Welcome Center

O estágio decorreu na loja interativa de turismo Porto Welcome Center localizada na Praça de Almeida Garrett no centro histórico do Porto. O Porto Welcome Center é um espaço interativo dedicado à oferta turística da cidade do Porto e da região Norte de Portugal. Os visitantes do PWC podem interagir com alguns dispositivos interativos que fornecem informações sobre toda a região a nível de eventos culturais, alojamento, restauração e pontos de interesse e dispõe igualmente da vertente do contacto com o visitante para esclarecimento de questões e informações promovendo um atendimento mais personalizado. Regularmente, decorrem ações de promoção dos municípios ou outras entidades do setor do turismo no PWC.

Figura 2 - Fachada do Porto Welcome Center



Fonte: viajecomigo.com

Ao entrar no PWC, o visitante tem acesso a brochuras e guias turísticos da autoria do TPNP e também de outro material fornecido pelos *stakeholders*, municípios ou operadores turísticos.

Figura 3 - Quadro de eventos do Porto Welcome Center



Fonte: viajecomigo.com

Na entrada do lado esquerdo existe um painel que expõe a programação dos eventos, exposições, festas e romarias para os seguintes dias e para os diferentes municípios do Norte de Portugal divididos por categorias temáticas.

Figura 4 - Mesa interativa do Porto Welcome Center



Fonte: viajecomigo.com

Na sala principal do PWC existem duas mesas interativas para utilização dos visitantes. Estes dispositivos mostram um mapa em versão satélite da região Norte onde o visitante ao selecionar um dos municípios pode “viajar” até lá e interagir com um menú que se divide em várias secções que providenciam informações turísticas sobre um determinado município a nível cultural, alojamento, restauração e eventos.

Figura 5 - VideoHall do Porto Welcome Center



Fonte: infocul.pt

O VideoHall é outro dispositivo interativo disponível para os visitantes do PWC. São constantemente divulgados vídeos promocionais da região e o visitante pode desenhar ou escrever através da tecnologia *touch*. Pode inclusive criar um postal com uma imagem de fundo de uma paisagem ou local de interesse cultural da região Norte de Portugal e enviar via email para os seus familiares, amigos ou até para si próprios. Esta é uma das ferramentas mais utilizadas no PWC.

Figura 6 - Sala 360º do Porto Welcome Center



Fonte: viajecomigo.com

A sala 360º é talvez das maiores curiosidades do PWC, aqui o visitante pode interagir com um painel interativo que fornece uma vista panorâmica de 360º de um determinado local e através da tecnologia *touch* pode movimentar a imagem de acordo com a sua vontade, existe adicionalmente um painel com algumas informações em formato de texto para prestar algum apoio relativamente à vertente de informação.

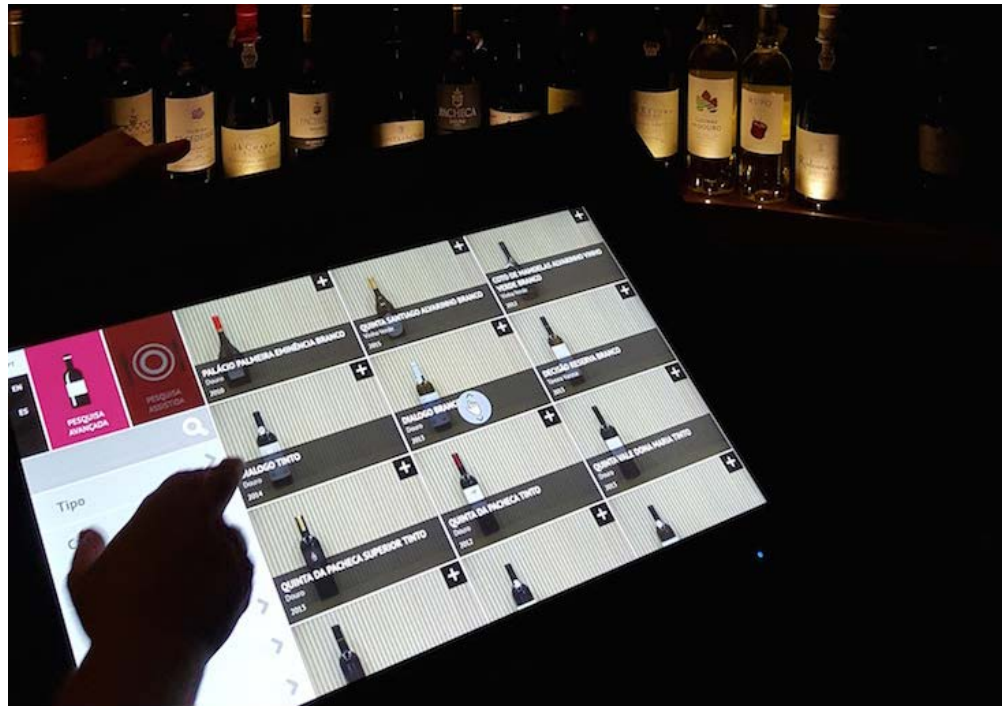
Figura 7 - Atividades para crianças do Porto Welcome Center



Fonte: viajecomigo.com

Não podia deixar de existir uma parte dedicada aos mais novos, e sendo assim esta secção dispõe de jogos interativos para crianças relacionados com o Norte de Portugal, jogos esses que são puzzles, jogo da memória e jogo das diferenças. Deste modo as crianças podem desde cedo sentir-se familiarizadas com alguns locais e paisagem da região e conseguem identificar e distinguir certos locais de interesse.

Figura 8 - Garrafeira do Porto Welcome Center



Fonte: viajecomigo.com

A secção da garrafeira dispõe de um painel interativo onde se encontram listados todos os vinhos disponíveis e as suas respetivas informações. Ao selecionar um determinado vinho ou categoria de vinhos a respetiva luz por baixo de cada garrafa acende-se de forma a facilitar a identificação e o local onde se encontra a garrafa.

Para resumir, o PWC é um local diferente do convencional posto de turismo onde existe apenas o contacto entre o funcionário e o cliente, aqui existem ambas as vertentes, o atendimento personalizado e a disponibilidade de algumas ferramentas com o apoio da tecnologia que fomentam e facilitam o interesse do visitante. Ao disponibilizar uma experiência mais visual aos visitantes do PWC, estes sentem mais curiosidade e mostram um maior interesse para visitar locais de interesse da região e seus respetivos subdestinos.

As funções desempenhadas pelos estagiários no PWC são sobretudo ter conhecimentos acerca da oferta turística da cidade do Porto e da região Norte a nível cultural e paisagístico, a nível de transportes, operadores turísticos entre outros. É igualmente indispensável saber comunicar em línguas estrangeiras. Ao receber os visitantes sempre com cordialidade, uma das funções passa também por explicar o funcionamento dos painéis interativos dispostos na loja e mostrar disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas e questões que possam surgir.

As funções desempenhadas no decorrer deste estágio foram as seguintes:

- Atendimento ao cliente, prestando informação turística;
- Promoção da região Norte de Portugal e da cidade do Porto;
- Aplicação dos inquéritos referentes à metodologia do projeto de estágio aos visitantes do Porto Welcome Center;
- Recolha de dados (nacionalidades) para as estatísticas efetuadas pelo Porto Welcome Center;
- Apoio em ações publicitárias que ocorram no Porto Welcome Center;
- Apoio na reposição, organização e gestão do material do Porto Welcome Center.

2.4 Considerações finais do estágio

As minhas expectativas antes de realizar este estágio acabaram por corresponder à realidade em tom positivo. Através desta experiência e analisando todo o processo de aprendizagem durante a realização do estágio, posso afirmar que adquiri um leque de novas competências.

A nível pessoal permitiu-me desenvolver o contacto com o cliente e a expressão em línguas estrangeiras. Este contacto permitiu-me adquirir competências de comunicação para aplicar no futuro. A nível de organização e sentido de responsabilidade também sinto que este estágio impactou positivamente em ambos os campos.

Ao nível do conhecimento, este estágio permitiu-me expandir conhecimentos sobre a oferta turística do Porto e de grande parte da região Norte de Portugal. Neste aspeto considero que foi uma das partes mais impactantes a nível pessoal. De um modo geral a

experiência foi bastante positiva e permitiu-me entender aspetos a nível organizacional e contactar com a realidade do turismo no centro do Porto.

CAPÍTULO 3 - ENQUADRAMENTO EMPÍRICO METODOLÓGICO

3.1 Metodologia

Esta investigação incide na importância da paisagem como recurso turístico e o seu impacto na motivação e preferências por parte do turista. Após a análise dos resultados, será elaborado um roteiro turístico cujos itinerários englobam os miradouros no Norte de Portugal. A investigação realizada pode ser considerada um estudo de caso sobre os miradouros do Norte de Portugal. Para Deus, Cucha e Maciel (2010, p. 3), o estudo de caso “não é um método específico de pesquisa nem uma escolha metodológica, mas uma forma particular de estudo e uma escolha do objeto a ser estudado”. O objetivo da investigação é entender o papel da paisagem como recurso turístico e de que forma as suas características podem afetar a escolha e a motivação do visitante. A operacionalização destes aspetos assegura a componente prática desta investigação: a elaboração do roteiro.

É descrita a metodologia aplicada neste estudo e exposto o desenho metodológico desta investigação com início na recolha de informação para elaborar a revisão de literatura. De seguida será identificada a população em estudo, o método de amostragem utilizado, o instrumento de recolha de dados usado, o processo de obtenção de dados e a posterior análise dos mesmos.

3.2 Desenho da investigação

Esta investigação partiu do interesse de explorar a paisagem como recurso turístico e compreender o seu papel, desempenho e importância no contexto turístico atual. Mais concretamente, um dos objetivos da investigação é a elaboração de um roteiro que inclua os miradouros mais importantes e emblemáticos no Norte de Portugal. Esta ideia surgiu durante a realização do estágio no Porto Welcome Center, entidade regional Turismo do Porto e Norte, em resultado da consulta de publicações próprias e até mesmo de alguns roteiros já publicados e associados a miradouros.

O desenvolvimento desta investigação envolveu diferentes etapas, desde a definição do problema, recolha da informação através da pesquisa documental e da análise de dados, a recolha de dados, o tratamento dos dados e a discussão de resultados.

A fase inicial centrou-se na pesquisa de conceitos e informações acerca da paisagem como recurso turístico através do suporte de artigos, livros, websites oficiais e dissertações. A consulta destes dados foi feita através da internet, onde foi possível entender em que medida a temática da paisagem se encontra inserida no contexto do turismo. Existe uma grande variedade de informação sobre o tema, no entanto é pouco diversificada relativamente à sua vertente turística. Através da pesquisa, foi possível identificar os principais pontos-chave associados ao início desta investigação e que constituem a revisão de literatura. A revisão de literatura, inicia-se pela abordagem ao conceito global de paisagem como um elemento de valor representativo que pode atuar em várias dimensões como agente social, económico, cultural e ecológico (ELC, 2000). É descrita uma breve evolução do conceito de paisagem através de diferentes perspetivas: histórica, sensorial e conceptual.

O segundo ponto da revisão de literatura expõe os conceitos de paisagem turística e turismo de paisagem, numa perspetiva mais focada na área do turismo, desde a evolução do conceito ao papel desempenhado na área do turismo. A paisagem turística acaba por ser o conjunto de valores e interpretações da paisagem conjugado com os recursos associados de forma a corresponder às necessidades do turismo. No terceiro ponto é feita a distinção entre paisagem rural e paisagem urbana através das suas conceções e características. O quarto ponto aborda a importância da paisagem como recurso turístico e explora o papel e a influência da paisagem no turismo assim como em que medida a paisagem afeta a procura e a oferta turística. O turismo provoca consequências que contribuem para a transformação das paisagens, processos esses que são complexos e influenciados por variantes socioculturais e económicas cujo impacto pode ser positivo ou negativo (European Convention Landscape, 2016).

No ponto seguinte são apresentadas perspetivas relativas aos miradouros como recurso turístico, conceitos, a relação dos miradouros com a paisagem e o seu papel e importância na dimensão turística.

Por fim, é explorada a definição e o processo de elaboração de um roteiro turístico.

Em paralelo com a revisão de literatura, foi elaborada uma listagem dos miradouros existentes no Norte de Portugal divididos por região e respetivo município. A divisão por regiões e municípios está de acordo com os parâmetros do Turismo do Porto e Norte listados no quadro 1. Neste momento, 86 municípios do Norte de Portugal são parceiros do Turismo do Porto e Norte.

Quadro 1 - Divisão por região e respetivos municípios parceiros do Turismo do Porto e Norte

Região do Douro	Região do Minho	Região de Trás-os-Montes	Região do Porto
Alijó	Amares	Alfândega da Fé	Amarante
Armamar	Arcos de Valdevez	Bragança	Arouca
Carrazeda de Ansiães	Barcelos	Boticas	Baião
Freixo de Espada à Cinta	Braga	Chaves	Castelo de Paiva
Lamego	Cabeceiras de Basto	Macedo de Cavaleiros	Celorico de Basto
Mesão Frio	Caminha	Miranda do Douro	Cinfães
Moimenta da Beira	Esposende	Mirandela	Espinho
Murça	Fafe	Mogadouro	Felgueiras
Peso da Régua	Guimarães	Montalegre	Gondomar
Penedono	Melgaço	Ribeira de Pena	Lousada
São João da Pesqueira	Mondim de Basto	Valpaços	Maia
Sabrosa	Monção	Vila Pouca de Aguiar	Marco de Canavezes
Santa Marta de Penaguião	Paredes de Coura	Vila Flor	Matosinhos
Sernancelhe	Ponte da Barca	Vimioso	Oliveira de Azeméis
Tabuaço	Ponte de Lima	Vinhais	Paços de Ferreira
Tarouca	Póvoa de Lanhoso		Paredes
Torre de Moncorvo	Terras de Bouro		Penafiel
Vila Nova de Foz Côa	Valença		Póvoa do Varzim
Vila Real	Viana do Castelo		Porto
	Vieira do Minho		Resende
	Vila Nova de Cerveira		Trofa
	Vila Nova de		Vale de Cambra
	Famalicão		Valongo
	Vila Verde		Vila do Conde
	Vizela		Vila Nova de Gaia
			São João da Madeira
			Santa Maria da Feira
			Santo Tirso

Fonte: Elaboração própria

De seguida, a pesquisa de informação sobre a existência e localização dos miradouros foi feita online em websites oficiais das câmaras municipais dos municípios, blogs, mapas, rotas turísticas e outros websites assim como nos roteiros publicados pelo TPNP nomeadamente “Aldeias de Portugal” e “Ciclovias, Ecopistas e Ecovias”. Conforme a qualidade da informação recolhida acerca de cada miradouro, esta será filtrada e posteriormente selecionada. Os dados considerados mais importantes sobre os miradouros são uma breve descrição mais detalhada (se possível com as acessibilidades disponíveis no local) e as respetivas coordenadas geográficas. No entanto, a informação

encontrada nos websites oficiais e/ou fidedignos é limitada pelo que não foi possível recolher informação de todos os miradouros incluídos na listagem. Deste modo, e conforme os resultados obtidos, serão elaboradas rotas de visita aos miradouros no Norte de Portugal desenhados por uma sequência lógica e considerando fatores como o tempo e a distância. No entanto, é de referir que para os municípios de Espinho, São João da Madeira e Santa Maria da Feira não foi possível encontrar informação sobre a localização, tipologia, e informação detalhada relativamente aos miradouros existentes. Uma vez que a população em estudo no decorrer desta investigação serão os visitantes do Norte de Portugal, na seguinte tabela são apresentados dados referentes ao número de hóspedes, ou seja, visitantes que pernoveram para os anos de 2016, 2017 e 2018 (INE, 2019).

Tabela 1 - Hóspedes nos Estabelecimentos Hoteleiros (2016-2018)

Localização geográfica (NUTS - 2013)	Hóspedes (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica (NUTS - 2013)					
	2016		2017		2018	
	N.º	Δ	N.º	Δ	N.º	Δ
Norte	3 804 526	11%	4 142 947	9%	4 334 202	5%
Centro	2 825 255	10%	3 203 404	13%	3 197 435	0%
AML	5 647 687	8%	6 158 466	9%	6 268 601	2%
Alentejo	877 484	9%	1 006 326	15%	1 044 618	4%
Algarve	3 932 225	7%	4 151 379	6%	4 212 694	1%
R.A. Açores	509 060	19%	594 169	17%	609 859	3%
R.A. Madeira	1 365 209	12%	1 434 630	5%	1 381 788	-4%
Portugal	18 961 446	9%	20 691 321	9%	21 049 197	2%

Fonte: INE – Instituto Nacional de Estatística, 2019, Adaptado

Relativamente ao número de dormidas de acordo com o INE, estão expostos na seguinte tabela os dados referentes aos anos de 2016, 2017 e 2018.

Tabela 2 - Dormidas nos Estabelecimentos Hoteleiros (2016-2018)

Localização geográfica (NUTS - 2013)	Dormidas (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica (NUTS - 2013)					
	2016		2017		2018	
	N.º	Δ	N.º	Δ	N.º	Δ
Norte	6 881 801	13%	7 483 120	9%	7 869 012	5%
Centro	4 937 900	10%	5 690 064	15%	5 518 712	-3%
AML	13 180 660	7%	14 342 785	9%	14 493 526	1%
Alentejo	1 583 691	11%	1 800 317	14%	1 864 406	4%
Algarve	18 057 165	9%	19 016 235	5%	18 815 538	-1%
R.A. Açores	1 543 595	21%	1 787 459	16%	1 789 349	0%
R.A. Madeira	7 368 095	11%	7 502 937	2%	7 239 815	-4%
Portugal	53 552 907	10%	57 622 917	8%	57 590 358	0%

Fonte: INE – Instituto Nacional de Estatística, 2019, Adaptado

Dada a natureza desta investigação, a metodologia adotada para este estudo é quantitativa. O principal objetivo é entender as preferências do turista e a sua motivação relativamente à paisagem como recurso turístico.

3.3 Instrumentos de recolha de dados

Turato (2003) afirma que a escolha do instrumento de recolha de dados depende dos objetivos que se pretende alcançar com a investigação e do universo a ser investigado. Assim sendo, antes de se proceder à recolha de dados, deve-se selecionar, elaborar e testar os instrumentos.

Foi utilizada como técnica de recolha de dados para esta investigação o inquérito e como instrumento de recolha de dados o questionário. Na análise de dados obtidos através dos inquéritos por questionário, foi utilizado o programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS 25.0).

3.4 Inquéritos por questionário

A abordagem quantitativa é um método recorrente quando o objetivo da investigação é medir opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes de um universo (público-alvo) através de uma amostra que o represente de forma estatisticamente comprovada (Manzato e Santos, 2014). Um questionário rege-se por um conjunto de regras e uma sequência lógica interna cujo objetivo é a recolha de dados necessários para conduzir a investigação. O questionário possui uma lógica interna na representação exata dos objetivos e na estrutura de aplicação, tabulação e interpretação (Manzato e Santos, 2014). No seguimento desta investigação foi adotado como método, a aplicação de um inquérito por questionário. A finalidade da aplicação de inquéritos é a recolha de informação válida e fiável através de um conjunto de questões colocadas a um grupo representativo de respondentes que podem deste modo traduzir-se na generalização do universo da população em estudo (Thayer-Hart et al., 2010). O planeamento e construção do inquérito parte da formulação de uma problemática que vai responder à pergunta de

partida de uma investigação (Quivy & Campenhoudt, 1998) ou através da implementação de objetivos.

Parte do inquérito que foi aplicado foi baseado num questionário já existente conduzido pela investigação de Aranzabal, Schmitz e Pineda (2009) cujo objetivo é explorar a relação entre as preferências dos visitantes e as características da paisagem com o apoio de um método espacial integrado para a análise de uma paisagem. Outro estudo que serviu de base à elaboração deste questionário foi o de Breiby (2015), “*Exploring aesthetic dimensions in nature-based tourist experiences*”, cujos resultados demonstraram que a dimensão estética influencia as preferências dos turistas em lugares de paisagens naturais.

Foi construído um questionário em português e traduzido em três idiomas (espanhol, inglês e francês) cujos destinatários foram os visitantes do Porto Welcome Center e da loja interativa do TPNP do Aeroporto Francisco Sá Carneiro. Quanto à estruturação do questionário, este está dividido em quatro partes representadas no seguinte quadro:

Quadro 2 - Estrutura do questionário

Parte I	Perfil individual
Parte II	Características da viagem
Parte III	Paisagem rural e paisagem urbana
Parte IV	Miradouros

Fonte: Elaboração própria

O principal objetivo deste questionário foi sobretudo recolher informações acerca das preferências do tipo de paisagem por parte dos turistas para deste modo entendermos em que medida as suas características afetam a sua visita e a motivação da visita. Outra finalidade deste questionário é averiguar se os miradouros são um elemento importante da visita e um elemento influente na procura.

Relativamente ao tipo de questões apresentadas no questionário, estas são de resposta fechada com diferentes opções de resposta. As opções de resposta foram apresentadas seguindo a escala de Likert ou com opção de resposta única. Nas opções de resposta única é possível escolher uma ou mais opções (consoante o caso) das que são apresentadas. Na escala de Likert de cinco pontos foi utilizada apenas uma escala relativa ao grau de importância atribuído, representada da seguinte forma:

Quadro 3 - Graus de importância da escala de Likert

1	2	3	4	5
Nada importante	Pouco importante	Importante	Bastante importante	Extremamente importante

Fonte: Elaboração própria

O questionário é composto por cinco páginas. Na folha de rosto é explicado o objetivo do questionário, está identificada a instituição de ensino onde se desenvolve a investigação e informa que todas as respostas são tratadas em anonimato. Quanto ao questionário em si, a primeira parte está relacionada com o perfil individual do inquirido: Sexo (1), Idade (2), Estado civil (3), Habilitações (4) e País de origem (5). Na segunda parte são abordadas questões de resposta única relativas às características da viagem: (6) É a primeira visita ao Porto, (7) Viaja com, (8) Estada média (noites), (9) Principal(ais) motivo(s) da viagem e (10) Rendimento mensal líquido (individual).

A terceira parte do questionário está relacionada com as características e estética das paisagens rural e urbana e é composta por quatro questões de resposta fechada e obedecendo à escala de Likert. A primeira e a terceira questão apresentam a mesma estrutura e abrangem os elementos/constituintes da paisagem rural e urbana (questão 11 e 13, respetivamente) que são avaliados de acordo com o grau de importância que o inquirido atribui. Ao colocar estas questões, o objetivo pretendido é recolher dados sobre os principais elementos/atributos de eleição da paisagem rural e urbana e deste modo facilitar a construção do roteiro de acordo com as respostas mais populares. Quanto à questão 11, relativa aos aspetos da paisagem rural, estes estão divididos em quatro categorias: Características da paisagem, cursos de água, zonas arborizadas ou florestais e fauna. No quadro 4 estão discriminados os elementos pertencentes a cada uma destas quatro categorias.

Quadro 4 - Elementos da paisagem rural por categorias (questão 11)

Características da paisagem	Cursos de água	Zonas arborizadas ou florestais	Fauna
11.1 Paisagem montanhosa 11.2 Vales 11.3 Planície 11.4 Paisagem rural (socialcos, construções em pedra, vedações, sebes) 11.5 Ravinas, falésias	11.6 Rios, ribeiras 11.7 Pântanos, barragens e albufeiras 11.8 Nascentes e cascatas 11.9 Mar, zona costeira 11.10 Lagos e lagoas	11.11 Árvores de fruto 11.12 Carvalhos e azinheiras 11.13 Vinhas e videiras 11.14 Pinhais	11.15 Aves 11.16 Animais selvagens 11.17 Rebanhos e criação de gado

Fonte: Elaboração própria

A questão 13 segue a mesma estrutura, mas está relacionada com os aspetos da paisagem urbana. Esta questão está dividida em duas categorias: Construções e estruturas e elementos naturais. Os elementos destas categorias estão discriminados no quadro 5.

Quadro 5 - Elementos da paisagem urbana por categorias (questão 13)

Construções e estruturas	Elementos naturais
13.1 Urbanizações e arranha-céus	13.6 Zonas arborizadas, parques públicos, jardins, canteiros
13.2 Edifícios históricos, igrejas/catedrais, torres	13.7 Lagos, rios, zona costeira
13.3 Fontes, chafarizes, obeliscos e outras esculturas	
13.4 Portos, marinas, pontões	
13.5 Zonas industriais, fábricas	

Fonte: Elaboração própria

Estes elementos foram agrupados em subcategorias de forma a facilitar a sua leitura e uma vez que são de natureza muito semelhante, como é exemplo, “nascentes e cascatas” ou “portos, marinas, pontões”. Ainda relativamente à segunda parte deste questionário, as questões 12 e 14 estão relacionadas com alguns aspetos estéticos e as experiências e sensações associadas à paisagem urbana e rural. O objetivo pretendido ao colocar este grupo de questões é o de compreender os aspetos mais valorizados e assim apurar as preferências das experiências associadas ao conceito de paisagem. Deste modo, é possível também entender em que medida a paisagem rural é mais valorizada que a paisagem urbana e vice-versa.

A questão 12 é relativa à estética do meio rural, cujas sensações e experiências são apresentadas no seguinte quadro.

Quadro 6 - Aspetos da estética rural (questão 12)

12.1 Experienciar mudanças na paisagem (montanhas, cascatas, fiorde, etc.)
12.2 Estar perto da natureza/Sentir-se livre e relaxado
12.3 Observar a paisagem cultural (pequenas quintas, vilas antigas)
12.4 Observar lugares de beleza natural
12.5 Preservação do local (ex. água não poluída, poluição) /Respirar ar puro

Fonte: Elaboração própria

A questão 14 relativa à estética do meio urbano aborda os seguintes aspetos estruturados de acordo com o quadro seguinte.

Quadro 7 - Aspetos da estética urbana (questão 14)

14.1 A junção do moderno com o antigo (edifícios e outras estruturas)
14.2 Consistência e coerência urbana
14.3 Conservação dos edifícios/estruturas
14.4 Iluminação

Fonte: elaboração própria

A quarta parte deste questionário está direcionada para questões mais específicas sobre os miradouros. O objetivo pretendido nesta última parte do questionário é averiguar se os miradouros são um elemento de referência para os visitantes. Isto é, se visitam com frequência os miradouros e se são um dos elementos que incluem num plano de viagem. Outro objetivo pretendido é entender as preferências dos tipos de paisagem e das diferentes tipologias de miradouro, associando ao nível de importância dado aos recursos e infraestruturas que poderão estar presentes na localização de um miradouro. Quanto à estrutura desta última parte do questionário, esta é composta por sete questões de resposta fechada, entre as quais uma das questões se apresenta em escala de Likert.

As duas primeiras questões são de âmbito mais geral: a questão 15 é relativa à preferência pelo tipo de paisagem através das opções (1) paisagem rural, (2) paisagem urbana, (3) paisagem costeira e (4) paisagem de montanha. Na questão 16 é pedido para selecionar qual das regiões do Norte de Portugal pretende visitar durante a estadia, sendo que podem ser selecionadas mais do que uma opção entre as regiões: (1) Área Metropolitana do Porto, (2) Trás-Os-Montes, (3) Minho e (4) Douro.

A questões seguintes são especificamente sobre miradouros, sendo que a questão 17 está relacionada com a frequência da visita a miradouros (de um ponto de vista geral, não necessariamente de acordo com a visita ao Porto). De entre as opções (1) Nunca, (2) Raramente, (3) Às vezes, (4) Muitas vezes e (5) Sempre, é permitido escolher uma opção. A questão seguinte é muito direta e o seu objetivo é entender se os miradouros são um elemento que por norma é incluído no plano de viagem, sendo as opções “Sim” ou “Não”. Por consequência da resposta “Sim” é necessário responder à questão seguinte (18.1) relativa ao momento do planeamento da viagem, ou seja, se o planeamento é feito antes ou durante a deslocação, sendo que essas são as duas opções disponíveis.

A questão 19 é igualmente de carácter bastante direto e diz respeito à preferência da tipologia de miradouros dispondo de três opções, (1) Miradouros naturais, (2) Miradouros antrópicos e (3) Miradouros em locais de culto.

Quanto à última questão, esta está estruturada de acordo com a escala de Likert e o seu propósito é avaliar a importância de determinados elementos que poderão estar associados aos miradouros. Deste modo é possível entender de que forma a presença de certos recursos e estruturas influencia a visita aos miradouros (quadro 8).

Quadro 8 - Recursos e infraestruturas dos miradouros (questão 20)

20.1 Acessibilidades
20.2 Alojamento
20.3 Restauração
20.4 Comércio
20.5 Painéis informativos/telescópios
20.6 Parque de estacionamento
20.7 WC

Fonte: Elaboração própria

3.5 Comparação com estudos anteriores

De forma a enquadrar as hipóteses de investigação no contexto da fundamentação teórica serão expostos nesta secção alguns estudos que revelam a problemática, os objetivos e as conclusões semelhantes a esta investigação.

No estudo de Aranzabal, Schmitz e Pineda (2009) “*Integrating Landscape Analysis and Planning: A Multi-Scale Approach for Oriented Management of Tourist Recreation*”, os autores pretendem relacionar os diferentes tipos de paisagem com o perfil do visitante, pelo que é reforçada a ideia de que a procura e o impacto da visita requerem medidas específicas ao nível da gestão do destino.

Quanto à metodologia desta investigação, esta foi dividida em três fases: Na fase 1 foram quantificadas as características da paisagem, na fase 2 foi feita a caracterização dos visitantes de acordo com as suas preferências relativamente à paisagem e na fase 3 foi estabelecida a relação entre as preferências dos visitantes e as características da paisagem. Os resultados salientam a importância da natureza como um elemento de

referência da paisagem. Quanto ao perfil do visitante, os resultados revelam que os turistas que visitam meios rurais mostram maior interesse em elementos da paisagem e atividades características do meio rural.

Com base nas preferências e atitudes dos visitantes relativamente à paisagem, foi possível quantificar com base no questionário previamente utilizado neste estudo as preferências da paisagem relativamente a elementos específicos da paisagem. Sendo assim é importante ter em consideração quais os elementos que são mais aceites e aqueles que são rejeitados para desta forma ser possível caracterizar e quantificar as preferências dos visitantes, e reconhecer que diferentes tipos de paisagem podem assumir diferentes públicos-alvo que por si só expressam as suas próprias preferências mais específicas.

De acordo com o estudo de Breiby (2015) "*Exploring aesthetic dimensions in nature bases tourist experiences*" os resultados revelam que a perceção estética influencia as preferências dos visitantes no meio natural. A perceção estética pode basear-se em diferentes necessidades e preferências dos visitantes e podem depender de fatores como o motivo da viagem, a nacionalidade, a idade e a educação.

Os resultados deste estudo indicam que a dimensão estética está relacionada com as preferências da paisagem. De acordo com a análise dos resultados "variação/contraste", são as mais valorizadas tanto no meio natural como em meios de intervenção humana. "Autenticidade" valorizada apenas em meios de intervenção humana e "variação/contraste" apenas no meio natural.

A importância dada a "beleza cénica" reforça a necessidade de valorizar a paisagem e fomentar a forte aposta na oferta, que pode ser atingida através da manutenção dos miradouros e dos acessos a locais de beleza cénica.

Com base nos resultados, este estudo sugere que deverá ser desenvolvida a investigação relativamente à experiência estética dos turistas em locais de paisagem natural assim como deverá ser reforçada a importância do papel das DMO's na dimensão estética da paisagem para deste modo atingir a satisfação do visitante.

A dimensão estética da paisagem deverá ser tomada em consideração pois é um elemento que acrescenta valor ao destino e pode ser vista como uma vantagem competitiva relativamente a outros destinos conhecidos pela sua paisagem e natureza.

Por último, o estudo de Todorović (2016) “*Activation of tourism landscape motives*” reforça a importância da paisagem e o papel fundamental dos miradouros no contexto atual do turismo. Os resultados desta investigação revelam as medidas que deverão ser tomadas ou as medidas que deverão ser tomadas com prioridade relativamente à valorização da paisagem por parte dos visitantes e das entidades reguladoras do turismo, tudo isto relacionado com as necessidades e procura dos visitantes.

Nesta investigação é reforçada a importância dos miradouros e que segundo os autores têm um grande potencial de desenvolvimento.

As medidas que deverão ser tomadas para fomentar o crescimento do turismo de paisagem segundo esta investigação são as seguintes:

- Investigar os motivos dos visitantes e categorizar a paisagem em diferentes classificações (ex.: urbana, vínica, cultural).
- Averiguar a valorização da paisagem por parte dos visitantes para desta forma ser feita uma avaliação da paisagem e dos miradouros e identificar aqueles que são mais valorizados.
- Investir nas infraestruturas, acessos e equipamentos presentes em locais de miradouros (painéis informativos, estruturas seguras, etc.).
- Definir rotas paisagísticas para divulgar a paisagem e os miradouros como um recurso turístico.
- Colocar sinalização e painéis informativos, como guia em locais de miradouros.

Os estudos apresentados vão de encontro aos objetivos desta investigação, sendo o objetivo geral entender o papel da paisagem como recurso turístico relacionando as características da paisagem com a escolha e motivação do visitante.

O primeiro e o segundo estudo relacionam-se com o primeiro objetivo parcial cuja intenção é entender quais os fatores que influenciam a valorização da paisagem por parte do visitante. Ambos concluem que existe uma relação direta entre as preferências e a estética da paisagem e o perfil do visitante e as suas motivações. O último estudo relaciona-se diretamente com o segundo objetivo parcial desta investigação que pretende relacionar a valorização da paisagem com a importância atribuída aos miradouros, pelo que o estudo revela que deverá ser atribuída a devida importância à

existência de recursos como os miradouros e que estes deverão ser alvo de atenção e desenvolvimento.

3.6 Formulação dos objetivos e hipóteses de investigação

O objetivo geral da investigação é entender o papel da paisagem como recurso turístico e de que forma as suas características podem afetar a escolha e a motivação do visitante.

Objetivo parcial 1: Interpretar os fatores que influenciam a valorização da paisagem.

Hipótese de investigação 1: Os turistas que visitam a região do Porto e Norte de Portugal dão importância: 1.1 Às características da paisagem rural; 1.2 À estética da paisagem rural; 1.3. Às características da paisagem urbana; 1.4. À estética da paisagem urbana;

Hipótese de investigação 2: Existem diferenças relativamente à importância das características da paisagem rural e urbana por variável sociodemográfica 1.1 Sexo; 1.2. Idade; 1.3. Estado Civil; 1.4. Habilitações; 1.5. País de origem; 1.6. Rendimento; E quanto ao grau de importância de: 2.1. Às características da paisagem rural; 2.2 À estética da paisagem rural; 2.3. Às características da paisagem urbana; 2.4. À estética da paisagem urbana;

Objetivo parcial 2: Relacionar a valorização da paisagem com a importância atribuída aos miradouros.

Hipótese de investigação 3: Existem diferenças relativamente à tipologia de miradouros por variável sociodemográfica: 3.1 Sexo; 3.2 Idade; 3.3 Estado civil; 3.4 Habilitações; 3.5 País de origem; 3.6 Rendimento.

Hipótese de investigação 4: Existem diferenças relativamente à frequência da visita a miradouros por variável sociodemográfica: 4.1 Quanto ao sexo; 4.2 Quanto à faixa etária; 4.3 Quanto ao estado civil; 4.4 Quanto às habilitações; 4.5 Quanto ao país de origem; 4.6 Quanto ao rendimento.

Hipótese de investigação 5: Existem diferenças relativamente à tipologia de miradouro e a frequência da visita a miradouros.

Hipótese de investigação 6: Existem diferenças relativamente ao motivo da viagem com a frequência da visita a miradouros. Quanto ao motivo: 6.1 Férias/Lazer; 6.2 *Touring Cultural*; 6.3 Turismo de Compras; 6.4 Turismo Enogastronómico; 6.5 Turismo de negócios; 6.6 Visita a familiares e amigos; 6.7 Outro(s).

Hipótese de investigação 7: Existem diferenças relativamente à importância da disponibilidade dos recursos/infraestruturas em locais onde há miradouros por variável sociodemográfica: 7.1 Sexo; 7.2 Faixa etária; 7.3 Estado civil; 7.4 Habilitações; 7.5 País de origem; 7.6 Rendimento.

Hipótese de investigação 8: Existe uma relação relativamente à preferência pelo tipo de paisagem e a frequência da visita a miradouros.

Objetivo parcial 3 – Relacionar as características da viagem com a pertinência da criação de um roteiro de miradouros no Norte de Portugal.

Hipótese de investigação 9: Existe relação entre a duração da estada média e a visita às regiões do Norte de Portugal: 9.1 Para a região da Área Metropolitana do Porto; 9.2 Para a região de Trás-Os-Montes; 9.3 Para a região do Minho; 9.4 Para a região do Douro.

Hipótese de investigação 10: Existe uma relação entre a frequência da visita a miradouros e a inclusão dos miradouros no plano de viagem.

Hipótese de investigação 11: Existe uma relação entre o motivo da viagem e a visita às regiões do Norte de Portugal. Para as regiões: 11.1 Área Metropolitana do Porto; 11.2 Trás-Os-Montes; 11.3 Minho; 11.4 Douro.

3.7 Processo de Amostragem

O método de amostragem utilizado foi de amostragem aleatória simples com a aplicação do inquérito aos visitantes/turistas nacionais e internacionais. O inquérito foi aplicado no Porto Welcome Center e na loja interativa do aeroporto Francisco Sá Carneiro. Para dar seguimento ao presente trabalho de investigação, nomeadamente para realizar a

parte empírica, os dados foram recolhidos entre os meses de março e julho de 2019, obtendo um total de 302 questionários válidos.

Em toda a análise vai-se assumir um nível de significância de 5% para tomada de decisões sobre a validação das hipóteses de investigação. O erro amostral foi calculado com base no número de visitantes/turistas que se deslocou à região Norte, um total de 4 334 202, referente ao ano de 2018 (INE). Ainda, de salientar, que para o cálculo da amostra final foi tido em conta a não violação dos pressupostos para a aplicação de uma análise multivariada. Assim, assumiu-se um erro amostral final de 5,6% para um grau de confiança de 95%.

Quadro 9 - Ficha técnica da amostra

Características	Pesquisa
Universo em estudo	Turistas da região Norte
Cobertura geográfica	Região Norte de Portugal
Cobertura temática	Motivação; paisagem; miradouros
Dimensão da Amostra	302 turistas/visitantes
Erro da Amostra	5,6%
Grau de Confiança	95%
Tipo de Amostra	Amostragem aleatória simples
Tipo de Estudo	Quantitativo
Técnica de recolha de dados	Não documental; Observação não participante; Inquérito por Questionário
Método de tratamento de dados	SPSS versão 25
Datas da recolha de dados	Março a Julho de 2019

Fonte: elaboração própria

Para verificar a confiabilidade do questionário, foi analisada a consistência interna utilizando o coeficiente Alpha de Cronbach. A consistência interna é a estimativa de confiabilidade específica para questionários.

De acordo com Pestana e Gageiro (2003) o valor de *Alpha de Cronbach* varia entre 0 e 1, sendo a consistência interna melhor quanto mais próximo for do valor 1, isto é: Valores inferiores a 0,6 tornam a escala “Inadmissível”; Entre 0,6 e 0,7 consistência interna “Fracá”; Entre 0,7 e 0,8 consistência interna “Razoável”; Entre 0,8 e 0,9 consistência interna “Boa”; Superior a 0,9 consistência interna de escala “Muito Boa”; Neste estudo o *Alpha de Cronbach* obtido para mensurar a variável latente, características da paisagem rural e urbana, foi de 0,950 o que indica um grau de consistência interna “Muito Boa” (Tabela 3).

Tabela 3 - Cálculo do coeficiente Alpha de Cronbach

	N	%	Alpha de Chronbach
Válidos	277	91,7%	0,950
Excluídos	25	8,3%	

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Foram excluídos 25 questionários por não resposta parcial e assim a amostra foi de 277 questionários válidos.

3.8 Descrição da análise da recolha dos dados

Após a recolha dos dados ter sido concluída, recorreu-se ao programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS 25.0), para a criação da base de dados. O tratamento dos dados incide sobre a utilização de técnicas estatísticas como a análise descritiva exploratória e uma análise inferencial. Na primeira análise e de modo a apresentar os dados, recorre-se à produção de tabelas de frequências absolutas e relativas, gráficos e medidas de localização (média) e dispersão (desvio padrão), com o propósito de caracterizar a amostra em estudo e ajudar a identificar o perfil do visitante. Com a análise inferencial, pretende-se validar as hipóteses de investigação fixadas. Para tal, e sempre que possível, serão aplicados testes paramétricos, nomeadamente o *t-Student* no sentido de analisar se existem diferenças entre médias para duas amostras independentes. A *One-Way ANOVA*, para comparar médias entre três ou mais amostras independentes, por sua vez, se um dos pressupostos para a aplicação deste teste for violado, recorre-se ao teste não paramétrico *Kruskall-Wallis*, e por último, ao coeficiente de correlação de *Pearson* para analisar a relação existente entre variáveis.

Para alcançar os objetivos desta investigação, as hipóteses foram desenvolvidas de acordo com a estrutura do questionário, presente no quadro 10. Todas as hipóteses foram testadas com um nível de confiança de 95%.

Quadro 10 - Hipóteses de investigação e testes estatísticos utilizados

Hipóteses	Testes estatísticos
H1: Os turistas que visitam a região do Porto e Norte de Portugal dão importância:	
1. Às características da paisagem rural	One sample Student's t-test
2. À estética da paisagem rural	One sample Student's t-test
	One sample Student's t-test
	One sample Student's t-test

3. Às características da paisagem urbana	
4. À estética da paisagem urbana	
H2: Existem diferenças relativamente à importância das características da paisagem rural e urbana por variável sociodemográfica: Sexo Idade Estado civil Habilitações País de origem Rendimento Quanto ao grau de importância de: <ol style="list-style-type: none"> 1. Às características da paisagem rural 2. À estética da paisagem rural 3. Às características da paisagem urbana 4. À estética da paisagem urbana 	Mann-Whitney U Kruskal-Wallis H Kruskal-Wallis H Kruskal-Wallis H Kruskal-Wallis H Kruskal-Wallis H
H3: Existem diferenças relativamente à tipologia de miradouros por variável sociodemográfica: 3.1 Sexo 3.2 Idade 3.3 Estado civil 3.4 Habilitações 3.5 País de origem 3.6 Rendimento	Mann-Whitney U Kruskal-Wallis H Kruskal-Wallis H Kruskal-Wallis H Kruskal-Wallis H Kruskal-Wallis H
H4: Existem diferenças relativamente à frequência da visita a miradouros por variável sociodemográfica 4.1 Quanto ao sexo 4.2 Quanto à faixa etária 4.3 Quanto ao estado civil 4.4 Quanto às habilitações 4.5 Quanto ao país de origem 4.6 Quanto ao rendimento	Coeficiente de <i>Pearson</i> Teste de Spearman Coeficiente de <i>Pearson</i> Coeficiente de <i>Pearson</i> Coeficiente de <i>Pearson</i> Teste de Spearman
H5: Existem diferenças relativamente à tipologia de miradouro e a frequência da visita a miradouros	Coeficiente de <i>Pearson</i>
H6: Existem diferenças relativamente ao motivo da viagem com a frequência da visita a miradouros Quanto ao motivo: <ol style="list-style-type: none"> 6.1 Férias/Lazer 6.2 <i>Touring</i> Cultural 6.3 Turismo de Compras 6.4 Turismo Enogastronómico 6.5 Turismo de negócios 6.6 Visita a familiares e amigos 6.7 Outro(s) 	Coeficiente de <i>Pearson</i>
H7: Existem diferenças relativamente à importância da disponibilidade dos recursos/infraestruturas em locais onde há miradouros por variável sociodemográfica: 7.1 Sexo 7.2 Faixa etária 7.3 Estado civil 7.4 Habilitações	Mann-Whitney U Kruskal-Wallis H Kruskal-Wallis H Kruskal-Wallis H

7.5 País de origem	Kruskal-Wallis H
7.6 Rendimento	Kruskal-Wallis H
H8: Existe uma relação relativamente à preferência pelo tipo de paisagem e a frequência da visita a miradouros	Coeficiente de Pearson
H9: Existe relação entre a duração da estada média e a visita às regiões do Norte de Portugal 9.1 Para a região da Área Metropolitana do Porto 9.2 Para a região de Trás-Os-Montes 9.3 Para a região do Minho 9.4 Para a região do Douro	Coeficiente de Pearson
H10: Existe uma relação entre a frequência da visita a miradouros e a inclusão dos miradouros no plano de viagem	Coeficiente de Pearson
H11: Existe uma relação entre o motivo da viagem e a visita às regiões do Norte de Portugal Para as regiões: 11.1 Área Metropolitana do porto 11.2 Trás-Os-Montes 11.3 Minho 11.4 Douro	Coeficiente de Pearson

Fonte: elaboração própria

CAPÍTULO 4 - DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1 Análise descritiva

4.1.1 Perfil individual

O primeiro grupo de questões está relacionado com o perfil individual, sendo assim, as variáveis sociodemográficas como o sexo, idade, estado civil, habilitações, país de origem e o rendimento serão analisadas. Foram respondidos um total de 302 questionários.

Tabela 4 - Tabela de frequências do perfil individual

Sexo		
	Frequência	Percentagem
Masculino	134	44,4%
Feminino	168	55,6%
Idade		
	Frequência	Percentagem
18-24	40	13,2%
25-34	82	27,2%
35-44	45	14,9%
45-54	57	18,9%
55-64	41	13,6%
+65	37	12,3%
Estado Civil		
	Frequência	Percentagem
Casado/União de facto	120	39,9%
Solteiro	154	51,2%
Separado	17	5,6%
Viúvo	10	3,3%
Habilitações		
	Frequência	Percentagem
Ensino Básico	4	1,7%
Ensino secundário	46	19,7%
Licenciatura	109	46,6%
Mestrado/Doutoramento	75	32,1%
País de Origem		
	Frequência	Percentagem
Portugal	36	11,9%
Mercados europeus dominantes (Espanha, França, Reino Unido, Alemanha, Países Baixos, Bélgica e Itália)	168	55,6%
Resto da Europa	18	6,0%
América do Norte	23	7,6%
América do Sul	28	9,3%
África	4	1,3%
Ásia	14	4,6%
Oceânia	11	3,6%
Rendimento		
	Frequência	Percentagem
Até 1500€	61	20,2%
1501-3000€	72	23,8%

3001-5000€	30	9,9%
+ 5001€	24	7,9%
Não sabe/Não responde	115	38,1%

Fonte: elaboração própria

Analisando as respostas relacionadas com o género, existem 134 inquiridos do sexo masculino e 168 do sexo feminino, cada um representa 44,4% e 55,6% da amostra, respetivamente.

Quanto à idade, 13,2% (40) dos inquiridos inserem-se no intervalo de idades 18-24, o grupo dos 25-34 é o mais dominante representando 27,2% (82) dos inquiridos. 14,9% dos inquiridos inserem-se no intervalo 34-44, 13,6% no intervalo 55-64 e 18,9% no intervalo 45-64. Apenas 12,3% dos inquiridos apresentam mais de 65 anos de idade.

Quanto ao estado civil, as opções “casado/união de facto” e “solteiro” são as mais representadas com as percentagens de 39,9% (120 respostas) e 51,2% (154 respostas) respetivamente. A opção “separado” obteve 5,6% das respostas e a resposta menos frequente é “viúvo” com 3,3%.

Relativamente às habilitações, a opção “licenciatura” obteve a maioria das respostas representando 46,6% (109 respostas) dos inquiridos. A segunda opção mais popular é “mestrado/doutoramento” representando 32,1% (75 respostas). “Ensino secundário” e “ensino primário” correspondem a 19,7% e 1,7% respetivamente, o que torna visível a discrepância entre todas as respostas e a opção “ensino primário”.

Analisando a secção “País de origem” é notória a presença de um grupo dominante, “Mercados europeus dominantes” que representa 55,6% (168 respostas), ou seja, representa mais de metade da amostra. O grupo “Resto da Europa” representa, no entanto 6,0% (18 respostas) da amostra. “Portugal” e “América do Sul” são as segundas respostas mais populares representando 11,9% e 9,3% respetivamente. A “Ásia” e a “Oceânia” representam 4,6% e 3,6% respetivamente, e “África” é a opção com menos respostas com apenas 1,3%. Quanto ao nível do rendimento, a resposta dominante é a opção “Não sabe/Não responde” representando 38,1% (115 respostas) no total na amostra. A primeiras duas opções “Até 1500€” e “1501-3000€” são a segundas com mais respostas obtidas representando 20,2% e 23,8% respetivamente. Existem 30 respostas que representam 9,9% da amostra para a opção “3001-500€” o que deixa a opção “+5000€” com apenas 7,9% das respostas sendo assim a opção menos respondida.

4.1.2 Características da viagem

O segundo grupo de questões deste questionário está relacionado com os aspetos relativos às motivações da viagem e outros fatores. As variáveis que serão analisadas nesta secção são alguns parâmetros relativos a: se é a primeira visita ao Porto, com quem viaja, a duração da estada e o(s) motivo(s) da viagem. Em seguida é apresentada a tabela de frequências relativa aos dados obtidos neste grupo de questões.

Tabela 5 - Tabela de frequências “Características da viagem”

Primeira visita ao Porto				
	Frequência		Percentagem	
Sim	225		74,5%	
Não	77		25,5%	
Viaja com				
	Frequência		Percentagem	
Só	36		12,0%	
Com companheiro(a)	129		42,9%	
Familiares	55		18,3%	
Amigos	81		26,9%	
Duração da estada				
	Frequência		Percentagem	
Sem pernoita	7		2,3%	
De 1 a 2 noites	49		16,4%	
De 3 a 5 noites	193		64,5%	
De 5 a 10 noites	30		10,0%	
+ 10	20		6,7%	
Principal(ais) motivos da viagem				
	Sim		Não	
	Frequência/Percentagem		Frequência/Percentagem	
Férias/Lazer	235	77,8%	67	22,2%
Touring Cultural	53	17,5%	249	82,5%
Turismo de compras	8	2,6%	294	97,4%
Turismo enogastronómico	19	6,3%	283	93,7%
Turismo de negócios	8	2,6%	294	97,4%
Visita a familiares e amigos	14	4,6%	288	95,4%
Outros	26	8,6%	276	91,4%

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

A maior parte dos inquiridos visitou o Porto pela primeira vez representando 74,5% (225 respostas) da amostra enquanto apenas 25,5% (77 respostas) dos inquiridos já visitaram o Porto.

Relativamente à secção “Viaja com” a maioria dos inquiridos viaja “com companheiro(a)” representado 42,5% (129 respostas) do total. A segunda resposta mais popular é a opção “Amigos” com 26,9% (81 respostas) do total. 18,3% (55 respostas) viajam com “familiares” e apenas 12,0% (36 respostas) viajam “só”.

Quanto à “duração da estada”, a maioria dos inquiridos tiveram uma duração da visita “de 3 a 5 noites” representando 64,5% (193 respostas) do total da amostra, o que revela que mais de metade escolheu esta opção. A opção com menos respostas é “Sem pernoita” com apenas 7 respostas representando 2,3%. 16,4% permaneceram por “1 a 2 noites” e 10,0% por “5 a 10 noites”. Apenas 6,7% (20 respostas) tiveram uma estada media superior a “mais de 10 noites”.

Analisando o(s) principal(ais) motivo(s) da viagem, é notável que a maioria viaja devido ao motivo “Férias/lazer” representando 77,8% (225 respostas) da amostra. A segunda resposta mais popular é a opção “Touring cultural” representando 17,5% do total. “Turismo enogastronómico” representa 6,3% das respostas, “Visita a familiares e amigos” é semelhante com 4,6% das respostas. “Turismo de compras” e “Turismo de negócios” apresentam exatamente os mesmos valores ambos com 2,6% das respostas. A opção “outros” obteve 26 respostas que representam 8,6% do total, os principais motivos presentes nesta opção foram “Erasmus”, “Eventos desportivos”, “Caminho de Santiago” e “Conferência”.

4.1.3 Paisagem rural e urbana

Os seguintes grupos de questões estão relacionados com as características e aspetos estéticos e o nível de importância atribuído por cada inquirido. As primeiras duas questões relativas à paisagem rural avaliam as características da paisagem e a vertente estética. As questões relativas à paisagem urbana seguem a mesma estrutura das anteriores.

Nas seguintes tabelas estão dispostas as frequências para cada uma das questões que seguiram o sistema de escala de *Likert*. Sendo assim 1 corresponde a “nada importante”, 2 corresponde a “pouco importante”, 3 “importante”, 4 “muito importante”, e por último 5 “extremamente importante”.

Tabela 6 - Tabela de frequência “Características da paisagem rural”

Variáveis	1	2	3	4	5	Média	Desvio padrão
Características da paisagem							
11.1 Paisagem montanhosa	10 (3,3%)	30 (10,0%)	97 (32,3%)	109 (36,3%)	54 (18,0%)	3,60	0,967
11.2 Vales	9 (3,0%)	39 (13,0%)	110 (36,7%)	101 (33,7%)	41 (13,7%)	3,44	0,968
11.3 Planície	17 (5,8%)	59 (20,0%)	112 (38,0%)	82 (27,8%)	25 (8,5%)	3,15	1,007
11.4 Paisagem rural (socalcos, construções em pedra, vedações, sebes)	16 (5,4%)	40 (13,5%)	106 (35,8%)	94 (31,8%)	40 (13,5%)	3,35	1,041
11.5 Falésias/Ravinas	12 (4,2%)	54 (18,5)	97 (33,2%)	92 (31,5%)	37 (12,7%)	3,32	1,025
Curso de água							
11.6 Rios, ribeiras	7 (2,4%)	20 (6,7%)	96 (32,3%)	123 (41,4%)	51 (17,2%)	3,64	0,909
11.7 Pântanos, barragens e albufeiras	17 (5,7%)	61 (20,6%)	107 (36,1%)	78 (26,4%)	33 (11,1%)	3,17	1,042
11.8 Nascentes e cascatas	12 (4,0%)	28 (9,4%)	89 (30,0%)	115 (38,7%)	53 (17,8%)	3,57	0,996
11.9 Mar, zona costeira	8 (2,7%)	18 (6,1%)	96 (32,4%)	88 (29,7%)	86 (29,1%)	3,78	0,999
11.10 Lagos e lagoas	9 (3,1%)	31 (10,5%)	86 (29,2%)	102 (34,6%)	67 (22,7%)	3,62	1,020
Áreas arborizadas ou florestais							
11.11 Árvores de fruto	14 (4,7%)	51 (17,3%)	103 (34,9%)	90 (30,5%)	37 (12,5%)	3,29	1,036
11.12 Carvalhos e azinheiras	13 (4,4%)	62 (21,1%)	105 (35,7%)	83 (28,2%)	31 (10,5%)	3,21	1,022
11.13 Vinhas e videiras	12 (4,0%)	48 (16,1%)	95 (31,9%)	103 (34,6%)	40 (13,4%)	3,37	1,036
11.14 Pinhais	14 (4,7%)	57 (19,2%)	101 (34,0%)	89 (30,0%)	36 (12,1%)	3,25	1,038
Fauna							
11.15 Aves	11 (3,7%)	36 (12,0%)	99 (33,1%)	91 (30,4%)	62 (20,7%)	3,52	1,051
11.16 Animais selvagens	13 (4,3%)	40 (13,4%)	90 (30,1%)	86 (28,8%)	70 (23,4%)	3,56	1,101
11.17 Rebanhos e criação de gado	22 (7,4%)	63 (21,3%)	99 (33,4%)	66 (22,3%)	46 (15,5%)	3,16	1,145
Grau de importância						3,41	0,73

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Analisando o primeiro grupo de elementos da paisagem “características da paisagem”, a “paisagem montanhosa” é considerada “muito importante” apresentando a maioria das respostas neste nível com a percentagem de 36,3%, neste grupo este elemento é considerado o mais importante pois assume o valor médio mais alto 3,60. O aspeto considerado menos importante é a “planície” obtendo o valor médio mais baixo 3,15.

“Vales” são considerados importantes estando a maioria das respostas concentradas na opção “importante” e apresenta o valor médio de 3,44. “Paisagem rural” e “Ravinas e falésias” assumem valores médios muito próximos de 3,35 e 3,32 respetivamente.

No que diz respeito à secção “cursos de água”, “mar e zona costeira” é o elemento mais valorizado assumindo o valor médio de 3,78 e a maioria das respostas concentrada entre “importante” e “extremamente importante”. “Lagos e lagoas”, “Nascentes e cascatas” e “rios e ribeiras” são todos considerados pela maioria dos inquiridos “muito importante” e assumindo valores médios de 3,62, 3,57 e 3,64 respetivamente. O elemento considerado menos importante é “pântanos, barragens e albufeiras” com o valor médio de 3,17.

Quanto à secção “zonas arborizadas ou florestais” o elemento “vinhas e videiras” é notavelmente o mais valorizado assumindo o valor médio de 3,37 e a maioria das respostas concentradas na opção “importante” (95 respostas) e “muito importante” (103 respostas). “Árvores de fruto” e “pinhais” assumem valores relativamente próximos sendo a maioria das respostas consideradas “muito importante” (90 e 89 respostas, respetivamente) e valores médios de 3,29 e 3,25. O elemento considerado menos importante é “carvalhos e azinheiras” com o valor médio mais baixo de 3,21 e o maior número de respostas concentradas na opção “pouco importante” de todo o grupo.

Relativamente à fauna, “aves” e “animais selvagens” assumem valores médios muito próximos de 3,52 e 3,56 respetivamente e a maioria das respostas consideradas “muito importante”. “Rebanhos e criação de gado” é notavelmente a opção considerada menos importante assumindo o valor médio de 3,16 e o maior número de respostas consideradas “nada importante” (22 respostas) e “pouco importante” (63 respostas) quando comparada com as anteriores.

De acordo com o valor da média global (3,41 pontos), podemos afirmar que as características da paisagem rural são consideradas importantes pelos inquiridos.

Tabela 7 - Tabela de frequências “estética rural”

Variáveis	1	2	3	4	5	Média	Desvio padrão
12.1 Experienciar mudanças na paisagem (montanhas, cascatas, fiorde, etc.)	6 (2,0%)	17 (5,7%)	91 (30,3%)	138 (46,0%)	48 (16,0%)	3,66	0,877
12.2. Estar perto da natureza/Sentir-se livre e relaxado	2 (0,7%)	16 (5,3%)	83 (27,7%)	115 (38,3%)	84 (28,0%)	3,87	0,887
12.3. Observar a paisagem cultural (pequenas quintas, vilas antigas)	2 (0,7%)	18 (6,0%)	104 (34,8%)	109 (36,5%)	66 (22,1%)	3,72	0,89
12.4. Observar lugares de beleza natural	3 (1,0%)	13 (4,4%)	84 (28,2%)	122 (40,9%)	76 (25,5%)	3,86	0,860
12.5. Preservação do local (ex. água não poluída, poluição) /Respirar ar puro	4 (1,3%)	7 (2,3%)	69 (22,9%)	97 (32,2%)	124 (41,2%)	4,09	0,900
Grau de importância						3,84	0,73

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

É consensual que o elemento considerado mais importante é “Preservação do local (ex. água não poluída, poluição) /Respirar ar puro” assumindo o valor médio de 4,09 e o maior número de respostas consideradas “extremamente importante”. Todas as outras respostas atribuem valores muito semelhantes de importância, por exemplo, “Observar lugares de beleza natural” e “Estar perto da natureza/Sentir-se livre e relaxado” assumem valores médios muito próximos com 3,86 e 3,87 respetivamente. “Observar a paisagem cultural (pequenas quintas, vilas antigas)” apresenta um grande número de respostas concentradas entre as opções “importante” e “extremamente importante” e o valor médio de 3,72, no entanto apresenta o maior número de respostas “pouco importante” quando comparada com todas as outras. O menor número de respostas consideradas “extremamente importante” é atribuído a “Experienciar mudanças na paisagem (montanhas, cascatas, fiorde, etc.)” assumindo o valor médio de 3,66.

Podemos concluir que os aspetos associados à estética da paisagem rural são considerados pelos inquiridos como muito importantes, sendo que a média global é de 3,84 pontos.

Tabela 8 - Tabela de frequência “características da paisagem urbana”

Variáveis	1	2	3	4	5	Média	Desvio padrão
Construções e estruturas							
13.1 Urbanizações, arranha-céus	36 (11,9%)	89 (29,5%)	99 (32,8%)	54 (17,9%)	24 (7,9%)	2,80	1,098
13.2 Edifícios históricos, igrejas/catedrais, torres	5 (1,7%)	14 (4,6%)	82 (27,2%)	126 (41,7%)	75 (24,8%)	3,83	0,887
13.3 Fontes, chafarizes, obeliscos e outras esculturas	5 (1,7%)	36 (12,0%)	120 (39,9%)	92 (30,6%)	48 (15,9%)	3,44	0,941
13.4 Portos, marinas, pontões	8 (2,7%)	49 (16,3%)	119 (39,5%)	86 (28,6%)	39 (13,0%)	3,32	0,963
13.5 Zonas industriais, fábricas	116 (38,5%)	84 (27,9%)	60 (19,9%)	30 (10,0%)	11 (3,7%)	2,08	1,112
Elementos naturais							
13.6 Zonas arborizadas, parques públicos, jardins, canteiros	5 (1,7%)	15 (5,0%)	83 (27,7%)	133 (44,3%)	64 (21,3%)	3,78	0,870
13.7 Lagos, rios, zona costeira	3 (1,0%)	16 (5,4%)	85 (28,4%)	114 (38,1%)	81 (27,1%)	3,84	0,899
Grau de importância						3,29	0,62

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

No primeiro grupo, o elemento mais valorizado é “Edifícios históricos, igrejas/catedrais, torres” com o valor médio de 3,83 e o valor mais elevado de respostas consideradas “muito importante”. É consensual que “fábricas e zonas industriais” é o elemento menos valorizado assumindo o valor médio de 2,08 e o maior número de opções consideradas “nada importante” (116 respostas). “Fontes, chafarizes, obeliscos e outras esculturas” e “Portos, marinas, pontões” são maioritariamente considerados “importante” sendo essa a resposta mais frequente. “Urbanizações e arranha-céus” assumem um valor médio baixo de 2,80 o que significa que este elemento não é considerado importante para a maioria dos inquiridos.

Ambos os elementos inseridos na secção “elementos naturais” são considerados muito importantes apresentando a maioria das respostas concentradas na opção “muito importante” e assumem valores médios de 3,78 e 3,84.

Podemos aferir que na globalidade os elementos característicos da paisagem urbana são considerados importantes para os inquiridos, pois a média global é de 3,29 pontos.

Tabela 9 - Tabela de frequência “estética urbana”

Variáveis	1	2	3	4	5	Média	Desvio padrão
14.1 A junção do moderno com o antigo (edifícios e outras estruturas)	10 (3,3%)	11 (3,6%)	98 (32,5%)	118 (39,1%)	65 (21,5%)	3,70	0,934
14.2 Consistência e coerência urbana	12 (4,0%)	29 (9,6%)	77 (25,5%)	129 (42,7%)	55 (18,2%)	3,60	1,019
14.3 Conservação dos edifícios/estruturas	6 (2,0%)	9 (3,0%)	62 (20,5%)	132 (43,7%)	93 (30,8%)	3,96	0,873
14.4 Iluminação	5 (1,7%)	31 (10,3%)	104 (34,4%)	100 (33,1%)	62 (20,5%)	3,58	0,955
Grau de importância						3,71	0,78

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Analisando os atributos relativos à estética urbana, é notável que existe um consenso, sendo a resposta mais frequente em todas os aspetos “muito importante”. “Conservação dos edifícios/estruturas” assume o valor médio mais elevado de 3,96 e “iluminação” o valor médio mais baixo de 3,58. A maior concentração de opções consideradas “pouco importante” são atribuídas ao aspeto “Consistência e coerência urbana” o que significa que a maioria dos inquiridos não considera a coerência urbana um aspeto importante.

É possível concluir que de acordo com o valor da média global (3,71 pontos), os aspetos relativos à estética urbana são considerados muito importantes pelos inquiridos.

4.1.4 Miradouros

O último grupo de questões é mais específico e está relacionado com os miradouros e a preferência pelo tipo de paisagem. Serão analisados aspetos como: a preferência pelo tipo de paisagem, a quantidade de regiões visitadas no Norte de Portugal durante a estadia, a frequência da visita a miradouros, a inclusão dos miradouros no plano de viagem, a preferência por tipologia de miradouros e o grau de importância dado a recursos e infraestruturas que poderão ser encontradas na visita aos miradouros.

Nas seguintes tabelas encontram-se as frequências para cada um dos elementos acima mencionados.

Tabela 10 - Tabela de frequência “miradouros”

Preferência pelo tipo de paisagem		
	Frequência	Porcentagem
Paisagem rural	62	20,5%
Paisagem urbana	58	19,2%
Paisagem costeira	106	35,1%
Paisagem de montanha	76	25,2%
Regiões visitadas no Norte de Portugal		
	Sim	Não
	Frequência/%	Frequência/%
Área Metropolitana do Porto	240 79,5%	62 20,5%
Trás-Os-Montes	17 5,6%	285 94,4%
Minho	31 10,3%	270 89,7%
Douro	122 40,4%	180 59,6%
Frequência da visita a miradouros		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	21	7,0%
Raramente	34	11,3%
Às vezes	127	42,1%
Muitas vezes	100	33,1%
Sempre	20	6,6%
Os miradouros são incluídos no plano da viagem		
	Frequência	Porcentagem
Sim	206	68,2%
Não	96	31,8%
Se sim, em que momento da viagem		
	Frequência	Porcentagem
Antes da viagem	94	45,6%
Durante a viagem	112	54,4%
Tipologias de miradouros		
	Frequência	Porcentagem
Miradouros naturais	180	59,6%
Miradouros antrópicos (estruturas)	75	24,8%
Miradouros em locais de culto (santuários, igrejas)	47	15,6%

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Relativamente à preferência pelo tipo de paisagem, a resposta mais popular é “paisagem costeira” representando 35,1% do total da amostra, seguido da opção “paisagem de montanha” com 25,2% das respostas. “Paisagem rural” e “paisagem urbana” são as menos valorizadas assumindo os valores de 20,5% e 19,2%.

A Área Metropolitana do Porto é consideravelmente a região mais visitada no Norte de Portugal sendo representada por 79,5% da amostra. A segunda região mais visitada é o Douro representando 40,4%. Uma grande parte das respostas combinaram ambas as regiões (Porto e Douro) na mesma visita. A região do Minho representa 10,3% e Trás-Os-Montes é a região menos visitada representando apenas 5,6% das respostas.

Relativamente à frequência da visita a miradouros, a maioria dos inquiridos respondeu com a opção “Às vezes” representando 42,1% das respostas (127 respostas). 33,1% dos inquiridos frequentam “Muitas vezes” enquanto as opções “Sempre” e “Nunca” assumem valores muito próximos de 6,6% e 7,0% respetivamente. No entanto, 11,3% dos inquiridos raramente visitam miradouros.

A maioria dos inquiridos concorda que é frequente a inclusão dos miradouros no seu plano de viagem, pelo que assumem o valor representativo de 68,2% de respostas positivas e 31,8% de respostas negativas.

A questão seguinte é dependente da resposta “Sim” da questão anterior e está relacionada com o momento exato da viagem em que os miradouros são incluídos no seu planeamento. A grande parte dos inquiridos optou por “durante a viagem” o que representa 54,4% da amostra, ou seja, mais de metade.

No que diz respeito à preferência por tipologia de miradouro, a maioria considera os “miradouros naturais” o seu preferido representando 59,6% da amostra. Os “miradouros antrópicos” assumem o valor de 24,8% enquanto os “miradouros em locais de culto” são os menos populares assumindo a percentagem de 15,6% dos inquiridos.

Tabela 11 - Tabela de frequência “recursos e infraestruturas dos miradouros”

Variáveis	1	2	3	4	5	Média	Desvio padrão
Acessibilidades	4 (1,3%)	23 (7,6%)	125 (41,4%)	95 (31,5%)	55 (18,2%)	3,58	0,92
Alojamento	11 (3,6%)	49 (16,2%)	119 (39,4%)	81 (26,8%)	42 (13,9%)	3,31	1,02
Restauração	7 (2,3%)	51 (16,9%)	124 (41,1%)	77 (25,5%)	43 (14,2%)	3,32	0,99
Comércio	41 (13,6%)	94 (31,1%)	82 (27,2%)	62 (20,5%)	23 (7,6%)	2,77	1,15
Painéis informativos/Telescópios	11 (3,6%)	57 (18,9%)	113 (37,4%)	84 (27,8%)	37 (12,3%)	3,26	1,02
Parque de estacionamento	33 (10,9%)	71 (23,5%)	96 (31,8%)	68 (22,5%)	34 (11,3%)	2,99	1,16
WC	7 (2,3%)	29 (9,6%)	93 (30,8%)	79 (26,2%)	94 (31,1%)	3,74	1,07
Grau de importância						3,28	0,77

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

A existência de recursos como “WC” é o aspeto mais valorizado assumindo o valor médio de 3,74 enquanto “comércio” é considerado o elemento menos valorizado assumindo valor médio de 2,77 e o maior número de respostas consideradas “nada importante” e

“pouco importante”. “Painéis informativos/telescópios”, “restauração” e “acessibilidades” são elementos considerados “importante” entre todos os outros. Surpreendentemente, “parque de estacionamento” assume um valor médio muito reduzido de 2,99.

Na globalidade, podemos afirmar que os recursos e infraestruturas geralmente associados à localização dos miradouros são considerados importantes pela grande maioria dos inquiridos uma vez que a média global é de 3,28 pontos.

4.2 Validação das hipóteses de investigação

4.2.1 Validação da hipótese de investigação 1

Os turistas que visitam a região do Porto e Norte de Portugal dão importância: 1.1. às características da paisagem rural, 1.2. à estética da paisagem rural, 1.3. às características da paisagem urbana, 1.4. à estética da paisagem urbana.

Tabela 12 - Média global empírica dos graus de importância

	Características da paisagem	Estética da paisagem rural	Características da paisagem urbana	Estética da paisagem urbana
Média	3,4122	3,8390	3,2976	3,70776
Desvio padrão	0,72971	0,73302	0,62431	0,78150

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Para o cálculo do grau de importância global foi necessário calcular a média global empírica da importância, para as características da paisagem rural (média 3,41 e desvio padrão 0,73), a estética da paisagem rural (média 3,84 e desvio padrão 0,73), as características da paisagem urbana (média 3,29 e desvio padrão 0,62) e a estética da paisagem urbana (média 3,71 e desvio padrão 0,78). o que engloba os 33 itens mensurados numa escala do tipo *Likert* de 5 pontos e que avalia o grau da importância que os visitantes dão às características das paisagens.

Tabela 13 - Validação das hipóteses para a hipótese 1

	Hipótese	Teste	Valor	P-Value	Conclusão
H1: Os turistas que visitam a região do Porto e Norte de Portugal dão importância:					
1.	Às características da paisagem rural	One Sample Student's T Test	9,041	0,000	Confirmado
2.	À estética da paisagem rural		19,049	0,000	Confirmado
3.	Às características da paisagem urbana		7,933	0,000	Confirmado
4.	À estética da paisagem urbana		15,069	0,000	Confirmado

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

De forma a dar resposta a esta hipótese de investigação, utilizou-se o teste *T-Student* para uma amostra e a média teórica de referência foi de 3 pontos. Desta aplicação obteve-se um valor de teste de 276 (graus de liberdade) e o valor da prova (*p-value*) inferior a 0,001. Visto que o valor de prova é inferior ao nível de significância assumido, corrobora-se a hipótese de investigação e pode afirmar-se que existem evidências estatísticas para referir que os visitantes da região do Porto e Norte de Portugal atribuem importância às características e à estética da paisagem.

4.2.2 Validação da hipótese de investigação 2

Existem diferenças relativamente à importância das características da paisagem rural e urbana por variável sociodemográfica: 2.1. Quanto às características da paisagem rural; 2.2. Quanto à estética da paisagem rural; 2.3. Quanto às características da paisagem urbana; 2.4. Quanto à estética da paisagem urbana.

De forma a dar resposta a esta hipótese de investigação aplicou-se o teste *Mann Whitney Ue* o teste *Kruskal-Wallis H* para amostras independente. Na tabela 14 apresentam-se os resultados obtidos para cada variável sociodemográfica.

Tabela 14 - Hipótese 2.1. Valor da prova para os testes estatísticos Características da paisagem rural

Variáveis	Teste	p-value	Significância
Sexo	Mann-Whitney U	0,728	NS
Faixa etária	Kruskal-Wallis H	0,493	NS
Estado Civil	Kruskal-Wallis H	0,285	NS
Habilitações	Kruskal-Wallis H	0,720	NS
País de origem	Kruskal-Wallis H	0,233	NS
Rendimento	Kruskal-Wallis H	0,524	NS

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Verifica-se que em todas as variáveis não há diferenças estatisticamente significativas, uma vez que o valor de prova é superior a 0,05 (*p-value*), ou seja, não há diferenças por variável sociodemográfica relativamente ao grau de importância dadas as características da paisagem rural.

Tabela 15 - Hipótese 2.2 Valor da prova para os testes estatísticos da estética da paisagem rural

Variáveis	Teste	p-value	Significância
Sexo	Mann-Whitney U	0,828	NS
Faixa etária	Kruskal-Wallis H	0,484	NS
Estado Civil	Kruskal-Wallis H	0,440	NS
Habilitações	Kruskal-Wallis H	0,423	NS
País de Origem	Kruskal-Wallis H	0,714	NS
Rendimento	Kruskal-Wallis H	0,448	NS

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Verifica-se que em todas as variáveis não há diferenças estatisticamente significativas, uma vez que o valor de prova é superior a 0,05 (*p-value*), ou seja, não há diferenças por variável sociodemográfica relativamente ao grau de importância dadas os elementos da estética da paisagem rural.

Tabela 16 - Hipótese 2.3 Valor da prova para os testes estatísticos das características da paisagem urbana

Variáveis	Teste	p-value	Significância
Sexo	Mann-Whitney U	0,735	NS
Faixa etária	Kruskal-Wallis H	0,988	NS
Estado civil	Kruskal-Wallis H	0,450	NS
Habilitações	Kruskal-Wallis H	0,975	NS
País de Origem	Kruskal-Wallis H	0,011	S
Rendimento	Kruskal-Wallis H	0,102	NS

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Verifica-se que em todas as variáveis exceto para o país de origem não há diferenças estatisticamente significativas, uma vez que o valor de prova é superior a 0,05 (*p-value*), ou seja, não há diferenças por variável sociodemográfica relativamente ao grau de importância dadas as características da paisagem urbana.

Tabela 17 - Hipótese 2.4 Valor da prova para os testes estatísticos da estética da paisagem urbana

Variáveis	Teste	p-value	Significância
Sexo	Mann-Whitney U	0,710	NS
Faixa etária	Kruskal-Wallis H	0,745	NS
Estado Civil	Kruskal-Wallis H	0,104	NS
Habilitações	Kruskal-Wallis H	0,747	NS
País de Origem	Kruskal-Wallis H	0,411	NS
Rendimento	Kruskal-Wallis H	0,585	NS

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Verifica-se que em todas as variáveis não há diferenças estatisticamente significativas, uma vez que o valor de prova é superior a 0,05 (*p-value*), ou seja, não há diferenças por variável sociodemográfica relativamente ao grau de importância dadas os elementos da estética da paisagem urbana.

4.2.3 Validação da hipótese de investigação 3

Existem diferenças relativamente às tipologias de miradouros por variável sociodemográfica: 3.1 Quanto ao sexo; 3.2 Quanto à faixa etária; 3.3 Quanto ao estado civil; 3.4 Quanto às habilitações; 3.5 Quanto ao país de origem; 3.6 Quanto ao rendimento.

Para avaliar se a tipologia de miradouro é dependente das variáveis sociodemográficas recorreu-se ao teste do Qui-quadrado (Coeficiente de correlação de *Pearson*). Considerou-se uma probabilidade de erro tipo I ($\alpha=0,05$) em todas as análises inferenciais.

Tabela 18 - Hipótese 3 - Valor da prova para os testes estatísticos por variável sociodemográfica

Variável	Qui-quadrado de Pearson			
	Valor	Df	p-value α	Valor de Significância
3.1 Sexo	6,477	2	0,039	S
3.2 Faixa-etária	22,537	10	0,013	S
3.3 Estado civil	11,398	6	0,077	NS
3.4 Habilitações	10,292	6	0,113	NS
3.5 País de origem	40,729	14	0,000	S
3.6 Rendimento	16,857	8	0,032	S

S – Significante NS – Não Significante

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Analisando os valores dos resultados do teste do Coeficiente de *Pearson* podemos obter as seguintes conclusões:

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a tipologia de miradouro **não é independente** do género ($\alpha=0,039$; valor de prova $<0,05$; N=302).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a tipologia de miradouro **não é independente** da faixa etária ($\alpha=0,013$; valor de prova $<0,05$; N=302).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a tipologia de miradouro **é independente** do estado civil ($\alpha=0,077$; valor de prova $>0,05$; n=301).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a tipologia de miradouro **é independente** das habilitações ($\alpha=0,113$; valor de prova $>0,05$; N=234).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a tipologia de miradouro **não é independente** do país de origem ($\alpha=0,000$; valor de prova $<0,05$; n=302).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a tipologia de miradouro **não é independente** do rendimento ($\alpha=0,032$; valor de prova $<0,05$; n=302).

Podemos concluir que para todas as variáveis sociodemográficas, exceto para as variáveis “habilitações” e “estado civil”, existe uma relação relativamente à tipologia de miradouro. Isto é, existem diferenças que influenciam as preferências por tipologia de

miradouro de acordo com as variáveis sociodemográficas, sexo, faixa etária, país de origem e rendimento.

4.2.4 Validação da hipótese de investigação 4

Existem diferenças relativamente à frequência da visita a miradouros por variável sociodemográfica: 4.1 Quanto ao sexo; 4.2 Quanto à faixa etária; 4.3 Quanto ao estado civil; 4.4 Quanto às habilitações; 4.5 Quanto ao país de origem; 4.6 Quanto ao rendimento.

Para avaliar se a frequência da visita a miradouros é dependente das variáveis sociodemográficas recorreu-se ao teste do Qui-quadrado ou no caso do conjunto de variáveis ordinais o teste de *Spearman*. Considerou-se uma probabilidade de erro tipo I ($\alpha=0,05$) em todas as análises inferenciais.

Tabela 19 - Hipótese 4 - Valor da prova para os testes estatísticos por variável sociodemográfica para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)

Variável	Valor	Df	p-value	Valor de Significância
4.1 Sexo	3,743	4	0,442	NS
4.3 Estado Civil	11,387	12	0,496	NS
4.4 Habilitações	18,093	12	0,113	NS
4.5 País de origem	33,159	28	0,230	NS

S- Significante NS- Não significativa

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Tabela 20 - Hipótese 4 - Valor da prova para os testes estatísticos por variável sociodemográfica para o teste de Spearman

Variável	Coeficiente de Correlação	p-value	Significância
4.2 Faixa etária	0,212	0,000	S
4.6 Rendimento	-0,056	0,332	NS

S – Significante NS- Não significativa

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

De acordo com a análise dos resultados do teste do Coeficiente de *Pearson*, e do teste de *Spearman* podemos concluir que:

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros é **independente** do género ($\alpha=0,442$; valor de prova $<0,05$; N=302).

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **não é independente** da faixa etária ($\alpha=0,000$; valor de prova $<0,05$; N=302).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **é independente** do estado civil ($\alpha=0,496$; valor de prova $<0,05$; N=301).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **é independente** das habilitações ($\alpha=0,113$; valor de prova $<0,05$; N=234).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **é independente** do país de origem ($\alpha=0,230$; valor de prova $<0,05$; N=302).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **é independente** do rendimento ($\alpha=0,332$; valor de prova $<0,05$; N=302).

Podemos concluir que para todas as variáveis sociodemográficas exceto para a variável “faixa etária” não existe uma relação relativamente à frequência da visita a miradouros. No entanto, existem diferenças que influenciam a visita aos miradouros de acordo com a variável sociodemográfica “faixa etária”.

4.2.5 Validação da hipótese de investigação 5

Existem diferenças relativamente à tipologia de miradouro e a frequência da visita a miradouros.

Para a realização da validação desta hipótese de investigação foi usado o teste do Coeficiente de Pearson entre as variáveis “Tipologia de miradouro” e “frequência da visita a miradouros”.

Tabela 21 - Hipótese 5. Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)

Variável	Coeficiente de Pearson	Df	p-value	Significância
Tipologia de miradouro/Frequência da visita a miradouros	13,761	8	0,088	Significante

S – Significante NS- Não significativa

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Com base nestes resultados, existe uma relação de dependência entre ambas as variáveis, o que significa que a frequência da visita a miradouros é influenciada de acordo com a tipologia de miradouros.

4.2.6 Validação da hipótese de investigação 6

Existem diferenças relativamente ao motivo da viagem com a frequência da visita a miradouros. Quanto ao motivo: 6.1 Férias/Lazer; 6.2 *Touring* Cultural; 6.3 Turismo de Compras; 6.4 Turismo Enogastronómico; 6.5 Turismo de negócios; 6.6 Visita a familiares e amigos; 6.7 Outro(s).

Tabela 22 - Hipótese 6. Valor da prova para os testes estatísticos por variável sociodemográfica para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)

Variável	Valor	Df	p-value	Significância
6.1 Férias/Lazer	9,573	4	0,048	S
6.2 <i>Touring</i> Cultural	7,561	4	0,109	NS
6.3 Turismo de Compras	7,884	4	0,96	NS
6.4 Turismo enogastronómico	4,417	4	0,352	NS
6.5 Turismo de negócios	1,298	4	0,862	NS
6.6 Visita a familiares e amigos	2,320	4	0,677	NS
6.7 Outros	12,038	4	0,017	S

S – Significante NS- Não significativa

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Quanto à análise dos resultados dos testes estatísticos relativos à hipótese de investigação 6 podemos concluir que:

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **não é independente** do motivo “férias/lazer” ($\alpha=0,048$; valor de prova $<0,05$; $N=302$).

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **é independente** do motivo “*touring* cultural” ($\alpha=0,109$; valor de prova $>0,05$; $N=302$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **é independente** do motivo “turismo de compras” ($\alpha=0,96$; valor de prova $>0,05$; $N=302$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **é independente** do motivo “turismo enogastronómico” ($\alpha=0,352$; valor de prova $>0,05$; $N=302$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **é independente** do motivo “turismo de negócios” ($\alpha=0,862$; valor de prova $>0,05$; $N=302$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **é independente** do motivo “visita a familiares e amigos” ($\alpha=0,677$; valor de prova $>0,05$; $N=302$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a frequência da visita a miradouros **não é independente** do motivo “outros” ($\alpha=0,017$; valor de prova $<0,05$; $N=302$).

Podemos concluir que para todos os motivos da viagem, exceto para as variáveis “férias/lazer” e “outros”, não existe uma relação relativamente à frequência da visita a miradouros. No entanto, existem diferenças que influenciam a visita aos miradouros de acordo com a motivação da viagem para os inquiridos que viajam em “férias/lazer” ou pelo motivo “outros”, podendo estes ser Caminhos de Santiago, eventos desportivos e Erasmus.

4.2.7 Validação da hipótese de investigação 7

Existem diferenças relativamente à importância da disponibilidade dos recursos/infraestruturas em locais onde há miradouros por variável sociodemográfica:

7.1. Quanto ao sexo; 7.2. Quanto à faixa etária; 7.3. Quanto ao estado civil; 7.4. Quanto às habilitações; 7.5. Quanto ao país de origem; 7.6. Quanto ao rendimento.

De forma a dar resposta a esta hipótese de investigação aplicou-se o teste *Mann Whitney U* e o teste *Kruskal-Wallis H* para amostras independente. Na tabela 23 apresentam-se os resultados obtidos para cada variável sociodemográfica.

Tabela 23 - Valor da prova para os testes estatísticos da hipótese 7

Variáveis	Teste	p-value	Significância
7.1 Sexo	Mann-Whitney U	0,252	NS
7.2 Faixa etária	Kruskal-Wallis H	0,847	NS
7.3 Estado civil	Kruskal-Wallis H	0,889	NS
7.4 Habilitações	Kruskal-Wallis H	0,855	NS
7.5 País de Origem	Kruskal-Wallis H	0,442	NS
7.6 Rendimento	Kruskal-Wallis H	0,313	NS

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Verifica-se que em todas as variáveis não há diferenças estatisticamente significativas, uma vez que o valor de prova é superior a 0,05 (*p-value*), ou seja, não há diferenças por variável sociodemográfica relativamente ao grau de importância dadas aos recursos e infraestruturas presentes nos miradouros.

4.2.8 Validação da hipótese de investigação 8

Existe uma relação relativamente à preferência pelo tipo de paisagem e a frequência da visita a miradouros.

Para a validação desta hipótese de investigação foi utilizado o teste do Coeficiente de Pearson (Qui-Quadrado).

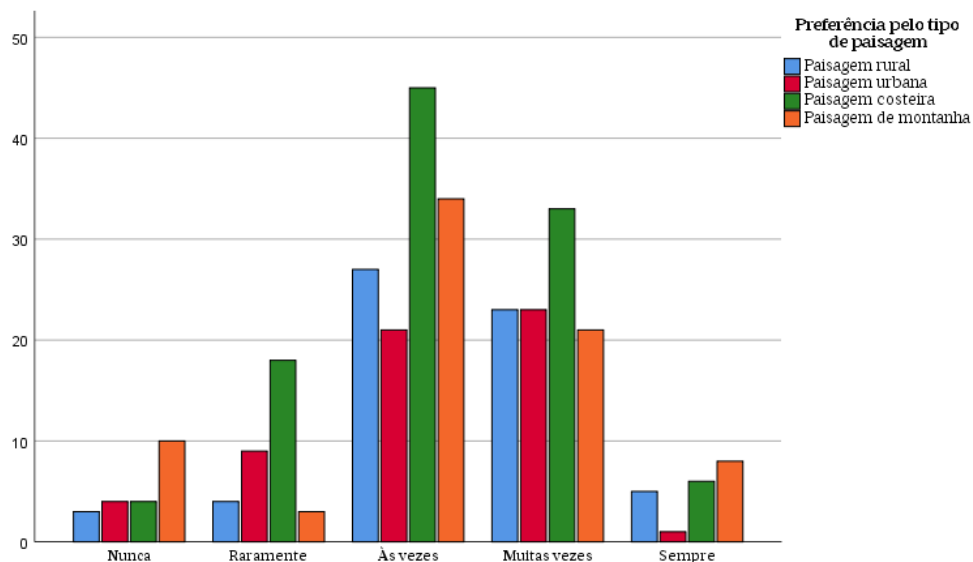
Tabela 24 - Hipótese 8 - Valor da prova para os testes estatísticos por variável sociodemográfica para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)

Variável	Valor	Df	p-value	Significância
Tipo de paisagem/Frequência da visita a miradouros	21,740	12	0,041	Significante

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Após o resultado do teste verificamos que as variáveis “preferência pelo tipo de paisagem” e “frequência da visita a miradouros” não são independentes, ou seja, existe uma relação direta entre ambas as variáveis (Coeficiente= 21,740; α = 0,041; valor da prova<0,05; N=302).

Figura 9 -Distribuição de frequências da relação entre as variáveis "tipo de paisagem" e "frequência da visita a miradouros"



Fonte: outputs do SPSS

Com base no gráfico é visível a grande concentração de respostas “às vezes” e “muitas vezes” relativamente à opção “paisagem costeira”. A paisagem urbana é a menos frequente na globalidade das respostas relativamente à frequência da visita a miradouros. As opções “paisagem de montanha”, “paisagem rural” e paisagem urbana” adquirem um peso similar nas frequências “às vezes” e “muitas vezes”. No entanto, a opção mais notável na frequência “sempre” é a “paisagem de montanha”. A “paisagem rural” é na globalidade das respostas de frequência mais baixa (“nunca” e “raramente”) a resposta menos popular.

De acordo com a diversidade de resultados, é visível a variação na relação destas variáveis, logo podemos concordar que se encontram correlacionadas.

4.2.9 Validação da hipótese de investigação 9

Existe relação entre a duração da estada e a visita às regiões do Norte de Portugal: 9.1 Para a região da Área Metropolitana do Porto; 9.2 Para a região de Trás-Os-Montes; 9.3 Para a região do Minho; 9.4 Para a região do Douro.

Para a validação desta hipótese de investigação foi utilizado o teste do Coeficiente de Pearson (Qui-Quadrado).

Tabela 25 - Hipótese 9 - Valor da prova para os testes estatísticos por região do Norte de Portugal para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)

Variáveis	Valor	Df	p-value	Significância
9.1 Porto	5,942	4	0,204	NS
9.2 Trás-Os-Montes	8,134	4	0,087	NS
9.3 Minho	12,663	4	0,013	S
9.4 Douro	7,794	4	0,099	NS

S – Significante NS- Não significativa

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Quanto à análise dos resultados dos testes estatísticos relativos à hipótese de investigação 9 podemos concluir que:

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a duração da estada **é independente** da visita à região “Área Metropolitana do Porto” ($\alpha=0,204$; valor de prova $<0,05$; N=299).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a duração da estada **é independente** da visita à região “Trás-Os-Montes” ($\alpha=0,087$; valor de prova $>0,05$; N=299).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a duração da estada **não é independente** da visita à região “Minho” ($\alpha=0,013$; valor de prova $<0,05$; N=298).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a duração da estada **é independente** da visita à região “Douro” ($\alpha=0,099$; valor de prova $<0,05$; N=299).

Podemos concluir que para todas as regiões do Norte de Portugal exceto para o “Minho” não existe uma relação relativamente à duração da estada.

4.2.10 Validação da hipótese de investigação 10

Existe uma relação entre a frequência da visita a miradouros e a inclusão dos miradouros no plano de viagem.

Tabela 26 - Hipótese 10 - Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)

Variáveis	Coeficiente de Pearson	Df	p-value	Significância
Frequência da visita a miradouros/inclusão dos miradouros no plano de viagem	92,834	4	0,000	Significante

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

De acordo com os resultados do teste do Coeficiente de *Pearson*, é possível verificar que existe uma relação entre a frequência da visita a miradouros e a sua inclusão no plano de viagem. Isto prova que a maioria das pessoas que frequentam miradouros os incluem no plano da sua viagem (Coeficiente=92,834; $\alpha=0,000$; valor de prova $<0,005$; N=302). Esta hipótese é também relevante para esta investigação no sentido em que revela pertinência para a elaboração de um roteiro de miradouros no Norte de Portugal.

4.2.11. Validação da investigação de hipótese 11

Existe relação entre o motivo da viagem e a visita às regiões do Norte de Portugal. Para as regiões: 11.1 Área Metropolitana do porto 11.2 Trás-Os-Montes 11.3 Minho 11.4 Douro.

Tabela 27 - Hipótese 11.1 - Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)

Variável "Área Metropolitana do Porto"	Valor	Df	p-value	Valor de Significância
Férias/Lazer	0,182	1	0,669	NS
Touring Cultural	11,664	1	0,001	S
Turismo de compras	0,101	1	0,751	NS
Turismo Enogastronómico	0,416	1	0,519	NS
Turismo de negócios	2,123	1	0,145	NS
Visita a familiares e amigos	0,351	1	0,554	NS
Outro(s)	0,029	1	0,864	NS

S – Significante NS- Não significativa

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Com base nos resultados do teste estatístico podemos observar que:

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região da “Área Metropolitana do Porto” **é independente** do motivo “Férias/lazer” ($\alpha=0,669$; valor de prova $>0,05$; N=240).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região da “Área Metropolitana do Porto” **não é independente** do motivo “*Touring cultural*” ($\alpha=0,001$; valor de prova $<0,05$; N=240).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região da “Área Metropolitana do Porto” **é independente** do motivo “Turismo de compras” ($\alpha=0,751$; valor de prova $>0,05$; N=240).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região da “Área Metropolitana do Porto” **é independente** do motivo “Turismo enogastronómico” ($\alpha=0,519$; valor de prova $>0,05$; N=240).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região da “Área Metropolitana do Porto” **é independente** do motivo “Turismo de negócios” ($\alpha=0,145$; valor de prova $<0,05$; N=240).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região da “Área Metropolitana do Porto” **é independente** do motivo “Visita a familiares e amigos” ($\alpha=0,554$; valor de prova $>0,05$; N=240).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região da “Área Metropolitana do Porto” **é independente** do motivo “Outro(s)” ($\alpha=0,864$; valor de prova $>0,05$; N=240).

Com base nestas conclusões, podemos afirmar que apenas existe uma relação estatística entre o motivo “*Touring cultural*” e a visita à região do Porto. O que significa que a maior motivação da visita a esta região é “*touring cultural*”.

Tabela 28 - Hipótese 11.2 - Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)

Variável “Trás-Os-Montes”	Valor	Df	p-value	Valor de Significância
Férias/Lazer	0,545	1	0,460	NS
Touring Cultural	0,000	1	0,991	NS
Turismo de compras	0,730	1	0,393	NS
Turismo Enogastronómico	3,940	1	0,047	S
Turismo de negócios	0,730	1	0,393	NS
Visita a familiares e amigos	0,063	1	0,801	NS
Outro(s)	0,228	1	0,633	NS

S – Significante NS- Não significativa

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Com base nos resultados obtidos para as variáveis relativas à região de “Trás-Os-Montes” podemos verificar que:

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região de “Trás-Os-Montes” **é independente** do motivo “Férias/lazer” ($\alpha=0,460$; valor de prova $>0,05$; $N=17$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região de “Trás-Os-Montes” **é independente** do motivo “Touring cultural” ($\alpha=0,991$; valor de prova $>0,05$; $N=17$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região de “Trás-Os-Montes” **é independente** do motivo “Turismo de compras” ($\alpha=0,393$; valor de prova $>0,05$; $N=17$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região de “Trás-Os-Montes” **não é independente** do motivo “Turismo enogastronómico” ($\alpha=0,047$; valor de prova $<0,05$; $N=17$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região de “Trás-Os-Montes” **é independente** do motivo “Turismo de negócios” ($\alpha=0,393$; valor de prova $>0,05$; $N=17$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região de “Trás-Os-Montes” **é independente** do motivo “Visita a familiares e amigos” ($\alpha=0,801$; valor de prova $>0,05$; $N=17$).

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região de “Trás-Os-Montes” **é independente** do motivo “Outro(s)” ($\alpha=0,633$; valor de prova $>0,05$; $N=17$).

Podemos afirmar, com base nestes resultados, que o único motivo de viagem que está correlacionado com a visita à região de “Trás-Os-Montes” é o motivo “turismo enogastronómico”.

Tabela 29 - Hipótese 11.3. Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)

Variável “Minho”	Valor	Df	p-value	Valor de Significância
Férias/Lazer	10,475	1	0,001	S
Touring Cultural	0,589	1	0,443	NS
Turismo de compras	0,944	1	0,331	NS
Turismo Enogastronómico	0,001	1	0,973	NS
Turismo de negócios	0,043	1	0,836	NS
Visita a familiares e amigos	0,063	1	0,801	NS
Outro(s)	5,030	1	0,025	S

S – Significante NS- Não significativa

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Com base nos resultados do teste do Coeficiente de Pearson é possível retirar as seguintes conclusões:

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Minho” **não é independente** do motivo “Férias/lazer” ($\alpha=0,001$; valor de prova $<0,05$; $N=31$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Minho” **é independente** do motivo “*Touring* cultural” ($\alpha=0,443$; valor de prova $>0,05$; $N=31$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Minho” **é independente** do motivo “Turismo de compras” ($\alpha=0,331$; valor de prova $>0,05$; $N=31$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Minho” **é independente** do motivo “Turismo enogastronómico” ($\alpha=0,973$; valor de prova $>0,05$; $N=31$).

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Minho” **é independente** do motivo “Turismo de negócios” ($\alpha=0,836$; valor de prova $>0,05$; N=31).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Minho” **é independente** do motivo “Visita a familiares e amigos” ($\alpha=0,810$; valor de prova $>0,05$; N=31).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Minho” **não é independente** do motivo “Outro(s)” ($\alpha=0,025$; valor de prova $<0,05$; N=31).

Com base nestas conclusões verificamos que os motivos “Férias/lazer” e “Outro(s)” se encontram diretamente correlacionados com a visita à região do Minho.

Tabela 30 - Hipótese 11.4. Valor da prova para os testes estatísticos para o teste do Qui-quadrado (Coeficiente de Pearson)

Variável “Douro”	Valor	Df	p-value	Valor de Significância
Férias/Lazer	0,000	1	0,985	NS
<i>Touring Cultural</i>	12,765	1	0,000	S
Turismo de compras	1,667	1	0,197	NS
Turismo	4,362	1	0,037	S
Enogastronómico				
Turismo de negócios	2,656	1	0,103	NS
Visita a familiares e amigos	4,157	1	0,041	S
Outro(s)	2,145	1	0,143	NS

S – Significante NS- Não significativa

Fonte: elaboração própria com base nos outputs do SPSS

Com base nos resultados do teste do Coeficiente de *Pearson* podemos verificar que:

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Douro” **é independente** do motivo “Férias/lazer” ($\alpha=0,985$; valor de prova $>0,05$; N=122).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Douro” **não é independente** do motivo “*Touring cultural*” ($\alpha=0,985$; valor de prova $<0,0001$; N=122).

- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Douro” **é independente** do motivo “Turismo de compras” ($\alpha=0,197$; valor de prova $>0,05$; $N=122$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Douro” **não é independente** do motivo “Turismo enogastronómico” ($\alpha=0,985$; valor de prova $>0,037$; $N=122$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Douro” **é independente** do motivo “Turismo de negócios” ($\alpha=0,103$; valor de prova $>0,05$; $N=122$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Douro” **não é independente** do motivo “Visita a familiares e amigos” ($\alpha=0,041$; valor de prova $<0,05$; $N=122$).
- A análise estatística inferencial permite concluir que a relação entre a visita à região do “Douro” **é independente** do motivo “Outro(s)” ($\alpha=0,143$; valor de prova $<0,05$; $N=122$).

De acordo com estas conclusões, podemos afirmar que existe uma relação entre os motivos “*Touring* cultural”, “Turismo enogastronómico” e “Visita a familiares e amigos” e a visita à região do Douro, o que demonstra que esta é a região do Norte de Portugal com maior significância a nível da motivação do viajante.

4.3 Discussão de resultados

Os resultados obtidos através dos questionários, após a análise descritiva revelam que a paisagem é um fator que influencia e tem importância na motivação dos turistas na visita a um destino. Os elementos da paisagem adicionam valor ao destino e influenciam a decisão do turista na escolha do destino.

Esta investigação mostra que na generalidade a preferência relativamente à tipologia da paisagem por parte dos respondentes é a “paisagem costeira” seguida da “paisagem de montanha”. Considerando as “características da paisagem rural” e a “estética da

paisagem rural”, os elementos mais valorizados são “mar e zona costeira”, “vinhas e videiras”, “aves” e “animais selvagens”; quanto à estética o elemento considerado mais importante é “Preservação do local/Respirar ar puro”, “Observar lugares de beleza natural” e “Estar perto da natureza/Sentir-se livre e relaxado”.

Relativamente às “características da paisagem urbana” e aos aspetos da “estética urbana”, os elementos mais valorizados são “edifícios históricos, igrejas/catedrais, torres” e “preservação dos edifícios/estruturas” respetivamente. A Área Metropolitana do Porto é notavelmente a região mais visitada do Norte de Portugal e a segunda é a região do Douro. A maioria dos inquiridos concorda que é frequente a inclusão de miradouros no seu plano de viagem durante a própria viagem, reforçando preferência por “miradouros naturais”. Em locais de miradouro, relativamente aos recursos e infraestruturas existentes, “WC” é o aspeto mais valorizado, seguido de “Painéis informativos/telescópios”, “restauração” e “acessibilidades”.

Quanto à validação das hipóteses, de acordo com a hipótese de investigação 1 podemos afirmar que os turistas que visitam a região do Porto e Norte de Portugal dão importância às características e estética da paisagem rural e urbana. Segundo o estudo de Breiby (2015), relativamente à estética da paisagem os elementos “variação/contraste”, são mais valorizadas tanto no meio natural como em meios de intervenção humana. A “Autenticidade” é valorizada apenas em meios de intervenção humana e “variação/contraste” apenas em meios rurais.

Quanto à hipótese de investigação 2, esta revela que não existe relação entre as variáveis do perfil sociodemográfico quanto ao grau de importância atribuído às características e à estética da paisagem rural. No entanto, relativamente à paisagem urbana, quanto ao grau de importância atribuído às características da paisagem urbana não existem relações exceto para o país de origem, que revela influência neste aspeto. Quanto à estética da paisagem urbana não existem relações significativas quanto às variáveis do perfil sociodemográfico. De acordo com o estudo de Breiby (2015), a perceção estética da paisagem pode ser influenciada de acordo com alguns aspetos como como o motivo da viagem, a nacionalidade, a idade e a educação.

A hipótese de investigação 3 relaciona a preferência pela tipologia de miradouros com as variáveis do perfil sociodemográfico e neste caso existem relações entre todas as

variáveis exceto para as habilitações e o estado civil que não influenciam a preferência por tipologia de miradouros. Os resultados da hipótese de investigação 4 demonstram que não existem relações entre as variáveis do perfil sociodemográfico e a frequência da visita a miradouros, já a hipótese de investigação 5 conclui que existe uma relação entre a frequência da visita a miradouros e a preferência por tipologia de miradouros. Isto pode revelar que não são as motivações nem as características individuais que influenciam a preferência por tipologia de miradouros, mas sim a frequência da visita. A hipótese de investigação 6 demonstra que existe uma relação entre a motivação da viagem “Férias e lazer” e “outros” motivos de viagem e a frequência da visita a miradouros, ou seja, os visitantes que se encontram a viajar por motivos de férias e lazer têm tendência para visitar miradouros com mais frequência.

A validação da hipótese de investigação 7 conclui que não existe qualquer relação entre as variáveis do perfil sociodemográfico e o grau de importância atribuído à disponibilidade de recursos e infraestruturas em locais de miradouros. Podemos afirmar que nenhum aspeto do perfil sociodemográfico dos visitantes tem peso na importância dada a recursos e infraestruturas disponíveis em miradouros. Relativamente à hipótese de investigação 8, esta revela que existe relação entre a preferência pelo tipo de paisagem e a frequência da visita a miradouros. A escolha da “paisagem costeira” demonstra resultados mais positivos relativamente à frequência da visita enquanto a escolha de “paisagem urbana” demonstra que existe menos frequência de visita. Isto pode significar que não existe uma grande quantidade de miradouros em centros urbanos e os visitantes que preferem o tipo de paisagem urbana não visitam miradouros com muita frequência.

A hipótese de investigação 9 revela que não existem relações entre a duração da estada e a visita às regiões do Norte de Portugal exceto para a região do Minho. Logo, esta constatação pode significar que a duração da estada média, sendo ela de maior ou menor duração influencia a visita à região do Minho.

A hipótese de investigação 10 revela que há uma relação entre a frequência da visita a miradouros e a respetiva inclusão dos miradouros no plano de viagem o que fundamenta a importância e pertinência da elaboração de um roteiro de miradouros.

Quanto à validação da hipótese de investigação 11, podemos concluir que existe relação entre os motivos de viagem para cada região do Norte de Portugal para os seguintes motivos e regiões:

1) Área Metropolitana do Porto, existe uma relação com o motivo “*Touring cultural*”;

2) Para a região de Trás-Os-Montes existe relação com o motivo “Turismo Enogastronómico”;

3) Para a região do Minho existe relação para os motivos “Férias e lazer” e “Outros”;

4) Por fim, para a região do Douro existem relações entre os motivos “*Touring cultural*”, “Turismo Enogastronómico” e “Visita a familiares e amigos”.

CAPÍTULO 5 - Elaboração de um roteiro de miradouros no Norte de Portugal

5.1 Enquadramento teórico

Antes de dar início à elaboração do roteiro, podemos considerar alguns conceitos e observações anteriormente aferidas na revisão de literatura. Para isso, como nota introdutória, consideramos que uma grande tendência do turismo na atualidade é a existência de opções personalizadas de acordo com os interesses e as necessidades de cada visitante. O objetivo deste roteiro é sobretudo o de ser considerado como uma linha orientadora e sugestiva para a visita a miradouros: apesar de seguir uma ordem lógica, o turista pode utilizar este roteiro como um instrumento informativo e personalizar a sua rota da forma que melhor entender. Segundo Hyde e Lawson (2003), devido às transformações constantes no setor do turismo, é mais frequente os visitantes optarem por pacotes ou experiências mais personalizadas em oposição a pacotes turísticos previamente organizados por intermediários.

Esta afirmação está relacionada com a(s) motivação(ões) da viagem que podem ser bastante diferentes, no entanto, a escolha do destino em grande parte das vezes é influenciada de acordo com a variedade de atrações e atividades oferecidas ao invés de uma única razão específica (Rodríguez, Molina, Pérez & Caballero, 2012).

Um roteiro é um instrumento bastante útil para o turista, uma vez que serve como um “guia” aliando a sensação de “liberdade” associada à forma como o visitante pretende dar uso à informação providenciada.

As rotas turísticas introduzem os visitantes no destino e tendencialmente focam-se num tema específico fornecendo ao mesmo tempo informação e uma vertente lúdica que ajuda o turista a compreender melhor o contexto social e espacial do destino (European Federation of Tourist Guide Associations, 1998; Ap & Wong, 2001; EPGC, 1995).

Relativamente à temática do turismo de paisagem, de acordo com os resultados dos questionários, observamos que no geral, existe uma consensualidade relativamente às características estéticas presentes numa paisagem. Isto relaciona-se com a universalidade da paisagem, ou seja, para todos nós a paisagem é de certa forma universal o que não significa que não seja única e autêntica, mas, no entanto, já todos

experienciamos, entramos em contacto e reconhecemos determinados elementos específicos de uma paisagem.

Ao observar a paisagem estamos inconscientemente a criar associações a outros lugares que conhecemos ou visitamos o que serve também como elemento comparativo ou instrumento de avaliação relativamente a diferentes tipos de paisagem. Manzo (2003; 2008); Sharpley & Jepson (2011), e Williams & McIntyre (2012) afirmam que os turistas desenvolvem elos emocionais “não só pela presença ou ausência de determinados elementos, mas sim pelo significado e propósito associados ao local”.

Analisando a literatura, Cheng Kuo (2014), Jones et al. (2000), e Kuo & et al. (2013), concordam que muitos indivíduos desenvolvem laços emocionais com lugares que lhes são familiares. Os resultados do estudo de Cheng & Kuo (2015) mostram que a presença de elementos que despertam o sentimento de familiaridade num local desconhecido reforça o elo emocional que os indivíduos desenvolvem naquele local. Scannell e Gifford sugerem que a ligação emocional não depende da duração da visita ao local; no entanto, no estudo de Cheng & Kuo (2015) é observado que o local escolhido também tem de corresponder às necessidades dos visitantes para reforçar a conexão emocional. Cheng & Kuo (2015) afirmam ainda que a vegetação desempenha um papel desencadeador de uma relação de familiaridade com o local.

As conclusões do estudo de Cheng & Kuo (2015) Suportam a teoria de que é estabelecida uma relação emocional com o destino, especialmente para quem o visita pela primeira vez. (Prayag & Ryan, (2012) concordam com esta afirmação e ainda acrescentam que a imagem do destino é influenciada de acordo com a natureza deste elo emocional.

O intuito deste roteiro é a sua livre utilização e através do meio de deslocação em veículo próprio. Deste modo a acessibilidade e a liberdade relativamente ao tempo e ao ritmo da viagem é controlada pelo próprio turista. O objetivo, ao seguir uma das rotas que segue as sugestões e indicações deste roteiro turístico é visitar os lugares a um ritmo brando (*slow*), de modo a seguir o “guião” de uma forma mais descontraída.

De acordo com Dickinson & Lumsdon (2010), viajar a um ritmo mais lento e a envolvimento com os lugares por onde se vai passando não é um conceito considerado recente, uma vez que desde a antiguidade até ao início do século XX o ritmo de viagem

era lento sem atingir grandes velocidades. Nos dias de hoje, a ideia contemporânea de “*slow tourism*” traduz-se na importância da forma como a viagem é vivenciada no momento da deslocação de um local para o outro uma vez que elementos patrimoniais e culturais são observados com maior cuidado (Dickinson, 2010). Segundo Urry (2007) do ponto de vista social, o “*slow tourism*” é uma forma de viagem em comunidade uma vez que as pessoas efetuam paragens mais frequentes que as obriga a conviver e visitar determinados locais.

De acordo com o estudo de Denstadli & Jacobsen (2011) turistas que viajam em veículo próprio independentemente da sua tipologia (carro, autocaravana, mota) são motivados por duas razões: (1) o desejo de observar locais cénicos atraentes e (2) a vontade de participar em atividades que não envolvem necessariamente a observação de paisagem ao longo da viagem.

No entanto, a análise descritiva deste estudo sugere que as “experiências visuais” apresentam maior representatividade e impacto na satisfação da visita em contraste com “a realização de atividades”. Isto suporta a ideia de que o processo da viagem é importante para a experiência turística e está interligada com a perceção da deslocação como um “panorama”. Denstadli & Jacobsen (2011) ainda referem que atualmente os visitantes que não desenvolvem a intenção de observar atentamente a paisagem encontram-se menos satisfeitos, o que indica que não foram atingidas as expectativas pré-concebidas antes de iniciar a rota. O nível de satisfação relacionado com a viagem influencia os visitantes quanto à intenção de voltar e recomendar o destino.

É de reforçar que conceber e promover rotas de turismo cénicas como “cartão de visita” do destino maximiza e “limita” as expectativas do visitante o que pode evitar a desilusão ou o descontentamento (Jacobsen & Grue, 1997: p. 31). Ainda, a satisfação do visitante é considerado um elemento crucial para o sucesso de uma determinada rota turística, uma vez que a recomendação a familiares e amigos pode desempenhar um papel bastante decisivo na escolha do destino, principalmente no contexto do turismo doméstico (Jacobsen & Grue, 1997: p. 31).

5.2 Proposta do roteiro

Esta proposta dirige-se à entidade regional do Turismo do Porto e Norte de Portugal e tem como objetivo a sua pertinência futura com vista a ser desenvolvido e dinamizado. O principal objetivo deste estágio, visa a possibilidade de desenvolver um projeto adequado à atuação da entidade, na perspetiva de gestão estratégica da Região Norte de Portugal como destino turístico. É pretendido que este projeto ou desafio crie vantagens para o desenvolvimento do estagiário, a nível pessoal e profissional, assim como para a entidade que o acolheu. Neste caso, como proposta de finalização do estágio surge o roteiro, cujo resultado se baseia nas conclusões da investigação e de acordo com as conclusões dos questionários.

Para fundamentar e reforçar a importância da elaboração de um roteiro turístico, podemos basear-nos em Figueira (2013): “O processo de Roteirização é um instrumento ao serviço da valorização dos territórios, tendo especial importância na adequada apropriação turística do património tradicional e, com igual importância, na inclusão do património que se vai criando contemporaneamente.”

Os roteiros turísticos são então elementos que acrescentam valor a um determinado destino turístico, não só porque promovem a oferta turística de um determinado local, mas também são utilizados como instrumentos que permitem regular e controlar a ascensão do turismo adaptado às condições e características do local e de certa forma pode servir como um indicador turístico.

Este roteiro compreende as quatro regiões do Norte de Portugal divididas de acordo com a nomenclatura da TPNP sendo elas as regiões do Porto, Trás-Os-Montes, Minho e Douro. Para cada região foram criadas três rotas que compreendem uma grande parte dos municípios aderentes. Cada rota segue uma sequência e uma temática estruturadas de acordo com uma sequência lógica que se rege pelos parâmetros de distância entre os locais. Figueira (2013) ainda salienta que as “viagens de dimensão nacional, regional e local organizam-se sob a lógica de traçado desenhado para unir destinos (...) numa lógica estruturante.”

O intuito para a utilização deste roteiro é servir como um apoio informacional. No entanto, será revelada uma estimativa real relativamente à distância percorrida e tempo necessário para completar cada rota, sendo o meio de transporte mais conveniente o veículo próprio.

A seleção dos miradouros presentes neste roteiro foi feita de acordo com a qualidade da informação e pesquisa obtida, nomeadamente a sua localização, informação e outros dados e imagens. É de salientar a importância da forma como a imagem do destino é percebida e “construída”, as primeiras informações e detalhes são fundamentais para o turista relativamente à sua interpretação do destino (Figueira, 2013).

Os resultados dos questionários obtidos previamente neste estudo serviram como um ponto de referência na escolha de cada miradouro de acordo com as suas características e acessibilidades. Uma vez que a lista de miradouros encontrados na primeira fase da pesquisa é muito extensa (ver apêndice C) alguns municípios não se encontram listados neste roteiro, pois não se enquadravam na construção das rotas. Segundo Figueira (2013), a criação de um roteiro com base em conteúdo digital, “dotada de ferramentas adequadas a entradas, processamentos e saídas de informação multimédia”, apoia a estruturação, inventariação e organização dos recursos turísticos, apoia a inclusão de novos recursos e incentiva a criação de novos atrativos considerados como pertinentes à definição de produtos turísticos característicos de um destino. A construção e elaboração deste roteiro é sobretudo de carácter descritivo. A ferramenta de apoio para a criação deste roteiro é o Google Maps.

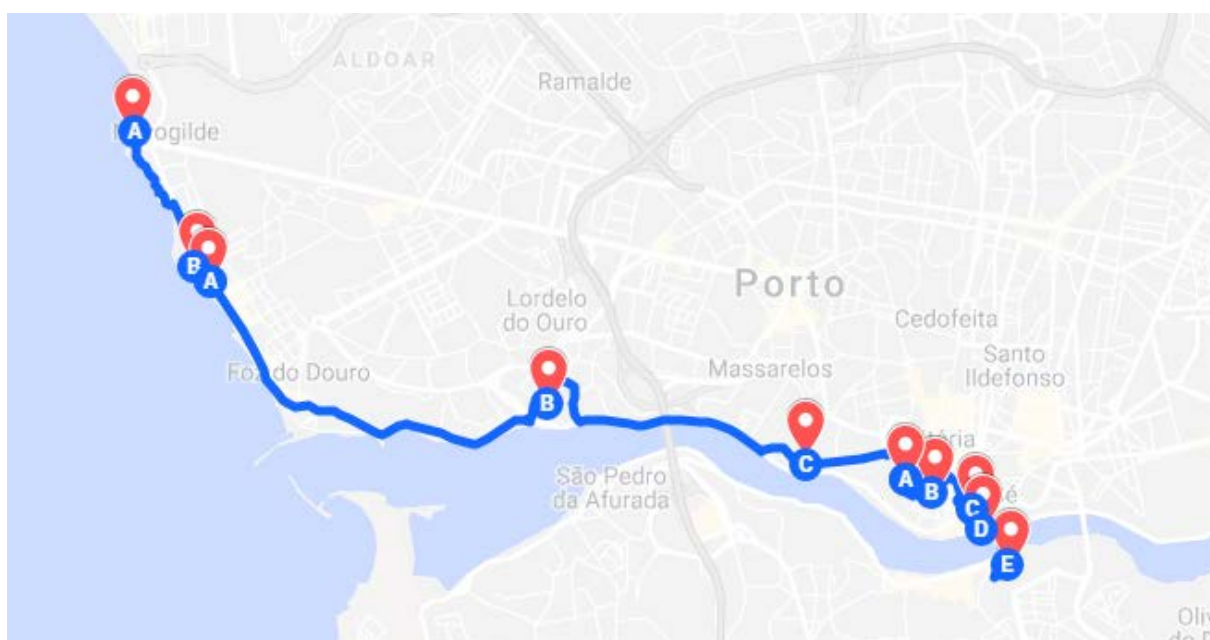
5.3 Roteiro de miradouros no Norte de Portugal

5.3.1 Rota do Porto 1 - Rota da Cidade do Porto


Esta rota abrange o centro histórico da cidade do Porto e tem início no Miradouro da Pérgola e finaliza no Miradouro da Serra do Pilar. A duração desta rota é cerca de 3 horas.

Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/fa8wj>

Figura 10 - Rota da Cidade do Porto



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

Miradouros Fontes: visitporto.travel	Descrição Fontes: visitporto.travel
<p data-bbox="427 1447 697 1480">Miradouro da Pérgola</p> 	<p data-bbox="911 1447 1235 1480">Tipo de paisagem: Costeira</p> <p data-bbox="911 1480 1262 1547">Localização: 41.157929812415, 8.6832118034363</p> <p data-bbox="911 1547 1439 1720">Localizado na zona da Foz do Douro da cidade do Porto, este miradouro de estilo neoclássico é um dos mais populares. Daqui podemos avistar o Oceano Atlântico especialmente o seu encanto quando o sol se põe.</p> <p data-bbox="911 1720 1439 1787">Existem cafés e esplanadas nas proximidades, assim como locais para relaxar.</p>

<p style="text-align: center;">Miradouro do Molhe</p> 	<p>Tipo de paisagem: Costeira Localização: 41.159157614819, -8.6841773986817 Vista panorâmica sobre toda a zona costeira da Foz. Local amplo frequentemente utilizado para a prática de desportos e alguns eventos. Existem bancos de jardim e esplanadas nas proximidades.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro do Forte de São Francisco Xavier</p> 	<p>Tipo de paisagem: Costeira Localização: 41.168591539556, -8.6900997161866 Situado no conhecido castelo do Queijo é possível vislumbrar uma panorâmica sobre o oceano Atlântico. O acesso ao interior do Forte realiza-se entre Terça a Domingo entre as 13:00 e as 18:00.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro da Capela de Santa Catarina e Senhora dos Anjos</p> 	<p>Tipo de paisagem: Urbana Localização: 41.149609229628, -8.6515402793884 Localizado na freguesia de Lordelo do Ouro junto à Capela de Santa Catarina e Senhora dos Anjos, encontra-se em elevada altitude e apresenta uma das vistas mais bonitas da cidade do porto sobre o Rio Douro até ao mar.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro da Igreja de N^a S^a da Vitória</p> 	<p>Tipo de paisagem: Urbana Localização: 41.143420616332, -8.6157274246216 Junto à igreja da Vitória e de acesso privado, este miradouro oferece uma vista privilegiada sobre o rio Douro e a marginal de Gaia desde a Sé Catedral. Encerra às Segundas, de Terça a Sexta Está aberto entre as 09:00-12:00/16:00-20:00, Sábados às 09:00-12:00/14:30-17:00 e Domingos apenas entre as 09:00-12:00.</p>

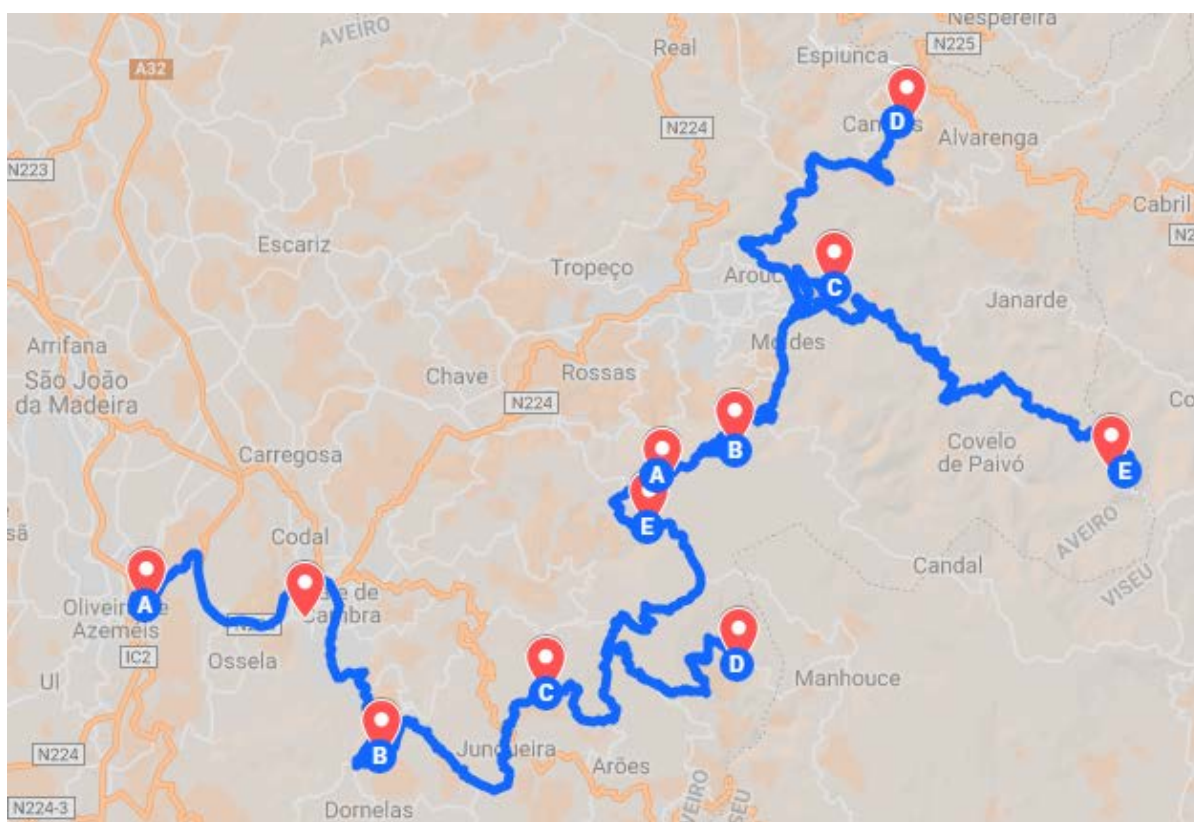
<p>Miradouro dos Jardins do Palácio de Cristal</p> 	<p>Tipo de paisagem: Urbana Localização: 41.145909058468, -8.6277008056641 Vista sobre as margens do rio Douro, sendo possível avistar grande parte da marginal até à Foz do Douro incluindo a Serra do Pilar e o edifício da Alfândega. O jardim do Palácio de Cristal encontra-se aberto todos os dias entre as 8:00 e as 21:00.</p>
<p>Miradouro do Passeio das Virtudes</p> 	<p>Tipo de paisagem: Urbana Localização: 41.144293197701, -8.6184525489807 O miradouro das virtudes é um dos mais populares da cidade do Porto e oferece vistas sobre o rio Douro até à Foz. Em primeiro plano avista-se a Fonte das Virtudes, a que devemos o nome do miradouro e de seguida os socalcos que descem até São Pedro de Miragaia.</p>
<p>Miradouro do Terreiro da Sé</p> 	<p>Tipo de paisagem: Urbana Localização: 41.142257, -8.611929 Localizado entre a Catedral, Casa do Cabido, Paço Episcopal e Casa da Câmara é um espaço que após a demolição de alguns edifícios medievais a Câmara do Porto desde 1945 concedeu um pelourinho. Do Terreiro da Sé é possível avistar em altitude toda a zona do Barredo, o rio Douro e a marginal de Gaia.</p>
<p>Elevador da Lada</p> 	<p>Tipo de paisagem: Urbana Localização: 41.1408062, -8.6111475 Elevador em estrutura situado na Ribeira do Porto e muito próximo do tabuleiro inferior da Ponte D. Luís I, é possível avistar toda a zona da Ribeira e a marginal de Vila Nova de Gaia, inclindo o Mosteiro da Serra do Pilar. O seu horário de funcionamento é de Segunda a Sexta entre as 8:00 e as 20:00 e encontra-se encerrado aos Sábados, Domingo e Feriado.</p>
<p>Miradouro do Mosteiro da Serra do Pilar</p> 	<p>Tipo de paisagem: Urbana Localização: 41.138314166661, -8.6086517572403 Localizado numa colina junto ao Mosteiro da Serra do Pilar, encontra-se num local de elevada altitude que apresenta uma vista privilegiada sobre o centro histórico da cidade do Porto, com destaque para a ponte D. Luis I. O espaço é amplo e existem bancos de jardim, telescópio e painéis informativos.</p>

5.3.2 Rota do Porto 2 – Rota da Montanha

Esta rota tem início no município de Oliveira de Azeméis, mais concretamente o primeiro ponto é o Miradouro de António Tavares e estende-se até Arouca terminando no Portal do inferno e tem a duração de cerca 4 horas. Grande parte dos locais assinalados nesta rota integram o Arouca Geopark. Esta rota abrange os municípios de Oliveira de Azeméis, Vale de Cambra e Arouca.

Acesso através do Google Maps: <http://bit.do/e8Jbp>

Figura 11 - Rota do Porto 2 - Rota da Montanha



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

Miradouros	Descrição
Fontes: portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, lifecooler.pt, aroucageopark.pt	Fontes: portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, lifecooler.pt, cm-oaz.pt, cm-valedecambra.pt, montanhasmagicas.pt, aroucageopark.pt

<p style="text-align: center;">Miradouro de António Tavares</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural Localização: 40°50'33.40" N 8°27'59.24" W Deste local é possível avistar os socalcos de travanca, Pinheiro da Bemposta e outros concelhos vizinhos. O miradouro é ladeado por uma estrutura num local amplo e dispõe de bancos de jardim. Os azulejos decorativos representam as 19 freguesias do concelho de Oliveira de Azeméis.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro das Baralhas</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural Localização: 40°50'19.2"N 8°24'32.6"W Neste local é possível avistar grande parte do município de Vale de Cambra e é um dos miradouros mais antigos deste município.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro S^a da Saúde/Gestoso</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 40.8010971, -8.3819668 Situado em local de elevada altitude, daqui obtemos uma vista panorâmica sobre Vale de Cambra, sendo possível vislumbrar Aveiro, e até mesmo a ria de Aveiro e o mar em dias de céu limpo. Incorporado no parque da Nossa Senhora da Saúde, onde local estão disponíveis serviços como cafetaria, WC, mesas/bancos e parque infantil.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de Calvela</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural Localização: 40.818455, -8.322492 Local com vista sobre os socalcos das freguesias de Junqueira e Arões. Existência de um coreto e um amplo jardim.</p>

<p style="text-align: center;">Miradouro da Lomba</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 40.8264231960, -8.2532747470 Vista sobre a Aldeia da Lomba e montes vizinhos. Local muito sossegado, situado na estrada de acesso à Aldeia da Lomba, depois do campo de futebol de Cabrum.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro Frecha da Mizarela</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 40.863775, -8.285694444444 Desde o local do miradouro observa-se a queda de água da Frecha da Mizarela situada numa altura superior a 60m e formada geologicamente pelo rio Caima. Isto devido à presença de rochas graníticas e à movimentação do sistema de falhas existentes na Serra da Freita. A vegetação característica desta paisagem é composta por espécies representativas da região como o carvalho-alvarinho e o carvalho-negral, que são espécies raras e protegidas.</p>
<p style="text-align: center;">São Pedro Velho</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 40.8751667, -8.2807222222 Neste miradouro antrópico podemos observar uma panorâmica de 360º deslumbrante sobre uma parte da região Norte e o vale de Arouca, as elevações do Gamarão, o vale do Paiva, a serra de Montemuro, o vale do Douro e outras serras a norte deste rio, como as de Valongo até ao Gerês. Para Sul é possível observar o vale do Vouga, a serra do Caramulo, o vale do Mondego e a serra da Estrela. Ao longe em dias de céu limpo é possível avistar ainda o mar desde a Póvoa de Varzim até à Figueira da Foz destacando os braços da ria de Aveiro. Observando o primeiro plano podemos vislumbrar as aldeias mais próximas, o Santuário da Senhora da Lage, o rio Caima e seus afluentes e o Parque Eólico da Serra da Freita. Existem no local painéis informativos.</p>

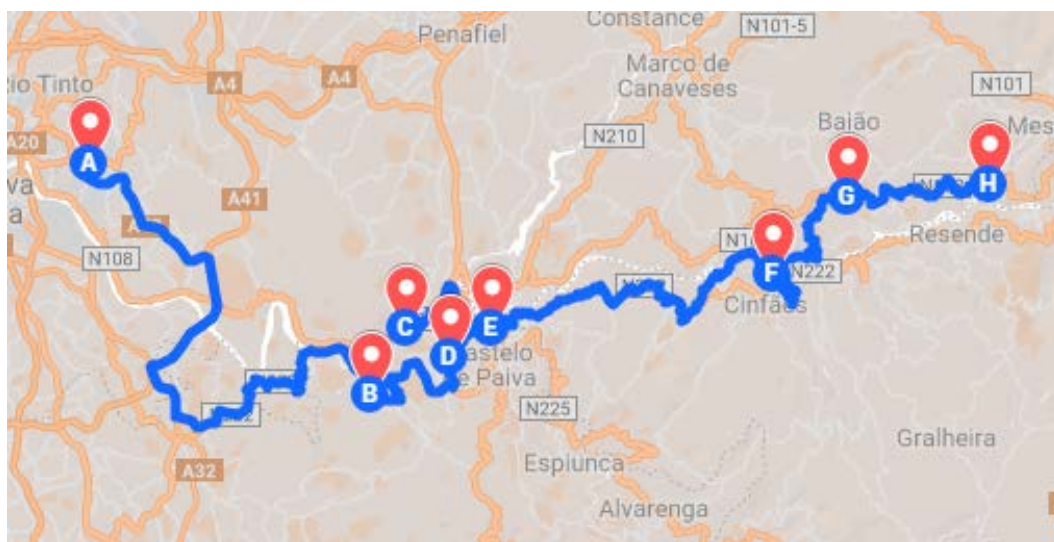
<p style="text-align: center;">Panorâmica do Detrelo da Malhada</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 40.88535, -8.25484444444 Desde o topo desta estrutura podemos observar o Vale do Arda (onde se encontra a vila de Arouca), as elevações do Gamarão, o vale do Paiva, a serra de Montemuro, parte do vale do Douro e as serras de Valongo até ao Gerês. Olhando para Ocidente é possível observar parte das regiões do Porto e Espinho. Este local disponibiliza painéis informativos e um banco.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro da Capela da Senhora da Mó</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 40.9286111, -8.21888888889 A 8km da Vila de Arouca, a Capela da Senhora da Mó é um local de culto religioso situado a 711m de altitude. Daqui avista-se todo o Vale de Arouca, a Serra de Montemuro, São Macário e a Serra da Arada. Este é um dos miradouros mais conhecidos do município de Arouca e o mais próximo do centro histórico.</p>
<p style="text-align: center;">Cascata das Agueiras</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 40.9730556, -8.19277777778 Incorporada num magnífico cenário de beleza natural é possível observar deste miradouro a cascata das Agueiras formada pela queda de água da ribeira das Agueiras. Daqui é também possível observar o Castelo de Carvalhais que remonta à época da Reconquista.</p>
<p style="text-align: center;">Portal do Inferno (Covelo de Paivó)</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 40.8786111, -8.11972222222 Situado em Maciço da Gralheira a 1000 metros de altitude está o Portal do Inferno rodeado por duas ribeiras (afluente da ribeira de Covas do Monte, a Este e afluente da ribeira de Palhais, a Oeste). Devido à sua natureza íngreme e geografia de difícil acesso foi batizado de “Portal do Inferno”. Daqui a vista panorâmica oferece vistas sobre montanhas recheadas de vegetação característica como a carqueja, tojo e urze, o que lhe confere um vasto leque de cores durante a primavera.</p>

5.3.3 Rota do Porto 3 – Rota do Interior

Abrange os concelhos de Gondomar, Penafiel, Castelo de Paiva, Cinfães, Baião, Amarante e Celorico de Basto. Esta rota inicia no município de Gondomar, mais precisamente no Miradouro do Monte Crasto e finaliza em Celorico de Basto no Miradouro de N^a S^a do Marão. A duração desta rota é cerca de 3 horas.



Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/e8Jca>



Figura 12 - Rota do Porto 3 - Rota do Interior



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

Miradouros	Descrição
<p>Fontes: portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, lifecooler.pt, cm-penafiel.pt, cm-castelo.paiva.pt, dourovalley.eu</p>	<p>Fontes: portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, lifecooler.pt, cm-penafiel.pt, cm-castelo.paiva.pt, montanhasmagica.pt, rota-ap.pt, visitbaiao.pt, dourovalley.eu</p>
<p>Miradouro do Monte Crasto</p> 	<p>Tipo de Paisagem: Urbana Localização: 41.141956, -8.536338 Situado a 195 metros de altitude é um dos locais mais conhecidos em Gondomar pela sua beleza paisagística. Daqui podemos avistar a cidade do Porto e outros concelhos envolventes. No local encontra-se a capela de Santo Isidro e respetivos cruzeiros do séc. XVII.</p>
<p>Miradouro de Sebolido</p>	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.059806, -8.327992 Situado na estrada de ligação entre o Porto e Entre-os-Rios, este miradouro caracteriza-se pela sua morfologia rochosa natural onde está incorporada uma estrutura que permite escalar</p>

	<p>o seu topo. Daqui podemos observar uma vista deslumbrante sobre o rio Douro.</p>
<p>Miradouro do Monte de São Gens</p>	<p>Tipo de paisagem: Urbana e de Montanha Localização: 41.045375, -8.298526 Situado a 328 metros de altitude o Monte de São Gens é um dos locais com vista privilegiado no município de Castelo de Paiva, daqui avista-se parte de Castelo de Paiva, o vale da Ribeira de Sardoura e o rio Douro. Aqui foram encontrados vestígios de um povoado fortificado da Idade do Ferro, período entre 1000 e 2000 AC. Existe neste local um parque de merendas.</p>
	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.059462, -8.271365 Formado por um varandim de pedra, a partir deste miradouro é possível vislumbrar o rio Douro e a foz do Paiva. É possível avistar também a ilha do Castelo.</p>
<p>Miradouro de Teixeira</p>	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.086381, -8.085320 O Miradouro de Teixeira localiza-se numa encosta sobranceira à foz do rio Bestança. Daqui podemos observar o vale do Douro, a albufeira da Pala, a linha férrea do Douro, as localidades de Ribadouro, Porto Manso (Aldeia de Portugal), Porto Antigo, Boassas (Aldeia de Portugal), a ponte de Mosteirô, a foz do rio Bestança e os cumes da serra de Montemuro. Na outra margem, é possível avistar ainda o Mosteiro de Santo André de Ancede, em Baião. Nesta paisagem destaca-se também o seu património natural, cujas espécies predominantes são o sobreiro, o carvalho-alvarinho, o medronheiro ou o lódão-bastardo.</p>

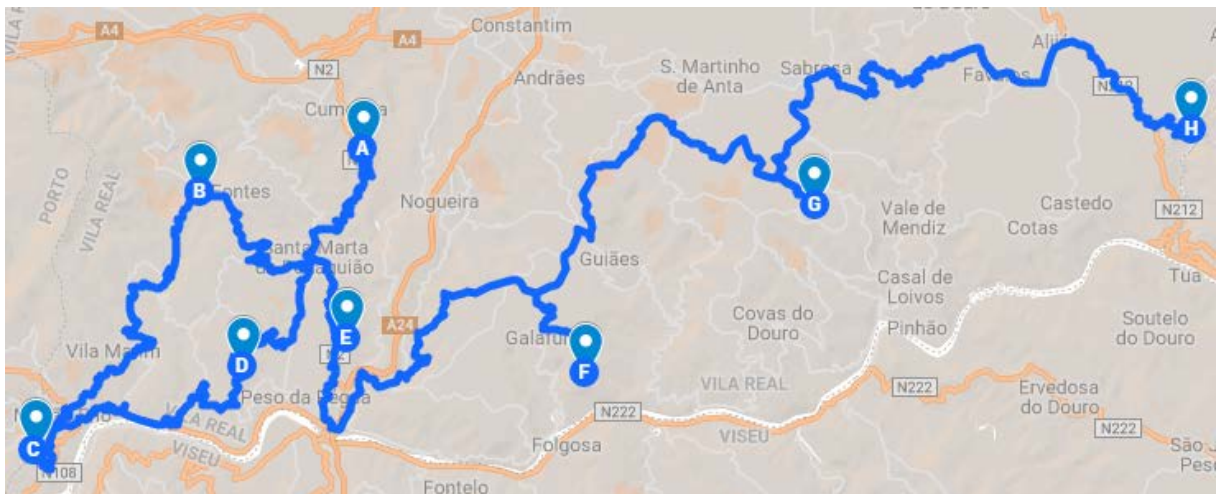
<p style="text-align: center;">Miradouro do Lugar Da Portela do Gove</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.12463744559238, -8.036695307859418 Situado a 456 metros de altitude está este miradouro de granito que oferece vistas sobre Caldas de Arêgos. Este miradouro é composto por uma pérgola de madeira suportada por quatro colunas de pedra e no seu centro um painel de azulejos. Este painel retrata elementos alusivos ao rio Douro, exibindo um barco rabelo no centro e em pano de fundo os socalcos característicos desta região, cuja data remonta para 1940.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro dos Dízimos</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.131127202567, -7.9437425963135 Situado na EN 108 A 229 metros de altitude, esta construção em granito tem no centro um banco com a inscrição “JAE / MIRADOURO DOS DIZIMOS. Daqui a vista sobre o vale do Douro é deslumbrante.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de Nª Sª do Marão</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.248445, -7.886971 Este miradouro situa-se no ponto mais alto da Serra do Marão a 1409 metros de altitude, muito próximo da linha divisória que separa a freguesia de Teixeira, do Concelho de Baião da freguesia de Fontes do Concelho de Santa Marta de Penaguião. Daqui vislumbra-se uma vista magnífica sobre os montes e vales circundantes.</p>

5.3.4 Rota do Douro 1



Abrange os municípios de Santa Marta de Penaguião, Peso da Régua, Sabrosa, Alijó. Esta rota inicia em Santa Marta de Penaguião no Miradouro de Santa Bárbara e finaliza em Alijó no Miradouro das Fragas Más. A duração deste percurso é de cerca de 4 horas.

Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/e8JcQ>

Figura 13 - Rota do Douro 1



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

Miradouros	Descrição
<p>Fontes: portoenorte.pt, dourovalley.eu, allaboutportugal.pt,</p>	<p>Fontes: portoenorte.pt, dourovalley.eu, allaboutportugal.pt, cm-smpenaguião.pt, cmpenaguião.wordpress, sabrosa.pt, cm-alijo</p>
<p>Miradouro de Santa Bárbara</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.24382, -7.7643 Situado num dos locais de maior altitude do município de Santa Marta de Penaguião a 470 metros de altitude, daqui é possível avistar a cidade de Vila Real e a Serra do Marão no horizonte. Podemos vislumbrar também as magníficas encostas do rio Corgo do Alto Douro Vinhateiro ladeadas pelos míticos socialcos característicos desta região. Existe um parque de merendas no local e a capela de Santa Bárbara.</p>
<p>Miradouro do Viso</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.23033, -7.8326 Neste local podemos vislumbrar uma das melhores paisagens da Serra do Marão. É possível avistar a Fraga da Ermida. No local existem bons acessos e um parque de merendas.</p>

<p style="text-align: center;">Miradouro de São Silvestre</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.149478, -7.901513 Este miradouro situa-se a 4 km de Mesão Frio e encontra-se a 530 metros de altitude. A partir deste local observamos a vasta paisagem vinhateira do vale do Douro e parte do município de Mesão Frio. A vegetação predominante nesta paisagem são os pinhais, alguns olivais e a giesta, quanto à fauna por vezes é possível avistar coelhos, martas, gatos-bravos e por vezes raposas neste local.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de Santo António</p> 	<p>Tipo de paisagem: Urbana e Montanha Localização: 41.17572, -7.81439 Aqui podemos vislumbrar a cidade do Peso da Régua e as margens do rio Douro interligadas com as três pontes. É possível observar também a barragem de Bagaúste e o Miradouro de São Domingos (Armamar) e a paisagem dominada predominantemente pelas vinhas. Existe neste local um pequeno parque de estacionamento, alguns bancos de pedra e um restaurante nas proximidades.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de São Pedro</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.18458, -7.77139 Situado a 442 metros de altitude este miradouro localiza-se na entrada da freguesia de S. João de Lobrigos. Daqui é possível avistar as freguesias do município de Santa Marta de Penaguião, Peso da Régua e Lamego e vislumbrar o rio Corgo. Existe um parque de merendas no local.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de São Leonardo da Galafura</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.17335, -7.67156 Localizado no alto de São Leonardo onde se situa o miradouro e a capela, podemos vislumbrar uma das melhores paisagens do Alto Douro Vinhateiro desde um lugar conhecido por ter inspirado Miguel Torga. Este miradouro encontra-se numa altitude de 640 metros e situa-se perto de Covelinhas. Aqui está disponibilizado um parque de merendas.</p>

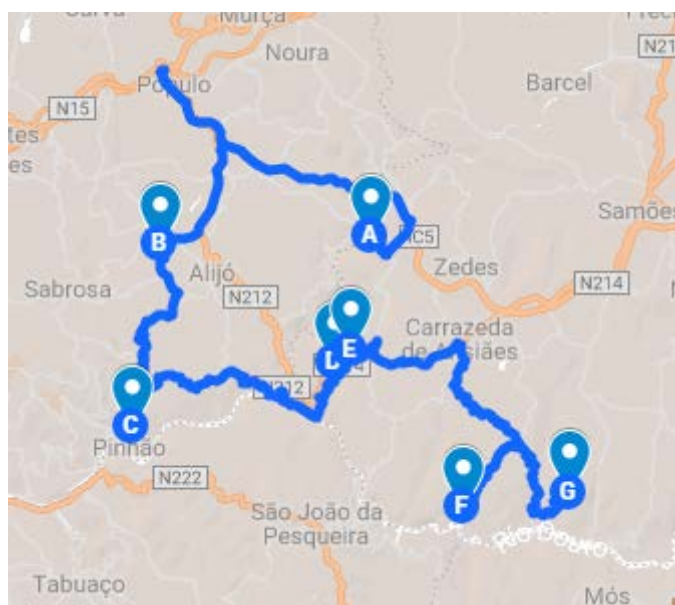
<p>Miradouro de São Domingos de Provesende</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.22605, -7.57624 Deste local vislumbramos o Douro vinhateiro e os seus característicos socalcos a Sul e a aldeia vinhateira de Provesende. Este miradouro situa-se a 809km de altura e no mesmo local situa-se uma capela com o mesmo nome.</p>
<p>Miradouro das Fragas Más</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.250017, -7.418882 Este miradouro situa-se na aldeia de São Mamede de Ribatua e é um dos mais populares desta região. Daqui podemos observar o vale que serpenteia o Rio Tua.</p>

5.3.5 Rota do Douro 2





Esta rota abrange os municípios de Carrazeda de Ansiães, Alijó, Sabrosa. Inicia em Carrazeda de Ansiães no Miradouro de São Lourenço e finaliza em Sabrosa no Miradouro Fraga da Ola. Esta rota tem a duração de 3 horas.

Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/e8JdA>

Figura 14 - Rota do Douro 2



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

<p style="text-align: center;">Miradouro</p> <p>Fontes: portoenorte.pt, dourovalley.eu, allaboutportugal.pt</p>	<p style="text-align: center;">Descrição</p> <p>Fontes: portoenorte.pt, dourovalley.eu, allaboutportugal.pt, parque.valetua.pt, cm-carrazedadeansiaes.pt, cm-alijo.pt,</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de São Lourenço</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">  </div>	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.296109, -7.368754 Localizado no lugar de S. Lourença na estrada que liga Pombal a Carrazeda de Ansiães, este miradouro é um projeto da autoria do escultor Paulo Moura. Daqui podemos vislumbrar o vale do Tua, uma das paisagens mais autênticas da região do Douro. A vegetação predominante é composta por sobreiros, oliveiras e vinhas.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro N^a S^a da Piedade</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">  </div>	<p>Tipo de paisagem: Rural Localização: 41.2918, -7.51341 Este miradouro situa-se a 750 metros de altitude no mesmo local encontra-se a Ermida de Nossa Senhora da Piedade. Nas imediações existe um restaurante e parque de merendas. Daqui podemos vislumbrar a paisagem característica da região vinhateira e o planalto envolvente.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de Casal de Loivos</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">  </div>	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.198680, -7.531998 Este miradouro oferece uma vista deslumbrante sobre o vale do Douro, considerada pela BBC Londres uma das mais bonitas do mundo. Daqui podemos avistar os rios Douro e Pinhão e os socalcos vinhateiros.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro da Senhora da Boa Morte</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">  </div>	<p>Tipo de paisagem: Rural Localização: 41.231082, -7.393871 Este miradouro situa-se num local próximo da aldeia do Castanheiro. Vislumbrando esta panorâmica podemos observar a Oeste a aldeia de Tralhariz e o vale do Rio Tua descendo até ao Vale Ribeitinho. A paisagem é predominantemente composta por espécies botânicas mediterrânicas.</p>

<p style="text-align: center;">Miradouro Olhos do Tua</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.238071, -7.382618 Situa-se no nordeste da aldeia de Castanheiro do Norte e oferece uma deslumbrante vista panorâmica sobre o vale do rio Tua. A estrutura deste miradouro também é um projeto do escultor Paulo Moura e representa a quilha de um barco.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro Rota do Douro</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.15716, -7.30643 Daqui pode-se observar a panorâmica do vale do rio Douro distinguindo certos elementos como as quintas, nomeadamente a quinta das Vargellas, as vinhas e alguns povoados ribeirinhos. Este miradouro situa-se num local amplo com bancos de jardim e painéis informativos.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro Fraga da Ola</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.165321, -7.233506 Este miradouro fica situado entre a aldeia de Pinhal do Douro e Coleja. Deste miradouro antrópico pode avistar-se a queda de água da “Fraga da Ola” e a panorâmica envolvente do rio Douro.</p>

5.3.6 Rota do Douro 3



Abrange os municípios de Lamego, Armamar, Tabuaço e São João da Pesqueira. Esta rota inicia em Lamego no Miradouro da Boa Vista e finaliza em São João da Pesqueira no Miradouro de N^a S^a de Lurdes. Esta rota tem a duração de cerca de 4 horas.

Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/e8JdN>

Figura 15- Rota do Douro 3



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

Miradouros	Descrição
<p>Fontes: portoenorte.pt, dourovalley.eu, allaboutportugal.pt, cm-armamar.pt, sjpesqueira.pt</p>	<p>Fontes: portoenorte.pt, dourovalley.eu, allaboutportugal.pt, cm-armamar.pt, viamichelin.pt, Rota dos miradouros do Douro, sjpesqueira.pt</p>
<p>Miradouro da Boa Vista</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.11094, -7.8304 Situado na Serra de Meadas, este miradouro encontra-se a 860 metros de altitude. Daqui é possível avistar os miradouros de São Domingos e de São Leonardo da Galafura, o Vale de Varosa, as serras do Marão e Alvão assim como as margens do rio Douro e alguns povoados vizinhos. Neste miradouro toda a ladeira Norte do rio Douro pode ser avistada assim como os socalcos característicos da região. A vegetação predominante nesta paisagem é essencialmente soutos, pinhais e olivais.</p>
<p>Miradouro e Ermida de São Domingos</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.120595, -7.746449 Daqui é possível avistar povoados dos distritos de Viseu, Vila Real e Porto. É possível observar a imponente serra do Marão e nas profundezas o vale do Douro. Olhando na direção Oeste avista-se o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego. A ermida de São Domingos também presente no local tem quase 1000 anos. Nas proximidades existe um parque de campismo.</p>

<p style="text-align: center;">Miradouro de São Plácido</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.11992, -7.58171 A partir deste miradouro é possível avistar a parte Norte da vila do Tabuaço e N^a s^a da Conceição. Do lado direito avista-se a encosta da serra de Chavães e o vale do Tabuaço.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro e Escalada do Fradinho</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.12003, -7.56631 Após subir 420 escadas encontra-se o Miradouro do Fradinho a 465 metros de altitude. Através estrutura do miradouro podemos observar a queda de água e as escarpas do Fradinho até ai rio Távora. Avista-se também o vale do Douro e a Serra de Chavães.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro Torguiano de São Cristóvão do Douro</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.12064, -7.55195 Este miradouro localiza-se na estrada entre Sabrosa e Pinhão na aldeia de S. Cristóvão do Douro. Daqui podemos observar a paisagem deslumbrante sobre o vale do Douro, classificado Patromónio da Humanidade. Distinguem-se os socalcos e vinhas característicos da região e assiste-se ao encontro do rio Pinhão com o rio Douro. Já de acordo com Miguel Torga em "Portugal", "(...) descer de Sabrosa para o Pinhão, estacar em São Cristovão, e abrir a boca de espanto."</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro N^a S^a de Fátima</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.15957, -7.55896 Situado na freguesia de Valença do Douro atinge a altitude de 372 metros. Existem no local alguns bancos e um santuário dedicado a N^a S^a de Fátima. Daqui podemos visualizar um cenário deslumbrante típico da região do Douro avistando-se o vale do Douro e os socalcos vinhateiros</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro das Carvalhas</p>	<p>Tipo de paisagem: Montanha</p>



Localização: 41.16543, -7.47547
Situado no monte das Carvalhas a 487 metros de altitude dispõe de um parque de merendas rodeado por vinhas de quintas muito famosas como a Real Companhia Velha e a Quinta de Ventozelo. A Sul avista-se o vale e as encostas do Rio Torto, quintas vinhateiras e alguns povoados como Sarzedinho e Valença do Douro e nos pés deste miradouro a vila do Pinhão.

Miradouro de São Salvador do Mundo







Tipo de paisagem: Montanha
Localização: 41.15263, -7.36666
Este miradouro está situado na margem esquerda do rio Douro na estrada que liga São João da Pesqueira à Barragem da Valeira. Aqui existe um cone granítico de 493 metros de altitude. A sua geografia caracterizada pelo seu declive acentuado em direção ao rio permite vislumbrar o vale do rio Douro e seus afluentes, assim como a vegetação característica da região como as vinhas, oliveiras e pomares. Ao longe avista-se a Barragem da Valeira e o Cachão da Valeira. Este é o miradouro de maior dimensão na região no Douro e nele encontram-se 10 ermidas que remontam ao século XVI e representam cada uma os Passos da Paixão de Cristo. Neste local podem-se desenvolver atividades como pedestrianismo, BTT, orientação, montanhismo e birdwatching.

Miradouro de Frei Estevão



Tipo de paisagem: Montanha
Localização: 41.1021, -7.29254
Este miradouro localiza-se no parque de merendas da estrada nacional EN222 em Ervedosa do Douro e encontra-se a 435 metros de altitude. Daqui podemos avistar o vale de Ervedosa e do rio Douro e no horizonte a vila Pinhão. O caminho de ferro do Douro e os socalcos vinhateiros realçam a essência característica desta paisagem.

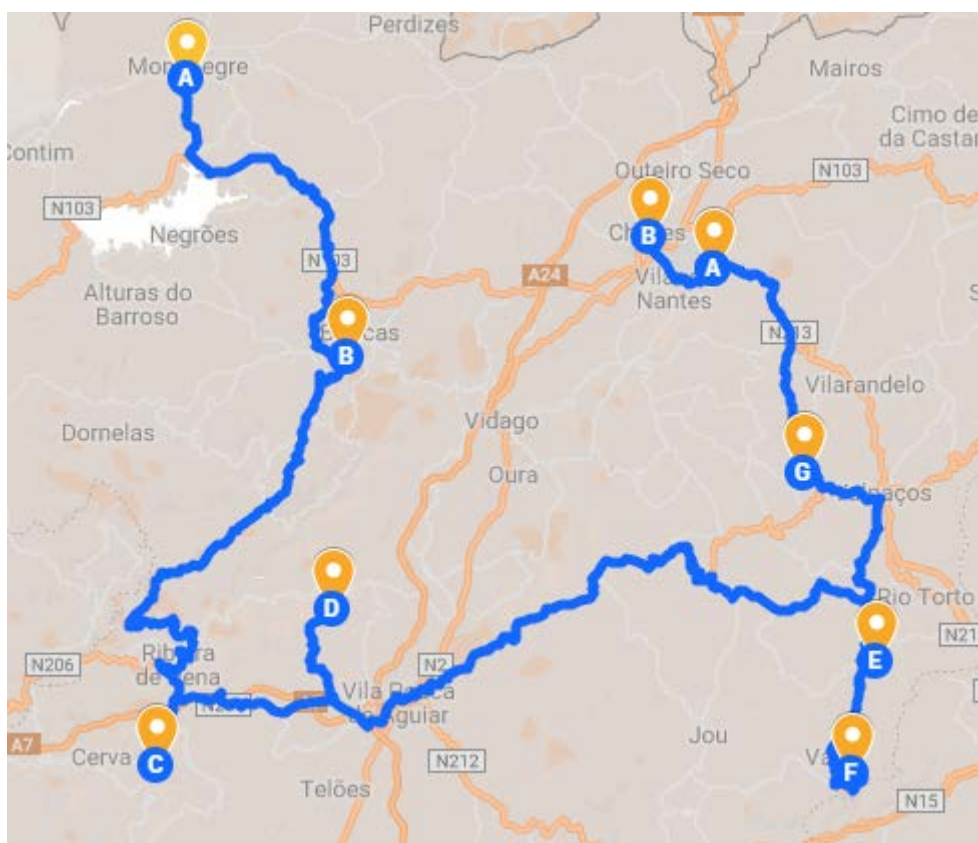
<p style="text-align: center;">Miradouro da Senhora do Monte</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div>	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.09331, -7.26391 Este miradouro encontra-se a 781 metros de altitude ladeado por uma pequena capelinha de homenagem da Senhora do Vencimento. No topo deste miradouro é possível avistar quase todo o município de São João da Pesqueira. A Oeste e Norte observa-se o vale do Douro Vinhateiro, a Sul observa-se o contraste granítico e montanhoso. Neste local podem-se desenvolver atividades como o pedestrianismo, bicicleta todo o terreno (BTT) e o <i>birdwatching</i>.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de N^a S^a de Lurdes</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div>	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.11374, -7.23595 Este miradouro situa-se a 355 metros de altitude, ladeado por um morro granítico. Ao observar a paisagem, avista-se a Norte o rio Douro, a estação de Foz-Tua e os característicos socalcos vinhateiros da região. No local encontra-se também a capela em honra da Senhora de Lurdes.</p>

5.3.7 Rota de Trás-Os-Montes 1

Esta rota tem início no município de Montalegre no Miradouro da Corujeira e finaliza em Chaves no Miradouro do Castelo de Chaves. A rota tem a duração de cerca de 4h30min. Abrange os municípios de Montalegre, Boticas, Ribeira de Pena, Vila Pouca de Aguiar, Valpaços e Chaves.



Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/e8Jec>




Figura 16 - Rota de Trás Os Montes 1

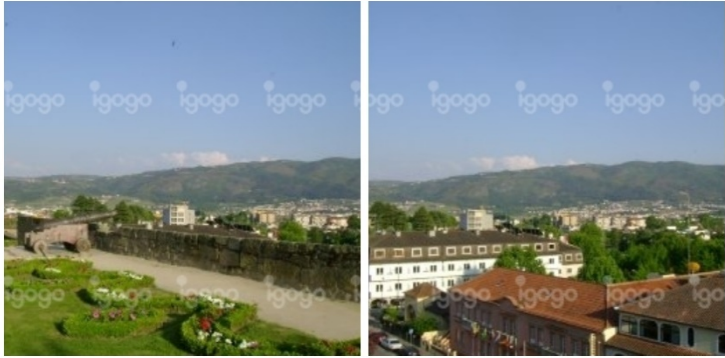


Fonte: elaboração própria através do Google Maps

Miradouros	Descrição
<p>Fontes: allaboutportugal.pt, portoenorte.pt, rotadaterrafría.com, visitarportugal.pt</p>	<p>Fontes: allaboutportugal.pt, portoenorte.pt, rotadaterrafría.com, cm-montalegre.pt, valpaços.pt, visitarportugal.pt</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro da Corujeira</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div>	<p>Tipo de paisagem: Urbana e montanha</p> <p>Localização: 41.81919, -7.78991</p> <p>Situado a 1095 metros de altitude, o Miradouro da Corujeira está voltado para o centro da vila de Montalegre, onde podemos observar a totalidade do seu centro histórico. Daqui pode-se observar distintamente o Castelo, a Igreja Nova, o Largo do Toural, o Pavilhão Multiusos os Casais da Veiga e a Pista de RallyCross. Rodeando a vila estão alguns montes verdejantes que se prolongam até às serras do Larouco e Gerês.</p>

<p style="text-align: center;">Miradouro de Seirrãos</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.677885 -7.679207 Este miradouro situa-se no topo da Serra de Seirrãos a 803 metros de altitude. Daqui podemos observar os campos agrícolas, os montes e alguns povoados vizinhos, como a vila de Boticas. Ao longe, podemos avistar o vale do Terva e a Serra da Sanábria.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de Cabriz</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.468464, -7.809436 Este miradouro antrópico dispõe de um painel de informações e daqui pode-se observar a característica paisagem rural e alguns montes vizinhos.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro do Minhéu</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.548745, -7.688608 Em plena Serra do Alvão a 1200 metros de altitude ergue-se este miradouro. Aqui existe zona de lazer e parque de merendas junto do parque eólico. Este miradouro está inserido em área natural classificada, a espécie botânica predominante na paisagem são as turfeiras, que desempenham um papel importante no ecossistema.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de Santa Bárbara</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural Localização: 41.521529, -7.316793 Este miradouro situa-se na freguesia de Veiga do Lila, na serra de Santa Bárbara. Daqui podem-se avistar as localidades e montes vizinhos cobertos pelos característicos campos agrícolas e de pasto. É possível a prática de escalada na estrutura granítica que suporta o miradouro.</p>

<p style="text-align: center;">Miradouro da Serra de Santa Comba</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.4647712, -7.333760 Aqui podemos avistar a cerca de 1050 metros de altitude uma das paisagens mais conhecidas sob o concelho de Valpaços. Situado da freguesia de Vales, a Serra de Santa Comba é conhecida por albergar um dos mais belos miradouros do país. Podemos contemplar as típicas vistas transmontanas que incluem a Serra da Padrela, a Serra de Bornes, a Serra de Montesinho e a Serra da Coroa. Ainda é possível avistar a Serra de Sanábria (já em Espanha) e parte de Vila Real e Bragança. No local existe um pequeno coreto, uma capela em honra de Santa Comba e é palco de várias romarias ao longo do ano.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de Santa Isabel</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.618092, -7.365870 Este miradouro situa-se na freguesia de Santiago de Ribeira de Alhariz. Aqui podemos vislumbrar os mantos verdes que envolvem os povoados envolventes. No local existe a capela de Santa Isabel, um parque de merendas, e é usado durante o ano para albergar algumas romarias e festas religiosas.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de São Lourenço</p> 	<p>Tipo de paisagem: Urbana e Montanha Localização: 41.723438, -7.428190 Este miradouro antrópico oferece vista panorâmicas sobre a cidade de Chaves e as montanhas do Barroso e Galiza. Nas proximidades existe um restaurante denominado “O Miradouro”</p>

Miradouro do Castelo de Chaves	Tipo de paisagem: Urbana
	<p data-bbox="1011 232 1401 262">Localização: 41.739621, -7.471804</p> <p data-bbox="1011 264 1422 394">Este miradouro fica nos jardins do Castelo de Chaves e oferece vistas deslumbrante sobre esta magnífica cidade.</p> <p data-bbox="1011 396 1417 465">O horário de abertura do Castelo é todos os dias das 9:30 às 18:30.</p>

5.3.8 Rota de Trás-Os-Montes 2 – Rota do Douro




Esta rota abrange os municípios de Bragança, Vimioso, Miranda do Douro, Mogadouro, Macedo de Cavaleiros e Vila Flor. Inicia-se em Bragança no Miradouro de São Bartolomeu e finaliza em Vila Flor no Miradouro de N^a S^a da Lapa. Esta rota tem duração de cerca de 5 horas.

Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/fa8gx>

Figura 17 - Rota de Trás-Os-Montes 2



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

<p style="text-align: center;">Miradouros</p> <p>Fontes: portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, rotadaterrafria.com, visitbraganca.eu, dourovalley.eu, geoparkterrasdecavaleiros.net</p>	<p style="text-align: center;">Descrição</p> <p>Fontes: portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, rotadaterrafria.com, visitbraganca.eu, valesdevimioso.pt, mogadouro.pt, dourovalley.eu, geoparkterrasdecavaleiros.net, cm-vilafior.pt</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de São Bartolomeu</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha e urbana</p> <p>Localização: 41.795866, -6.746955</p> <p>O Santuário de S. Bartolomeu fica a 5km do centro de Bragança, a sua altitude permite observar a paisagem quase completa da cidade. Aqui existe também uma capela dedica ao santo que dá o nome a este miradouro.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro São João das Arribas</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha</p> <p>Localização: 41.540063, -6.222834</p> <p>A 646 metros de altitude este miradouro fica situado no parque natural do Douro Internacional próximo do castro de Aldeia Nova que remonta à Idade do Ferro. Aqui podemos vislumbrar um magnifica paisagem sobre o rio douro. No local existe um parque de merendas, a capela em honra a S. João e painéis informativos.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro do Chapéu</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha</p> <p>Localização: 41.43291, -6.29893</p> <p>Situado em pleno Parque Natural do Douro, mais precisamente no lugar de Freixiosa, este miradouro distingue-se pelos gigantes blocos de granito que conferem uma vista sobre o Douro. O nome concebido a este miradouro deve-se ao fato destes blocos graníticos se assemelharem à forma de um “Chapéu”.</p>

<p style="text-align: center;">Miradouro Fraga do Puio</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.39743, -6.36745 Situado na aldeia de Picote, este miradouro proporciona vistas fantásticas sobre o rio Douro, uma paisagem que se mantém há dois milhões de anos. Infelizmente o miradouro foi destruído num incêndio em 2017, mas o local ainda é conhecido pelo nome e procurado pela sua paisagem magnífica.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro Cardal do Douro</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.298278, -6.481500 Considerado um dos miradouros mais bonitos do país. Daqui é possível observar o vale do rio Douro, e a margem oposta onde se encontra Espanha.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de Picões</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.255781, -6.552908 Este miradouro antrópico tem 600 metros de altitude e situa-se em pleno Parque Natural do Douro. Daqui podemos vislumbrar uma das paisagens mais características desta região sobre o rio Douro e as suas montanhas envolventes.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro do Caminho do Rio</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.244867, 6.654844 Daqui observamos uma das paisagens mais deslumbrantes da região. Este miradouro é natural e situa-se a 577 metros de altitude.</p>

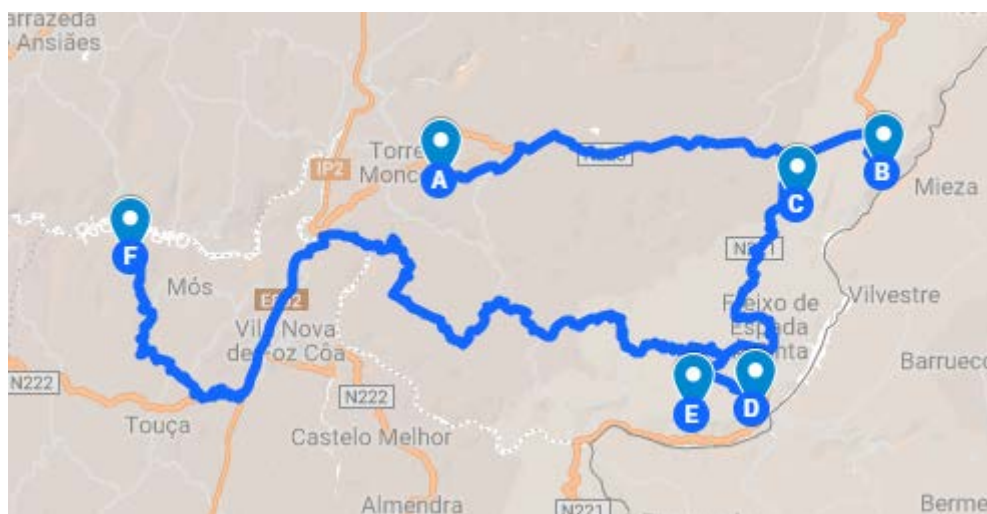
<p align="center">Miradouro da Serra da Castanheira</p>	<p>Tipo de paisagem: Rural</p>
<p>Localização: 41.39111, -6.60722</p>	<p>Localização: 41.39111, -6.60722</p>
	<p>Situado a 995 metros de altitude, este é o ponto mais elevado do município de Mogadouro. A partir deste local podemos observar a tradicional paisagem transmontana na sua plena ruralidade, é possível vislumbrar também o vale do Douro e o vale do Sabor. Existe uma capela dedicada a N^a S^a da Assunção e um parque de merendas.</p>
<p align="center">Miradouro de Santa Combinha</p>	<p>Tipo de paisagem: Montanha</p>
<p>Localização: 41.572084, -6.888442</p>	<p>Localização: 41.572084, -6.888442</p>
	<p>Este miradouro proporciona vistas sobre a magnífica Albufeira do Azibo e está integrado no percurso da Estação da Biodiversidade de Santa Combinha. Este local é conhecido para a observação de fauna e flora, especialmente libelinhas e borboletas.</p>
<p align="center">Miradouro de N^a S^a da Lapa</p>	<p>Tipo de paisagem: Rural</p>
<p>Localização: 41.312829, -7.150224</p>	<p>Localização: 41.312829, -7.150224</p>
	<p>Este miradouro situa-se em local de culto a 1km a Norte de Vila Flor, mais concretamente no monte da S^a da Lapa. Daqui pode-se avistar Vila Flor, aldeias vizinhas e uma parte do Vale da Vilarça. Existe uma capela em honra da N^a S^a da Lapa no local e um miradouro antrópico estruturado em aço.</p>

5.3.9 Rota de Trás-Os-Montes 3





Esta rota abrange os municípios de Vila Nova de Foz Côa, Torre de Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta. Inicia-se em Vila Nova de Foz Coa no miradouro da Fraga do Facho e finaliza em Freixo de Espada à Cinta no Miradouro de São Martinho. Esta rota tem a duração de 3 horas.




Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/fa8cB>

Figura 18 - Rota de Trás-Os-Montes 3



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

Miradouros	Descrição
<p>Fontes: rotadaterrafria.com, portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, dourvalley.eu, cm-fozcoa.pt</p>	<p>Fontes: montanhasmagicas.pt, rotadaterrafria.com, portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, dourovalley.eu, cm-fozcoa.pt, turismovirtual.pt, cm-tabuaco.pt</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro da Fraga do Facho</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div>	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.16658, -7.03576 Este miradouro localiza-se no topo da Serra de Reboredo e daqui podemos observar as vilas de Torre de Moncorvo e Vila Flor o vale da Vilarica, os rios Douro e Sabor, a Serra de Bornes. Num plano mais afastado vislumbra-se Alfundega da Fé, Freixo de Espada à Cinta e Mogadouro.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro do Assumadouro</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div>	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.04466, -6.8627 A partir deste famoso miradouro podemos contemplar as paisagens do Vale do Douro.</p>

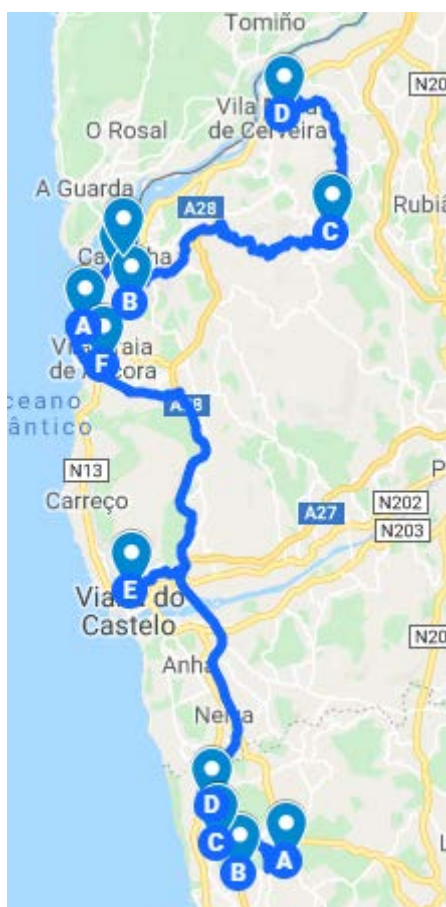
<p style="text-align: center;">Miradouro do Penedo Durão</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.04696, -6.81914 Este miradouro situa-se a cerca de 2km de Freixo de Espada à Cinta, próximo de Poiães. Aqui podemos vislumbrar uma magnífica paisagem sobre o Douro e as montanhas xistosas, ao longe a barragem espanhola de Saucelle. Este miradouro é de natureza antrópica composto por um varandim e uma escadaria em pedra.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro do Colado</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.15232, -6.79087 Situado num local sobranceiro à aldeia de Mazouco este miradouro proporciona vistas sobre o rio Douro e o “Cavalinho de Mazouco”, a primeira gravura paleolítica descoberta em Portugal. A paisagem é composta por vegetação como amendoeiras, vinhas, carrascos e zimbros. É um local onde se pode avistar a fauna emblemática da região nomeadamente aves como o Grifo e o Abutre do Egpto.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro do Carrascalinho</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.16894, -6.73204 Daqui pode avistar-se a povoação espanhola de Mieza, o castro da Lagoaça e os socalcos característicos da região compostos por laranjais e olivais. Durante a primavera é possível avistar-se espécies como o Corvo-branco.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de São Martinho</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.12641, -7.24843 Deste belo local podemos vislumbrar o vale do Douro composto pelos socalcos e campos agrícolas característicos da região.</p>

5.3.10 Rota do Minho 1 – Rota da Costa

Esta rota tem início no município de Esposende, mais precisamente no Miradouro de São Lourenço e termina em Vila Nova de Cerveira no Miradouro de Miradouro da Senhora da Encarnação. A sua duração é cerca de 3 horas. Abrange os municípios de Esposende, Viana do Castelo, Caminha, Vila Nova de Cerveira e Valença.





Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/fa77X>

Figura 19 - Rota do Minho 1 - Rota da Costa



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

Miradouros	Descrição
(Fontes: portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, visitesposende.com, cm-caminha.pt, cm-vncerveira.pt)	(Fontes: portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, visitesposende.com, Rota dos Miradouros Valimar, cm-viana-castelo.pt, cm-caminha.pt, cm-viana-castelo.pt, cm-vncerveira.pt, altominho.pt)

<p align="center">Miradouro de São Lourenço</p>	<p>Tipo de paisagem: Costeira</p>
	<p>Localização: 41.557241, -8.760264</p> <p>Situado num dos pontos mais altos da arriba fóssil de Esposende. Daqui podemos avistar Esposende e Fão, e até mesmo os conhecidos rochedos “Cavalos de Fão”. Olhando para o plano interior podemos vislumbrar o rio Cávado e os moinhos de S. Félix ao longe. A Norte é possível observar o Monte do Facho.</p>
<p align="center">Miradouro de N^a S^a da Guia</p>	<p>Tipo de paisagem: Costeira e rural</p>
	<p>Localização: 41.591203, -8.779094</p> <p>A partir deste miradouro podemos vislumbrar a vasta faixa Atlântica desde S. Bartolomeu do Mar até Viana do Castelo. Olhando para o interior, podemos observar a Serra da Nogueira, o Monte Crasto e a Serra d’Arga. A paisagem é demarcada pelos campos agrícolas protegidos pelas dunas. Olhando em direção a Norte podemos observar o vale do Neiva.</p>
<p align="center">Miradouro de N^a S^a da Paz</p>	<p>Tipo de paisagem: Costeira</p>
	<p>Localização: 41.571990, -8.775812</p> <p>Situa-se no monte de Nª Sª da Paz e é conhecido por daqui se vislumbrar a panorâmica sobre o litoral de Esposende, nomeadamente as praias das Marinhas, Mar, Belinho e Antas. Existe no local uma capelinha dedicada a Nª Sª da Paz que comemora o fim da I Guerra Mundial.</p>
<p align="center">Miradouro de Frossos</p>	<p>Tipo de paisagem: Rural</p>
	<p>Localização: 41.563070, -8.728071</p> <p>Este miradouro situa-se na freguesia de Frossos, e daqui vislumbra-se a parte Sul desta freguesia. A paisagem sobre o povoado caracteriza-se pela sua ruralidade e pode distinguir-se a igreja paroquial os seus típicos casarios graníticos. Existe um telescópio de utilização gratuita no local que pode servir de apoio à observação da paisagem.</p>

Miradouro de Santa Luzia



Tipo de paisagem: Urbana e costeira

Localização: 41.70138, -8.83472
Situado no Monte de Santa Luzia em Viana do Castelo, daqui podemos vislumbrar umas das vistas mais privilegiadas sobre Viana e até mesmo do Norte de Portugal. Daqui podemos observar o rio Lima, o oceano Atlântico e o Forte de São Tiago da Barra. No local, a igreja de Santa Luzia é também um ponto de interesse.

Miradouro Sino dos Mouros



Tipo de paisagem: Costeira





Localização: 41.836856, -8.866350
A partir deste miradouro pode avistar-se a praia de Moledo, o Forte de Ínsua e o Monte de Santa Tecla. A paisagem aqui é magnífica onde podemos vislumbrar a conjugação do Atlântico com o verde dos montes vizinhos. Este miradouro situa-se entre um conjunto de penedos, onde se encontra o Cruzeiro do Sino dos Mouros.

Miradouro da Fraga



Tipo de paisagem: Urbana e Costeira

Localização: 41.863559, -8.843157
Este miradouro situa-se em Caminha, mais precisamente na freguesia de Vilarelho. Daqui podemos observar uma panorâmica sobre a vila de Caminha, destacando-se a Torre do Relógio, o Forte da Ínsua, a Mata Nacional do Camarido e do outro lado da margem, já em Espanha, o Monte de Santa Tecla. Este local é amplo e dispõe de bancos de jardim para apreciar a paisagem.

Miradouro do Monte de Santo Antão	Tipo de paisagem: Costeira
	Localização: 41.848560, -8.834654 Situado a 400 metros de altitude este miradouro é considerado um dos mais bonitos da região minhota. Aqui podemos contemplar a paisagem desde a Serra d'Arga até ao Monte de Santa Tecla. A Mata Nacional do Camarido e a foz do rio Minho também não passam despercebidas.
	Existe no local a capela de Santo Antão, reconstruída em 1775.
Miradouro da Boa Vista	Tipo de paisagem: Urbana e costeira
	Localização: 41.8726, -8.84051 Situa-se junto ao forte de Caminha, aqui podemos vislumbrar das mais belas paisagens sobre a vila de Caminha e a foz do Minho.
Miradouro do Calvário	Tipo de paisagem: Costeira e Urbana
	Localização: 41.817186, -8.854181 Situado no Monte do Calvário em Vila Praia de Âncora, daqui é possível observar a paisagem sobre o Rio Âncora e a vila. Um dos pontos fortes desta paisagem é a vista para o Oceano Atlântico.
Miradouro Costa da Castanheira	Tipo de Paisagem: Montanha
	Localização: 1.88498, -8.69687 Situado em Vila Nova de Cerveira a 550 metros de altitude, aqui podemos vislumbrar a maravilhosa paisagem serpenteada pelo vale do rio Coura na freguesia de Covas. É um bom local para se observar aves de rapina.

Miradouro da Senhora da Encarnação



Tipo de paisagem: Montanha

Localização: 41.94516, -8.72954

Miradouro situado no parque de merendas da Senhora da Encarnação em Vila Nova de Cerveira. Aqui a paisagem é dominada pelas margens do rio Minho e as ilhas da Boega e dos Amores. Este local é famoso pela escultura do Cervo da autoria do escultor José Rodrigues. Esta é uma homenagem ao símbolo da vila onde antigamente albergava muitos veados.

Vale a pena parar a meio da subida para visitar uma antiga atalaia medieval, perdida no meio da mata, de onde se alcança uma vista fabulosa.

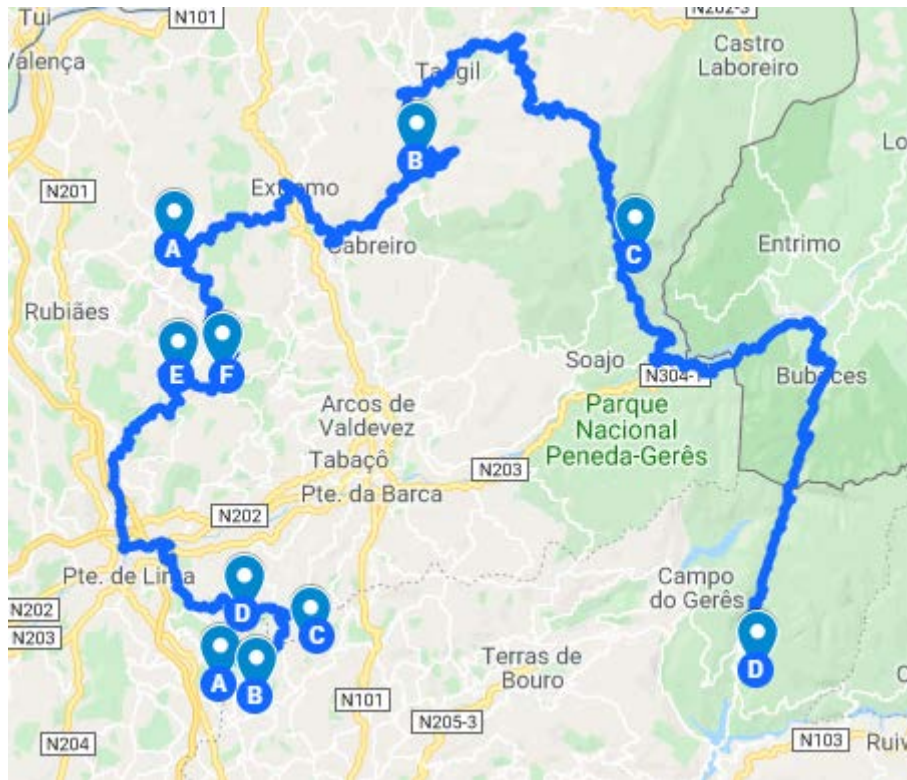
Existe no local um coreto e a capela em honra de N^a S^a da Encarnação.

5.3.11 Rota do Minho 2 – Rota do Gerês

Esta rota inicia-se no município de Ponte de Lima no miradouro do Bom Jesus e finaliza no município de Terras de Bouro. Esta rota inclui alguns miradouros localizados no Parque Nacional Peneda-Gerês. A sua duração é cerca de 6 horas que poderão ser repartidas em dois dias. Abrange os municípios de Melgaço, Paredes de Coura, Ponte de Lima, Vila Verde, Terras de Bouro e Ponte da Barca.

Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/fa7mg>

Figura 20 - Rota do Minho 2 - Rota do Gerês



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

<p>Miradouros (Fontes: visitepontedelima.pt, porto e norte, paredesdecoura.pt, pacodelanheses.com, montesdelaboreio.com, diariodoviajante.pt)</p>	<p>Descrição (Fontes: roteiro miradouros viana do Castelo, altominho.pt, montesdelaboreiro.pt, Câmara Municipal de Ponte de Lima, Paredes de Coura)</p>
<p>Miradouro de Bom Jesus</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha e rural Localização: 41.74486, -8.50463</p> <p>A partir deste miradouro situado na freguesia de Anais em ponte de Lima a 465 metros de altitude, podemos vislumbrar a paisagem sobre o vale do Lima, as Serras de Nora e Arga. É possível avistar também o concelho de Barcelos e a vila de Ponte de Lima.</p>
<p>Miradouro do Sobradelo</p> 	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha Localização: 41.703060, -8.496706</p> <p>Aqui podemos observar uma vasta paisagem rural e montanhosa, de valor geológico. Situado na bacia do Neiva, daqui podemos vislumbrar uma panorâmica entre Pedregais e Duas Igrejas e a Ribeira do Souto, afluente do rio Neiva.</p>

<p style="text-align: center;">Miradouro Marco do Oural</p> 	<p>Tipo de paisagem: Localização: 41.728429, -8.459258 Este miradouro atinge a altitude de 700 metros e situa-se nas fronteiras entre Ponte de Lima, Vila Verde e Ponte da Barca, junto ao Marco Geodésico do Oural. É neste o local das nascentes dos rios Neiva e Tovela. A paisagem é rural, a vegetação predominante é composta por carvalhos, giesta e tojo. É possível avistar as Serras do Gerês, Cabreira e Alvão a Noroeste, a Norte a Galiza e a Sul a Costa Atlântica.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro São Lourenço da Armada</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.74486, -8.50463 Local de vistas deslumbrantes sobre a totalidade do Vale do Lima e a aldeia de Boalhosa. Situado a 601 metros de altitude pode-se observar ao longe Arcos de Valdevez, a paisagem protegida de Corno de Bico e o Mosteiro de Refoios do Lima. Existe no local uma capela dedicada a São Lourenço. Encontram-se frequentemente rebanhos que complementam o cenário rural.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro do Penedo do Rebolinho</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.86427, -8.55071 Situado a 735 metros de altitude, este miradouro antrópico está sobre um penedo na freguesia de Castanheira em Paredes de Coura constituindo a Paisagem Natural de Corno de Bico. Aqui podemos observar uma vista panorâmica sobre o rio Lima até à sua foz em Viana do Castelo. De uma perspectiva mais próxima, é possível avistar a vila de Paredes de Coura e o monte da Travanca.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro do Corno de Bico</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.86829, -8.51923 Situado a 883 metros de altitude, este é um dos pontos mais altos de Paredes de Coura. Este miradouro antrópico dispõe de uma mesa interpretativa para apoio à observação da paisagem e de um parque de merendas. Aqui podemos vislumbrar os vales dos rios Coura, Vez e Lima. Olhando para Leste, vislumbram-se os cumes das Serras de Peneda e Soajo e para Oeste a Serra de'Arga.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro da Senhora da Pena</p>	<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha</p>

		<p>Localização: 41.9305, -8.55321</p> <p>Localizado a 556 metros de altitude, no Monte da Pena aqui a vista recai sobre o vale do Coura. O local dispõe de um parque de merendas, sanitários e uma capela dedicada a N^a S^a da Pena.</p>
<p>Miradouro da Estrica</p>		<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha</p> <p>Localização: 41.976211, -8.386455</p> <p>Também conhecido por “Penedo do Castelo”, este miradouro situa-se na freguesia de Sistelo em Arcos de Valdevez. Os socalcos e as casas tradicionais são um dos pontos mais característicos deste local. Em segundo plano, vislumbra-se a serra da Peneda, a branda do Alhal e o Alto de Quelhas.</p>
		<p>Tipo de paisagem: Rural e Montanha</p> <p>Localização: 41.92794, -8.23764</p> <p>Situado em pleno parque Natural Peneda-Gerês, este miradouro encontra-se a 800 metros de altitude. Aqui vislumbra-se uma das vistas mais autênticas deste local. Em primeiro plano está a aldeia de Tibo e no fundo o Santuário de N^a S^a da Peneda. Olhando para Oeste, o lugar da Gavieira e a aldeia de São Bento do Cando. É muito frequente animais de pasto e rebanhos completarem a paisagem.</p>
<p>Miradouro de Tibo</p>		<p>Tipo de paisagem: Montanha</p> <p>Localização: 41.71568, -8.15325</p> <p>Situado a 800 metros de altitude, este é um dos miradouros mais famosos do Parque Natural Peneda-Gerês. Daqui podemos vislumbrar o Vale da Caniçada, o rio Cávado, o rio Caldo e a Portela do Homem.</p>
		<p>Tipo de paisagem: Montanha</p> <p>Localização: 41.71568, -8.15325</p> <p>Situado a 800 metros de altitude, este é um dos miradouros mais famosos do Parque Natural Peneda-Gerês. Daqui podemos vislumbrar o Vale da Caniçada, o rio Cávado, o rio Caldo e a Portela do Homem.</p>
<p>Miradouro da Pedra Bela</p>		<p>Tipo de paisagem: Montanha</p> <p>Localização: 41.71568, -8.15325</p> <p>Situado a 800 metros de altitude, este é um dos miradouros mais famosos do Parque Natural Peneda-Gerês. Daqui podemos vislumbrar o Vale da Caniçada, o rio Cávado, o rio Caldo e a Portela do Homem.</p>

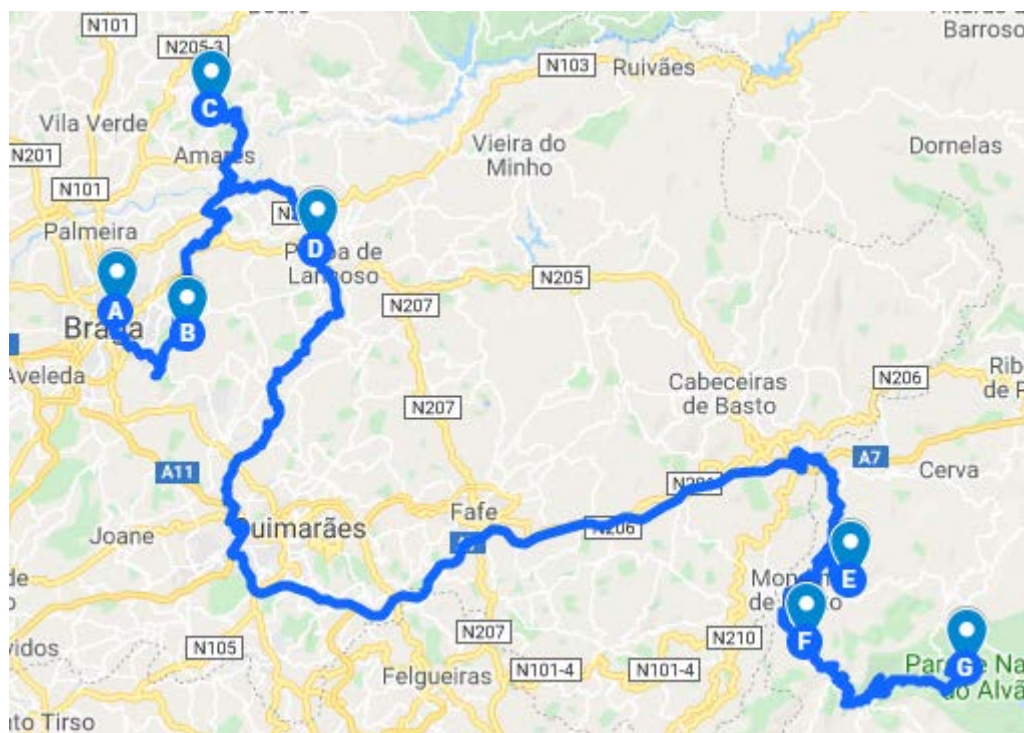
5.3.12 Rota do Minho 3 – Rota do Interior

Esta rota tem início no município de Braga e o primeiro miradouro é Miradouro do Santuário do Sameiro, o seu término é no município de Mondim de Basto sendo o último miradouro deste roteiro o miradouro de Paradaça. Esta rota tem a duração de

aproximadamente 5 horas, podendo ocupar um dia inteiro. Abrange os municípios de Braga, Amares, Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Fafe e Mondim de Basto.


Link de acesso ao Google Maps: <http://bit.do/fa7Hg>

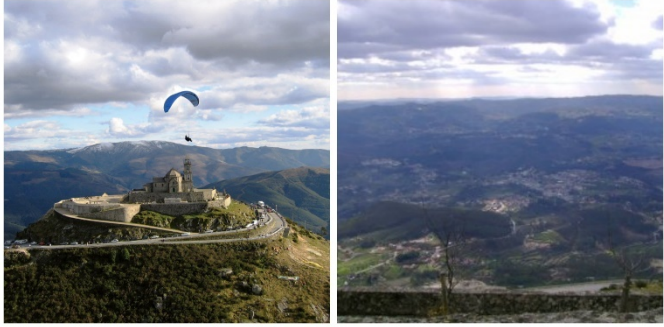
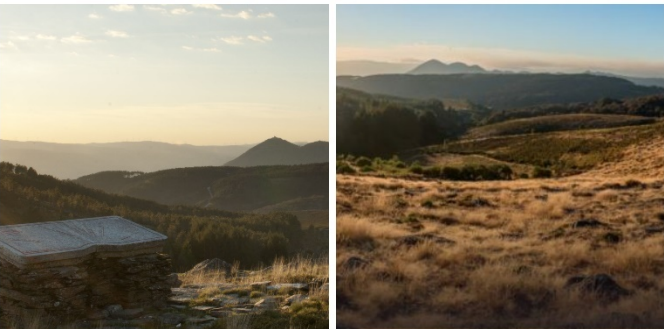
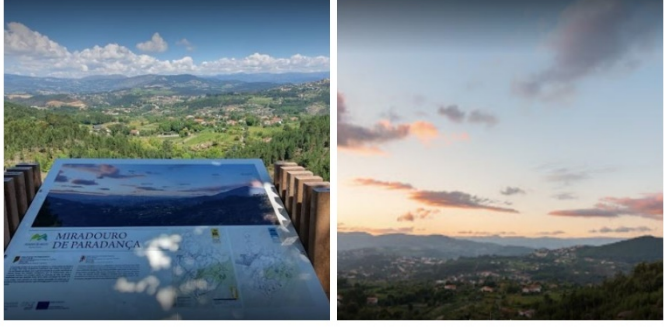
Figura 21 - Rota do Minho 3 - Rota do Interior



Fonte: elaboração própria através do Google Maps

<p>Miradouros (Fontes: webraga.pt, portoenorte.pt, allaboutportugal.pt, guidacidade.pt)</p>	<p>Descrição (Fontes: visitarportugal.pt, portoenorte.pt, lifecooler.pt, allboutportugal.pt, vieiraminhoturismo.com, guidacidade.pt, rota dos miradouros Mondim de Basto, município.mondimdebasto.pt, natural.pt)</p>
<p>Miradouro do Santuário do Sameiro</p> 	<p>Tipo de paisagem: Urbana Localização: 41.541879, -8.369554 Situado a 572 metros de altitude, este é o ponto mais alto da cidade de Braga. Aqui podemos avistar as serras do Gerês, Cabreira, penha e Franqueira e toda a cidade de Braga. Este local é conhecido pelo no culto religioso, devido à Basílica do Sameiro existente no local datada a sua finalização no século XX.</p>

<p align="center">Miradouro do Sagrado Coração de Jesus</p>		<p>Tipo de paisagem: Urbana Localização: 41.554791, -8.418347 Situado na freguesia de S. Vicente em Braga, este miradouro conhecido pela estátua do Sagrado Coração de Jesus proporciona uma panorâmica sobre a cidade de Braga.</p>
		
<p align="center">Miradouro do Monte de S. Pedro Fins</p>		<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.657800, -8.354351 Situado entre as serras de Caires e Caldelas a 560 metros de altitude, daqui podemos vislumbrar os Vales do rio Homem e Cávado e a Vila de Amares. No local existe uma pequena ermida em honra de São Pedro, que lhe confere o nome.</p>
		
<p align="center">Miradouro da Nossa Senhora do Pilar</p>		<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.586223, -8.280877 Aqui situa-se o maior monólito granítico da Península Ibérica, facto esse que traz popularidade e muitos visitantes ao local. A paisagem é deslumbrante. No local existe uma capela em honra de N^a S^a do Pilar.</p>
		
<p align="center">Miradouro do Santuário da Nossa Senhora da Lapa</p>		<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.61405, -8.18741 Este miradouro de origem antrópica fica próximo do Santuário de Nossa Senhora da Lapa em Vieira do Minho. No local existem também um coreto. A paisagem no local permite observar a natureza no seu estado mais puro.</p>
		

<p style="text-align: center;">Miradouro de N^a S^a da Graça</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.41638, -7.91555 Este local é popularmente conhecido por se concretizar uma das etapas da Volta a Portugal. Situa-se a 1000 metros de altitude e a panorâmica incide sobre as serras de Alvão e Marão. Aqui existe a capela e santuário de Nª Sª da Graça.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro do Barreiro</p> 	<p>Tipo de paisagem: Localização: 41.37067, -7.83612 Aqui podemos vislumbrar uma bela paisagem sobre o vale e ribeira de Fervença, o Monte de Farinha e o Santuário de Nª Sª da Graça. Os socalcos e campos agrícolas são um elemento característico desta paisagem que lhe confere autenticidade. Existe um painel interpretativo em granito no local.</p>
<p style="text-align: center;">Miradouro de Paradança</p> 	<p>Tipo de paisagem: Montanha Localização: 41.38388, -7.94555 Situado a 335 metros de altitude, junto À EN304 este miradouro proporciona vistas sobre Mondim de Basto, e o Monte Farinha. Existe um painel interpretativo no local.</p>

CAPÍTULO 6 - CONCLUSÃO

Os resultados obtidos através dos questionários, após a análise descritiva revelam que a paisagem é um fator que influencia e tem importância na motivação dos turistas quando visitam um destino. Os elementos da paisagem adicionam valor ao destino e influenciam a decisão do turista na escolha do destino. Os miradouros são recursos cuja finalidade é a observação e contemplação da paisagem, podendo ainda ser considerados locais de valor patrimonial, arqueológico e cultural (Fry et al., 2004; Kvame, 1990; Lock & Stancic, 1995; Tilley, 1994). A sua localização pode variar de acordo com o tipo de paisagem e as condições geográficas onde se inserem. Dependendo da sua estrutura e localização, através dos miradouros podemos observar a paisagem de diferentes perspectivas. Geralmente são compostos por estruturas que se localizam em locais de grande altitude, o que permite a visualização de um vasto panorama paisagístico. De acordo com Kalen (2002) permanecer em locais de elevada altitude transmite sentimentos de superioridade e entusiasmo. Existem, no entanto, miradouros em locais de baixa altitude especialmente quando a geografia é formada, predominantemente, por vales ou grandes depressões.

O contexto competitivo no setor do turismo está em constante evolução e crescimento, pelo que o desenvolvimento e gestão dos destinos é muito importante para deste modo acompanhar o ritmo de crescimento e assegurar a qualidade da experiência para os visitantes de acordo com a procura turística. Os destinos turísticos devem assegurar uma gestão estratégica da oferta turística ajustada aos recursos endógenos e às preferências dos visitantes com o objetivo de enriquecer a experiência da visita.

Esta investigação mostra que na generalidade a preferência relativamente à tipologia da paisagem por parte dos inquiridos é a “Paisagem costeira” seguida da “Paisagem de montanha”. Considerando as “Características da paisagem rural” e a “Estética da paisagem rural”, os elementos mais valorizados são “Mar e zona costeira”, “Vinhas e videiras”, “Aves” e “Animais selvagens”; quanto à estética, o elemento considerado mais importante é “Preservação do local/Respirar ar puro”, “Observar lugares de beleza natural” e “Estar perto da natureza/Sentir-se livre e relaxado”.

Relativamente às “Características da paisagem urbana” e aos aspetos da “Estética urbana”, os elementos mais valorizados são “Edifícios históricos, igrejas/catedrais, torres” e “Preservação dos edifícios/estruturas” respetivamente. A Área Metropolitana do Porto é notavelmente a região mais visitada do Norte de Portugal e a segunda é a região do Douro. A maioria dos inquiridos concorda que é frequente a inclusão de miradouros no seu plano de viagem durante a própria viagem, e é evidente a preferência por “miradouros naturais”.

Podemos concluir que a paisagem é um elemento fundamental da procura turística e é também um elemento identitário de um destino. A sua preservação e gestão pode representar um importante contributo não só para o desenvolvimento da região enquanto destino turístico, mas também ao nível do seu contributo para as comunidades locais e a economia da região através do desenvolvimento de novos recursos e infraestruturas associadas à paisagem.

De forma a promover e reforçar a atratividade dos miradouros como um elemento importante na contemplação de uma paisagem, é importante destacar alguns aspetos como a dotação destes elementos com infraestruturas e equipamento adequado e a sua inclusão em mapas, para deste modo maximizar o potencial da paisagem na região Norte de Portugal ao mesmo tempo que são desenvolvidas parcerias estratégicas entre o setor público e privado.

6.1 Limitações do Estudo

O desenvolvimento do presente trabalho identificou algumas limitações, nomeadamente ao nível da revisão de literatura e disponibilização de dados relativos aos miradouros da região Norte.

Numa segunda fase, foram sentidas dificuldades ao nível da aplicação de questionários, em virtude da sua extensão, e limitações financeiras, face à necessidade de aplicação em toda a região.

6.2 Contributos para a Gestão do Destino

O reconhecimento da paisagem enquanto recurso turístico é determinante para a sua integração estratégica na política regional para o setor. A valorização dos miradouros, a

melhoria das infraestruturas de acesso, os equipamentos associados e a sua organização em roteiros, poderá ser determinante para a dispersão regional da procura turística e desenvolvimento de áreas/regiões até agora pouco reconhecidas como destinos.

A criação de roteiros de miradouros poderá constituir um contributo importante para o planeamento da visita dos turistas à região, bem como para o mapeamento da oferta, assegurando uma base de criação de sinergias com vista a uma intensificação de “*stakeholders engagement*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A., Kogan, A., & Júnior, R. Z. (2007). *Elaboração de roteiros e pacotes*. (1ª ed) Curitiba: IESDE, Brasil S.A. ISBN 978-85-7638-754-1.
- Andrews, M. (1987). *The Search for the Picturesque: Landscape, Aesthetics and Tourism in Britain, 1760-1800*. Aldershot, UK: Scolar Press. ISBN 0804714029.
- Andrews, M. (1999). *Landscape and Western Art*. Oxford, UK: Oxford University Press. ISBN 0192842331.
- Arnberger, A., Eder, R. (2011). Exploring the Heterogeneity of Rural Landscape Preferences: An Image-Based Latent Class Approach. *Landscape Research*, 36(1), 19-40. Doi: <https://doi.org/10.1080/01426397.2010.536204>
- Bahl, M. (2004). *Agrupamentos Turísticos Municipais*. Curitiba, Brasil: Prottexto. ISBN 8589026280.
- Baudry, P., Paquot, T. (2003). *L'urbain et ses imaginaires*. Pessac, Ed. Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine. ISBN 2858923086.
- Béltran, Yanes E. (2017). El teide en la obra de Olivia Stone: El paisaje como recurso turístico. *Cuadernos De Turismo*, 39, 67-89. Doi: <http://dx.doi.org/10.6018/turismo.39.290441>. ISSN 1989-4635.
- Bertrand, G. (2004). Paisagem e Geografia Física Global. *Cadernos de Ciências da Terra*, 8, 141-152. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v8i0.3389>.
- Boullón, R. (1990). *Planificación del espacio turístico*. (2ª ed) México: Trillas. ISBN 968-24-7562-7.
- Bourassa, S. C. (1990). A paradigm for landscape aesthetics. *Environment and Behaviour*, 22(6), 787-812. Doi: <https://doi.org/10.1177/0013916590226004>
- Breiby, M. (2014). Exploring aesthetic dimensions in a nature-based tourism context. *Journal of Vacation Marketing*, 20(2), 163-173. ISSN 943-3999. Doi: <http://dx.doi.org/10.3727/108354215X14400815080361>

- Briassoulis, H. (2002). Sustainable tourism and the question of the commons. *Annals of Tourism Research*, 29(4), 1065-1085. Doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S0160-7383\(02\)00021-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0160-7383(02)00021-X)
- Brown, J., Mitchell, N., & Baresford, M. (2005). *The protected landscape approach: Linking nature, culture and community*. Gland, Suíça e Cambridge, Reino Unido: IUCN - The World Conservation Union. Disponível em www.https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/2005-006.pdf. ISBN 2-8317-0797-8.
- Burek, C.V., Prosser, C.D. (2008). The history of geoconservation. *The Geological Society*. London, UK: Special Publications, 300: 1-5, pp. 37-60. Doi: <https://doi.org/10.1144/SP300.1>
- Cauquelin (2008). in Lavrador Silva A. *Paisagens de Baco: Identidade, Mercado e Desenvolvimento – Estudo de percepção e de representação aplicado às Regiões Demarcadas: Vinhos Verdes, Douro, Dão, Bairrada e Alentejo*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora, Portugal.
- Castro, I. E. (2002). Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In Yázigi E. (Eds). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto. ISBN 85-7244-187-5.
- Carneiro, M. J., Lima, J., Lavrador Silva, A. (2015). The relevance of landscape in the rural tourism experience: Identifying important elements of the rural landscape. *Journal of Sustainable Tourism*, 23(8-9), 1217-1235. Doi: <http://dx.doi.org/10.1080/09669582.2015.1037840>.
- Cavalheiro, F. (1991). *Urbanização e alterações ambientais. Análise ambiental: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: UNESP/FAPESP.
- Chambers, E. (2009). From authenticity to significance: Tourism on the frontier of culture and place. *Futures*, 41(6), 353-359. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.futures.2008.11.003>
- Cheng, C., Kuo, H. (2015). Bonding to a new place never visited: Exploring the relationship between landscape elements and place bonding. *Tourism Management*, 46, 546-560. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.08.006>

Cheng, C. K., & Kuo, H. (2014). Understanding the place bonding to places never visited. *Journal of Geographical Science*, 73, 1-24.

Doi: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.08.006>

Coghlan, A., Prideaux, B. (2009). Welcome to the wet tropic: The importance of weather in reef tourism resilience. *Current Issues in Tourism*, 12(2), 89-104. Doi: <https://doi.org/10.1080/13683500802596367>

Cosgrove, D., Daniels, S. (1988). *The Iconography of Landscape: Essays on the Symbolic Representation, Design and Use of Past Environments*. Cambridge: Cambridge University Press. ISBN 978-0521389150

Constanza, R., D'Arge, R., de Groot, R., Farber, S., Grasso, M., Hannon B., Van Den Belt M., (1997). The value of the world's ecosystem services and natural capital. *Nature*, 387, 253-260. Doi: <http://dx.doi.org/10.1038/387253a0>

Crouch, D. (2013). Space and place-making: Space, culture and tourism. In Smith, M., Richards, G. (Eds). *The Routledge Handbook of Cultural Tourism*. London and New York: Routledge. ISBN 9781136324789.

Cruz, R. C. (2002). As paisagens artificiais criadas pelo turismo. In Yázigi, E. (Eds). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto. ISBN 85-7244-187-5.

Cullen, G. (1983). *Paisagem urbana*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN 9789724414014.

Da Silva, G., Novo C. (2010). *Roteiro Turístico*. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas.

http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_hosp_lazer/061112_rot_tur.pdf.

ISBN 978-85-63576-05-7.

De Aranzabal, I., Schmitz, M. F. & Pineda, F. (2009). Integrating Landscape Analysis and Planning: A Multi-Scale Approach for Oriented Management of Tourist Recreation. *Environmental Management*, 44(5), 938-951. Doi: <https://doi.org/10.1007/s00267-009-9371-z>. ISSN 1432-1009.

De Groot, R. S., Wilson M. A., Buman, R. M. J. (2002). A typology for the classification, description and valuation of ecosystem services, goods and services. *Ecological Economics*, 41(3), 393-408. Doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S0921-8009\(02\)00089-7](http://dx.doi.org/10.1016/S0921-8009(02)00089-7)

- Denstadli, J., Jacobsen, J. (2011). The long and winding roads: Perceived quality of scenic tourism routes. *Tourism Management*, 32, 780-789.
Doi: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2010.06.014>
- Deus, A., M, Cunha, D., Maciel, E. M. (2010). *Estudo de caso na pesquisa qualitativa em educação: uma metodologia*. Universidade Federal do Piauí.
- Dickinson, J. E., & Lumsdon, L. (2010). *Slow travel and tourism*. London: Earthscan.
- Dietvorst, A. (1998). Tourist landscapes: Accelerating transformations. Leisure, time and space: meanings and values in people's lives. In Scranton S. (Ed), *Leisure, time and space: meanings and values in people's lives* (pp. 13-24). Eastbourne, UK: LSA Publication 57. ISBN 0906337682.
- Disart, J., C., Marcouiller, D. W. (2012). Rural tourism production and the experience-scape. *Tourism Analysis*, 17(6), 691-704. Doi: <http://doi.org/10.3727/108354212X13531051127104>.
- Dyer, A. (2007). Inspiration, enchantment and a sense of wonder... Can a new paradigm in education bring nature and culture together again?. *International Journal of Heritage Studies*, 13, 393-404. Doi: <https://doi.org/10.1080/13527250701351106>
- EFTGA. (1998). *European Federation of Tour Guides Associations*. Information brochure. Unpublished.
- Erfurt-Cooper, P., Sigurdsson, H., Lopes, R. M. (2015). Volcanoes and tourism. In Sigurdsson, H. *The Encyclopedia of Volcanoes*. (2nd ed.), (pp. 1283-1300). Amsterdam, The Netherlands: Elsevier/Academic Press. ISBN 9780123859396.
- European Landscape Convention (2017). *Landscape dimensions: Reflections and proposals for the implementation of the European Landscape Convention*. Strasbourg, France: Council of Europe Publishing.
- Houghton, B., McNutt, S. R., Rymer, H., Stix J., Sigurdsson, H. (2015). *The Encyclopedia of Volcanoes* (2nd ed.), (pp. 1295-1311). Amsterdam, The Netherlands: Elsevier/Academic Press. Doi: <https://doi.org/10.1016/C2015-0-00175-7>

- Figueira, M. L. (2013). *Manual para a Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar. http://www.cespoga.ipt.pt/new/wp-content/uploads/2013/03/Manual_Roteiros_CESPOGA2013.pdf ISBN 978-972-9473-66-1.
- Fry, G. L. A., Skar, B., Jerpasen, G., Bakesutuen, V., Erikstad L. (2004). Locating archaeological sites in the landscape: a hierarchical approach based upon landscape indicators. *Landscape Urban Planning*, 67, 97-108. Doi: [http://doi.org/10.1016/S0169-2046\(03\)00031-8](http://doi.org/10.1016/S0169-2046(03)00031-8)
- Garrod, B., Wornell, R., & Youell, R. (2006). Re-conceptualising rural resources as countryside capital: The case of rural tourism. *Journal of Rural Studies*, 22(1), 117-128. Doi: <http://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2005.08.001>
- Gkoltsiou, A., Terkenli, T. S. (2012). An interdisciplinary analysis of tourist landscape structure. *Tourismos*, 7-2, 145-164. Doi: http://www.chios.aegean.gr/tourism/VOLUME_7_No2_art07.pdf.
- Gordon, J. E. (2012). Engaging with Geodiversity: ‘Stone Voices’, Creativity and Ecosystem Cultural Services in Scotland. *Scottish Geographical Journal*, 128, 240–265. Doi: <https://doi.org/10.1080/14702541.2012.725860>
- Gordon, J. E. (2016). Geoheritage case study: geotourism and geoparks in Scotland. In Hose, T. A. (Ed.). *Geoheritage and Geotourism: a European Perspective*, (pp. 261-278). Woodbridge, Suffolk: The Boydell Press. ISBN 9781783271474.
- Gordon, J. E. (2018). Geoheritage, Geotourism and the Cultural Landscape: Enhancing the Visitor Experience and Promoting Geoconservation. *Geosciences*, 8(4):136. Disponível em <http://10.3390/geosciences8040136>
- Gros, C. (2002). La relación paisaje-turismo-desarrollo local: revisión de su significado en publicaciones. Promociones recientes Divulgación Territorial. *Revista de Desarrollo Rural y Cooperativismo Agrario*, 6, 123-134. Disponível em <http://cederul.unizar.es/revista/num06/08.htm>. ISSN 1139-7748.

Groot, W. T., Van Den Born, R. J. G. (2003). Visions of nature and landscape type preferences: an exploration in The Netherlands. *Landscape and Urban Planning*, 63(3), 127–138. Doi: [http://doi.org/10.1016/S0169-2046\(02\)00184-6](http://doi.org/10.1016/S0169-2046(02)00184-6).

Hamilton, J. (2012). *Volcano. Nature and Culture*. Londres, Reino Unido: Reaktion Books. ISBN 9781899170.

Haukeland, J. V., Grue, B., & Veistein, K. (2010). Turning national parks into tourist attractions: Nature orientation and quest for facilities. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 10(3), 248–271. Doi: <https://doi.org/10.1080/15022250.2010.502367>

Haukeland, J. V., Midtgard, M. R. (2000). Turistopplevelseri et kystlandskap [Tourist experiences in a coastal landscape]. *TOI Report*. 500/2000. Disponível em <https://www.toi.no/getfile.php/133008/Publikasjoner/T%C3%98I%20rapporter/2000/500-2000/sum-500-00.pdf>

Hazen, H. (2009). Valuing natural heritage: Park visitors' values related to World Heritage Sites in the USA. *Current Issues in Tourism*, 12(2), 165–181. Doi: <https://doi.org/10.1080/13683500802538260>

Heslinga, J., Groote, P., & Vanclay, F. (2017). Understanding the historical institutional context by using content analysis of local policy and planning documents: Assessing the interactions between tourism and landscape on the Island of Terschelling in the Wadden Sea Region. *Tourism Management*, 66, 180-190. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.12.004>.

Hose, T. A. (2008). Towards a history of geotourism: Definitions, antecedents and the future. In Prosser, C. D., Burek C.V. *The History of Geoconservation*. London, UK: Special Publications 300. Doi: <http://doi.org/10.1144/SP300.5>

Howley, P. (2011). Landscape aesthetics: Assessing the general publics' preferences towards rural landscapes. *Ecological Economics*, 72(0), 161-169. Doi: <http://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2011.09.026>

Hudson, B. J. (2016). Waterfalls and the Romantic traveller. In Hose, T. A. (Ed.). *Appreciating Physical Landscapes: Three Hundred Years of Geotourism* (pp. 41–57). London, UK: Geological Society Special Publications 417. ISBN 978-1-86239-724-8.

Hyde, K. F., & Lawson, R. (2003). The nature of independent travel. *Journal of Travel Research*, 42(1), 13-23.

Doi: <https://doi.org/10.1177/0047287503253944>

Jacobsen, J. K. S. (2006). Reiser i unike landskaper: Opplevelser og vurderinger av nasjonale turistveger [Journeys in different landscapes: Experiences and evaluations of National Tourist Routes]. *TOI Report*, 827/2006. Disponível em <https://www.toi.no/getfile.php?mmfileid=18186>. ISSN 0808-1190.

Jacobsen, J. K. S., & Grue, B. (1997). Nasjonale turistveger i Norge. [National scenic roads in Norway]. Oslo: Institute of Transport Economics.

Jafari, J. (1982). The tourism market basket of goods and services: the components and nature of tourism. In Singh, T.V., Kaur, J. & Singh, D. P. (Eds.) *Studies in tourism, wildlife, parks, conservation*. New Delhi: Metropolitan Book Company, pp. 1-12.

Jones, C. D., Patterson, M. E., & Hammitt, W. E. (2000). Evaluating the construct validity of sense of belonging as a measure of landscape perception. *Journal of Leisure Research*, 32(4), 383-395.

Doi: <https://doi.org/10.1080/00222216.2000.11949922>

Jovičić, Ž. (1989). *Turistička geografija. [Tourism Geography]*. Beograd: Livre scientifique.

Jovičić, D. (2008). *Introduction au tourisme et à la géographie du tourisme*. Nouveau Belgrade: Ton PLUS.

Kalen G. (2002). *City Landscape*. Beograd: Građevinska knjiga.

Kaplan R., Kaplan S. (1989). *The experience of nature: A physiological perspective*. New York: Cambridge University Press.

Kastenholz, E. (2002). *The Role and Marketing Implications of Destination Images on Tourist Behavior: The Case of Northern Portugal*. Tese de Doutorado. Universidade de Aveiro: Portugal.

Kowalczyk, A. A., Derek M. (2010). *Zagospodarowanie turystyczne. [Tourism Development]*. Varsóvia: PWN Scientific Publisher. ISBN 9788301161965.

Krzymowska-Kostrowica, A. (1999). Kulturowe uwarunkowania oceny i waloryzacji krajobrazów turystyczno-rekreacyjnych. Geoekologiczne podstawy badania i planowania krajobrazu rekreacyjnego [Condições culturais para a avaliação e valorização de paisagens turísticas e recreativas. Fundamentos geoecológicos da pesquisa e planejamento da paisagem recreativa]. *Problemy Ekologii Krajobrazu*, 5.

Kulczyk, S. (2013). *Krajobraz i turystyka: o wzajemnych relacjach. [Paisagem e turismo: relações mútuas]*. Varsóvia: WGiSR UW.

Kuo, H., Cheng, C. K., & Shen, L. (2013). Exploring the relationships between past experience and continuity of place bonding. *Journal of Architecture*, 86, 33-50.

Kvamme, K. L. (1990). One-simple test in regional archaeological analysis: new possibilities through computer technology. *American Antiquity*, 55(2), 367-381. Doi: <https://doi.org/10.2307/281655>.

Lindemann-Matthies, P., Briegel, R., Schüpbach, B., & Junge, X. (2010). Aesthetic preference for a Swiss alpine landscape: The impact of different agricultural land use with different biodiversity. *Landscape and Urban Planning*, 98(2), 99-109. Doi: <http://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2010.07.015>.

Liu, J., Dietz, T., Carpenter, S. R., Alberti, M., Folke, C., Moran, E., William, W. T. (2007). Complexity of coupled human and natural systems. *Science*, 317(5844), 1513-1516. Doi: <http://doi.org/10.1126/science.1144004>.

Lock, G., Stancic, Z. (1995). *Archaeology and Geographical Information System*. Bristol, Reino Unido: Taylor & Francis. ISBN 9780748402083.

Lozato-Giotart, J.-P. (1993). *Géographie du tourisme*. Paris, France: Masson. ISBN 2-225-84138-1.

Macadam, J. (2018). Geoheritage: Getting the message across. What message and to whom? In Reynard E., Brilha, J. *Geoheritage. Assessment, Protection, and Management* (pp. 267-288). Elsevier. Doi: <http://doi.org/10.1016/B978-0-12-809531-7.00015-0>.

Manzato, J. A., Santos, A. B. (2014). *Elaboração de questionários na pesquisa quantitativa*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Manzo, L. C. (2003). Beyond house and haven: toward a revisioning of emotional relationships with places. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 47-61.

Doi: [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(02\)00074-9](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(02)00074-9)

Manzo, L. C. (2008). *Understanding human relationships to place and their significance for outdoor recreation and tourism*. In L. E. Kruger, T. E. Hall, & M. C. Stiefel (Eds.), *Understanding concepts of place in recreation research and management* (PNW-GTR-744) (pp. 135-173). Portland, Oregon: U.S. Department of Agriculture, Forest Service, Pacific Northwest Research Station.

Marujo, N., Santos. N. (2012). Turismo, turistas e paisagem. *Investigaciones Turísticas*, 4, 35-48.

McGinn, A. P., Evenson. K. R., Herring. A. H., Huston. S. L., Rodriguez. D. A. (2007). Exploring associations between physical activity and perceived and objective measures of the built environment. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 84(2), 162-184. Doi: <http://doi.org/10.1007/s11542-006-9136-4>.

Millennium Ecosystem Assessment (2005). *Ecosystems and human well-being: synthesis*. Washington DC, USA: Island Press. ISBN 9241563095.

Múgica, M., De Lucio, J. V. (1996). The Role of On-Site Experience on Landscape Preferences. A Case Study at Doñana National Park (Spain). *Journal of Environmental Management*, 47(3), 229-239. Doi: <http://doi.org/10.1006/jema.1996.0049>.

Musa, G., Kayat K., Thirumoorthi, T. (2010). The experiential aspect of rural home stay among Chinese and Malay students using diary method. *Tourism and Hospitality Research*, 10(1), 25-41. Doi: <http://doi.org/10.1057/thr.2009.26>.

Myga-Pląrek, U. (2012). *Krajobrazy kulturowe. Aspekty ewolucyjne i typologiczne*. [Paisagens culturais. Aspectos da evolução e tipologia] Katowice: University of Silesia,

Nučič, M. (2012). Is sustainability science becoming more interdisciplinary over time? *Acta geográfica Slovenica*, 52-1, 215-236. Doi: <http://dx.doi.org/10.3986/AGS52109>

- Nunes, M. (2016). *Roteiro Turístico na Cidade de Angra do Heroísmo “Angra: Hoje e Outrora/Do séc. XVI ao séc. XXI”*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Turismo e Tecnologia do Mar: Leiria, Portugal.
- Oliveira, L. S., Silva, Y. F. (2008). A Importância e as Relações entre Paisagem e a Atividade Turística: o caso de Santa Rosa de Lima- SC. *V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SeminTUR. Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina*. Caxias do Sul, RS, Brasil.
- Pacheco, L. D. N., Oliveira, J. (2011). A percepção da paisagem no turismo do campo de golfe Comandatuba Ocean Course na ilha de Comandatuba, BA. *Caderno Virtual De Turismo, II(3)*, 341-354.
- Pérez, J. G. (2002). Ascertaining Landscape Perceptions and Preferences with Pair-wise Photographs: Planning rural tourism in Extremadura, Spain. *Landscape Research, 27(3)*, 297–308. Doi: <http://doi.org/10.1080/01426390220149539>.
- Pestana, M., & Nunes Gageiro, J. (2003). *Análise de Dados para Ciências Sociais – A complementaridade do SPSS*. Edições Silabo.
- Phillips, A. (2005). Landscape as a meeting ground: Category V Protected Landscapes/Seascapes and World Heritage Cultural Landscapes. In Brown J., Mitchell, N., Beresford, M. *The Protected Landscape Approach. Linking Nature, Culture and Community* (pp. 19-25). Gland, Switzerland and Cambridge, UK: IUCN.
- Pietrzak, M. (2010). Krajobraz rekreacyjny – istota, treść i zakres pojęcia. Krajobrazy rekreacyjne – kształtowanie, wykorzystanie, transformacja [Paisagem recreativa - a essência, o conteúdo e o escopo do conceito. Paisagens recreativas - modelagem, uso, transformação]. *Problemy Ekologii Krajobrazu, 27*, 321-326. Doi: http://www.paek.ukw.edu.pl/wydaw/vol27/pietrzak_pek_tom_27_2010.pdf.
- Pires, P. (2001). Interfaces ambientais do turismo. In Trigo, L. (Org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo, Brasil: Senac. ISBN 9788573595482.
- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. (2017). *Património Geológico e Geossítios*, ICNF. Disponível em [www: http://icnf.pt/portal/pn/geodiversidade/patrimonio-geologico](http://icnf.pt/portal/pn/geodiversidade/patrimonio-geologico)

Potra, A. C. (2016). The identification of the lookout points with a role in the tourism valorisation of landscape in the district of Ciceu, viewshed analysis. *Annals of the University of Oradea*, (2/2016), 235-242.

Pralong, J. P. (2006). Geotourism: A new Form of Tourism utilising natural Landscapes and based on Imagination and Emotion. *Tourism Review*, 61(3), 20-25. Doi: <http://doi.org/10.1108/eb058476>.

Prayag, G., & Ryan, C. (2012). Antecedents of tourists' loyalty to Mauritius: the role and influence of destination image, place attachment, personal involvement, and satisfaction. *Journal of Travel Research*, 51(3), 342-356
Doi: <https://doi.org/10.1177/0047287511410321>

Quivy, R., Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva Publicações, 276 p. ISBN: 9789726622758.

Raadik, J., Cottrell, S. P., Fredman, P., Ritter P., Newman P. (2010). Understanding recreational experience preferences: Application at Fulufjället National Park, Sweden. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 10(3), 231-247. Doi: <https://doi.org/10.1080/15022250.2010.486264>.

Richling, A. (2010). Krajobrazy rekreacyjne – kształtowanie, wykorzystanie, transformacja, [Paisagens recreativas - modelagem, uso, transformação]. *Problemy Ekologii Krajobrazu*, 27. Varsóvia: Biała Podlaska. ISBN 978-83-61044-17-8.

Richling, A. (2010). O krajobrazie raz jeszcze: Czy istnieją krajobrazy rekreacyjne. Krajobrazy rekreacyjne – kształtowanie, wykorzystanie, transformacja. [Na paisagem novamente: Existem paisagens recreativas? Paisagens recreativas - modelagem, uso, transformação, problemas da ecologia da paisagem]. *Problemy Ekologii Krajobrazu*. Varsóvia: Biała Podlaska.

Ritchie, J.R. B., Crouch, G. I. (2003). *The Competitive Destination: A Sustainable Tourism Perspective*. Oxon, Reino Unido: CABI Publishing. ISBN 0851996647.

Roe, M., Taylor, K. (2014). New cultural landscapes. Emerging issues, context and themes. In Roe, M., Taylor, K. *New Cultural Landscapes: emerging issues, context and themes* (pp. 1-23). Abingdon, UK: Routledge.

- Rodríguez, B., Molina, J., Pérez, F., Caballero, R. (2012). Interactive design of personalised tourism routes. *Tourism Management*, 32, 926-940.
Doi: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2011.09.014>
- Rogge, E., Nevens, F., & Gulinck, H. (2007). Perception of rural landscapes in Flanders: Looking beyond aesthetics. *Landscape and Urban Planning*, 82, 159-174. Doi: <http://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2007.02.006>
- Salgueiro, T. B. (2001). Paisagem e Geografia. *Revista Portuguesa De Geografia*, 36(72), 37-53. Doi: <http://doi.org/10.18055/Finis1620>.
- Sayadi, S., González-Roa, M. C., Calatrava-Requena, J. (2009). Public preferences for landscape features: The case of agricultural landscape in mountainous Mediterranean areas. *Land Use Policy*, 26(2), 334-344. Doi: <http://doi.org/10.1016/j.landusepol.2008.04.003>.
- Scannell, L., & Gifford, R. (2010). The relations between natural and civic place attachment and pro-environmental behavior. *Journal of Environmental Psychology*, 30(3), 289e297. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.01.010>
- Schama, S. (1995). *Landscape and Memory*. Londres, Reino Unido: Harper Collins, ISBN 0679735127.
- Sharpley, R., & Jepson, D. (2011). Rural tourism: a spiritual experience?. *Annals of Tourism Research*, 38(1), 52-71.
Doi: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2010.05.002>
- Silva Nunes, N. (2017). O conceito de paisagem e a sua apropriação pelo turismo: O exemplo das imagens nas embaixadas litorâneas (RJ). *Revista Tamoios, São Gonçalo (RJ)*, 13, 2, 122-129. Doi: <http://doi.org/10.12957/tamoios.2017.26993>.
- Skowronek, E., Tucki A., Huijbens E., Jóźwik, M (2018). What is the tourist landscape? Aspects and features of the concept. *Acta Geographica Slovenica*, (58-2), 73-85. Doi: <https://doi.org/10.3986/AGS.3311>.
- Staiff, R. (2014). *Re-Imagining Heritage Interpretation. Enchanting the Past-Future*. Farnham, Reino Unido: Ashgate Publishing Ltd. ISBN 1409455505.

Strumse, E. (2001). Environmental concern and the predictions of environmentally responsible behaviours in Norway: Results from a pilot study and a national survey. *Forskningsrapport*, 65.

Strumse, E. (2002). Miljø, estetikk og identitet: Psykologiske perspektiver [Environment, aesthetics, and identity]. *Arbeidsnotat*.

Surová, D., Pinto Correia, T. (2008). Landscape preferences in the cork oak Montado region of Alentejo, southern Portugal: Searching for valuable landscape characteristics for different user groups. *Landscape Research*, 33(3), 311 – 330. Doi: <https://doi.org/10.1080/01426390802045962>.

Terkenli, T. S. (2002). Landscapes of tourism: towards a global cultural economy of space? *Tourism Geographies*, 4-3. 227-254. Doi: <http://dx.doi.org/10.1080/14616680210147409>.

Terkenli, T. S. (2004). Turismo e paisagem. In Lew A., Hall M. C., Williams A. M. *Compêndio de Turismo*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget. ISBN 9789727718887.

Terkenli, T. S., D’Hauteserre, A.-M. (2006). *Landscapes of a new cultural economy of space*. Dordrecht: Springer Netherlands, Doi: <http://doi.org/10.1007/1-4020-4096-2>.

Terkenli, T. S. (2011). From landscape to tourism and back: the emergence of a Greek landscape conscience. Landscape, Identities and Development. In Rroca Z., Claval P., Agnew, J. (Eds). *Landscapes, Identities and Development*. Ashgate: Aldershot. ISBN 9781409405542.

Thayer-Hart, N., Dykema, J., Elver, K., Schaeffer, N. C., Stevenson, J. (2010). *Survey Fundamentals - A guide to designing and implementing surveys* (pp. 20). Madison, WI, USA: University of Wisconsin Survey Center, Office of Quality Improvement.

Tilley, C. Y. (1994). *A phenomenology of landscape: places, paths, and monuments*. Oxford, Reino Unido: Berg Publishers. ISBN 9781859730768.

Todorović, N. (2016). Activating landscape tourism motives. *Hit Management*, 4(2), 122-132.

- Tuan, Y. (1979). *Landscapes of fear*. Nova Iorque, EUA: Pantheon Books. ISBN 0394420357.
- Turato, E. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, Brasil: Vozes. ISBN 9788532627513.
- Turismo do Porto e Norte de Portugal. (2015). *Estratégia de Marketing Turístico do Porto e Norte de Portugal*. TPNP.
- Un In Wong, C., McKercher, B. (2012). Day tour itineraries: Searching for the balance between commercial needs and experiential desires. *Tourism Management*, 33, 1360-1372.
Doi: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2011.12.019>
- Urry, J. (2007). *Mobilities*. Cambridge: Polity.
- Williams, D. R., & McIntyre, N. (2012). Place affinities, lifestyle mobilities, and quality-of-life. In M. Uysal, R. Perdue, & M. J. Sirgy (Eds.), *Handbook of tourism and quality-of-life research: Enhancing the lives of tourists and residents of host communities* (pp. 209-231). New York: Springer.
- Wilson, S., Hannam, K. (2017). The frictions of slow tourism mobilities: Conceptualising campervan travel. *Annals of tourism research*, 67, 25-36.
Doi: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2017.07.021>
- Włodarczyk, B. (2009). Krajobrazy przestrzeni turystycznej. [Paisagens do espaço turístico] *Turyzm*, 19-1/2.
- Wylie, J. (2007). *Landscape*. Londres, Reino Unido: Routledge. ISBN 0415341434.
- Yázigi, E., Carlos, A. F. A., Cruz, R. C. A., (1996). *Turismo - espaço, paisagem e cultura*. (pp. 241). São Paulo, Brasil: Hucitec.
- Zárate, M. (2013). Toledo, el paisaje como necesidad y oportunidad para un crecimiento urbano sostenible. In Lorente, A. M. *El Toledo que soñamos, El Toledo que queremos* (pp. 45-59). Toledo, Spain: Ed. Celya. ISBN 978-84-15359-72-2.

Zárare, M. (2016). Paisajes culturales urbanos, oportunidad para la conservación del patrimonio y el turismo sostenible. *Estudios Geográficos*, 77, 201, 693-728. Doi: <http://doi.org/10.3989/estgeogr.201624>

Zareęba, D. (2010). *Ekoturystyka. [Ecoturismo]*. Varsóvia, Polónia: Scientific Publisher. ISBN 9788301160173.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO (PT)

Questionário



ESCOLA
SUPERIOR
DE HOTELARIA
E TURISMO

Proposta de um roteiro dos miradouros no Norte de Portugal: A importância da paisagem como recurso turístico

No âmbito de uma investigação realizada no Instituto Politécnico do Porto (Escola Superior de Hotelaria e Turismo, campus 2), pretende-se a sua colaboração na forma de resposta a este questionário, cujo objetivo se relaciona com a importância da paisagem no panorama turístico através dos miradouros. Este inquérito procura entender quais são as preferências dos turistas relativamente à tipologia e as características da paisagem, intercalando o seu interesse e procura de miradouros durante a sua visita.

Antecipadamente se agradece a sua preciosa colaboração, essencial para o êxito deste trabalho de investigação.

Por favor, responda a cada uma das questões exprimindo a sua posição pessoal. O inquérito é anónimo e demora cerca de 5 minutos a responder.

Parte I – Perfil Individual

1. Sexo:

Masculino

Feminino

2. Idade:

18-24

25-34

35-44

45-54

55-64

+ 65

3. Estado Civil:

Casado

Solteiro

Separado

Viúvo

4. Habilitações:

Ensino Básico

Ensino secundário

Licenciatura

Mestrado/Doutoramento

5. País de origem:

Portugal

Alemanha

Bélgica

Rússia

Outro:

Espanha

Suíça

Brasil

China

França

Itália

EUA

Reino Unido

Países Baixos

Canadá

6. Rendimento mensal líquido(individual):

Até 1500€

1501 – 3000 €

- 3001 - 5000 €
- Mais de 5001 €
- Não sabe/Não responde

Parte II – Características da viagem

7. É a primeira visita ao Porto:

- Sim
- Não

8. Viaja:

- Só
- Com companheiro(a)
- Familiares
- Amigos
- Outros: _____

9. Duração da estada (noites):

- Sem pernoita
- De 1 a 2 noites
- De 3 a 5 noites (inclusive)
- De 5 a 10 noites (inclusive)
- + 10

10. Principal(ais) motivo(s) da viagem
(Selecione mais que uma opção se aplicável):

- 10.1 Férias/lazer
- 10.2 Touring Cultural
- 10.3 Turismo de compras
- 10.4 Turismo enogastronómico
- 10.5 Turismo de negócios
- 10.6 Visita a familiares e amigos
- 10.7 Outro. Qual? _____

Parte III – Paisagem rural e paisagem urbana

11. Classifique os elementos que considera mais ou menos importantes relativamente às características da paisagem rural.

	Nada importante (1)	Pouco importante (2)	Muito importante (3)	Muito importante (4)	Extremamente importante (5)
Características da paisagem					
11.1 Paisagem Montanhosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.2 Vales	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.3 Planície	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.4 Paisagem rural (socalcos, construções em pedra, vedações, sebes)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.5 Ravinas, falésias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cursos de água:					
11.6 Rios, ribeiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.7 Pântanos, barragens e albufeiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.8 Nascentes e cascatas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.9 Mar, zona costeira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.10 Lagos e lagoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Zonas arborizadas ou florestais:					
11.11 Árvores de fruto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.12. Carvalhos e azinheiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.13 Vinhas e videiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.14 Pinhais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fauna:					
11.15 Aves	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.16 Animais selvagens	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.17 Rebanhos e criação de gado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

12. Classifique os seguintes aspetos relativos à estética do meio rural.

	Nada importante (1)	Pouco Importante (2)	Importante (3)	Muito Importante (4)	Extremamente Importante (5)
Estética do meio rural					
12.1 Experienciar mudanças na paisagem (montanhas, cascatas, fiorde, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.2 Estar perto da natureza/Sentir-se livre e relaxado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.3 Observar a paisagem cultural (pequenas quintas, vilas antigas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.4 Observar lugares de beleza natural	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.5 Preservação do local (ex. água não poluída, poluição) /Respirar ar puro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

13. Relativamente à paisagem presente nos meios urbanos, indique qual o grau de atratividade dos seguintes elementos

	Nada importante (1)	Pouco Importante (2)	Importante (3)	Muito Importante (4)	Extremamente Importante (5)
Construções e estruturas					
13.1. Urbanizações, arranha-céus	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.2 Edifícios históricos, igrejas/catedrais, torres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.3 Fontes, chafarizes, obeliscos e outras esculturas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.4 Portos, marinas, pontões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.5 Zonas industriais, fábricas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Elementos naturais					
13.6 Zonas arborizadas, parques públicos, jardins, canteiros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.7 Lagos, rios, zona costeira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. Classifique os seguintes aspetos relativamente à estética do meio urbano.

	Nada importante (1)	Pouco Importante (2)	Importante (3)	Muito Importante (4)	Extremamente Importante (5)
Estética do meio urbano					
14.1 A junção do moderno com o antigo (edifícios e outras estruturas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.2 Consistência e coerência urbana	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.3 Conservação dos edifícios/estruturas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.4 Iluminação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte IV - Miradouros

15. Preferência pelo tipo de paisagem:

- 15.1 Paisagem rural
 15.2 Paisagem urbana
 15.3 Paisagem costeira
 15.4 Paisagem de montanha

16. Qual(is) destas regiões do Norte de Portugal pretende visitar durante a sua estadia? (Pode selecionar mais que uma opção se aplicável):

- 16.1 Área Metropolitana do Porto
 16.2 Trás-Os-Montes
 16.3 Minho
 16.4 Douro

17. Quando viaja, com que frequência visita miradouros?

- 17.1 Nunca
 17.2 Raramente
 17.3 Às vezes
 17.4 Muitas vezes
 17.5 Sempre

18. Durante uma deslocação, os miradouros são um elemento que costuma incluir no planeamento da viagem?

- Sim Não

18.1 Se sim, indique em que momento da viagem realiza o planeamento.

- 18.1.1 Antes da viagem
 18.1.2 Durante a viagem

19. Em relação a qual das seguintes tipologias de miradouro tem preferência?

- 19.1 Miradouros naturais
 19.2 Miradouros antrópicos (estruturas)
 19.3 Miradouros em locais de culto (santuários, igrejas)

20. Quão importante é para si a disponibilidade dos seguintes recursos/infraestruturas em locais onde há miradouros?

	Nada importante (1)	Pouco Importante (2)	Importante (3)	Muito Importante (4)	Extremamente Importante (5)
Recursos					
20.1 Acessibilidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.2 Alojamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.3 Restauração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.4 Comércio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.5 Painéis informativos/telescópios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.6 Parque de estacionamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.7 WC	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Agradeço a sua colaboração!

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO (ING)

Questionnaire



ESCOLA
SUPERIOR
DE HOTELARIA
E TURISMO

Proposal of an itinerary of the viewpoints in North of Portugal: The importance of landscape as a tourism resource

In the context of an investigation carried out at the Polytechnic Institute of Porto (Higher School of Hospitality and Tourism, campus 2), we invite you to collaborate in the form of a response to this questionnaire, whose objective is related to the importance of landscape as a tourism resource through viewpoints. The aim of this study is to understand the preferences of tourists in relation to the type and aspects of landscape, according to their interest and demand while visiting.

Thank you in advance for your valuable cooperation, which is essential for the success of this research.

Please answer each of the questions by expressing your personal position. The survey is anonymous and takes about 5 minutes to answer.

Part I - Individual Profile

1. Gender:

Male

Female

2. Age:

18-24

25-34

35-44

45-54

55-64

+ 65

3. Civil Status:

Married

Single

Separate

Widower

4. Education level:

Primary school

High school

College or university

Postgraduate

5. Country of origin:

Portugal

Germany

Belgium

Russia

Other:

Spain

Switzerland

Brazil

China

France

Italy

USA

United Kingdom

Netherlands

Canada

6. Income level (individual):

Up to 1500 €

1501 - 3000 €

3001 - 5000 €

Up to 5001 €

Don't know / Don't answer

Part II - Regarding the Trip

7. Is it the first visit to Porto:

Yes
 No

8. You travel with?

Alone
 Couple
 Relatives
 Friends
 Others: _____

9. Length of stay (nights):

Without overnight stay
 From 1 to 2 nights
 From 3 to 5 nights (inclusive)
 From 5 to 10 nights (inclusive)
 + 10

10. Main reason(s) of the trip
(Select more than one option, if applicable):

10.1 Holiday/leisure
 10.2 Touring Cultural
 10.3 Shopping tourism
 10.4 Enogastronomic tourism
 10.5 Business tourism
 10.6 Visiting family and friends
 10.7 Other. Which? _____

Part III – Rural landscape and Urban landscape

11. Assign a classification to the landscape aspects you consider more attractive on a scale of 'not important at all' to 'extremely important'.

	Not important at all (1)	Slightly important (2)	Important (3)	Very important (4)	Extremely Important (5)
Landscape features					
11.1 Mountaneous landscape	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.2 Valleys	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.3 Plateau landscape	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.4 Rural landscape (terraces, stone terracing, fences, hedges, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.5 Cliffs, ravines	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Water courses					
11.6 Rivers	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.7 Wetlands, marshes, reservoirs	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.8 Springs and waterfalls	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.9 Sea, coastal área	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.10 Lakes and lagoons	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Areas with trees and forests					
11.11 Fruit trees	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.12 Oak trees, holm oak	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.13 Grapevines and vineyards	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.14 Pine forests	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fauna					
11.15 Birds	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.16 Wild animals	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.17 Herds and livestock farming	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

12. Assign a classification to the aspects you consider an important presence in the rural landscape.

	Not important at all (1)	Slightly important (2)	Important (3)	Very important (4)	Extremely Important (5)
Rural aesthetics					
12.1 Experiencing variations in landscape (mountains, fjords, waterfalls, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.2 Being close to nature /Feeling of freedom and happiness	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.3 Viewing the cultural landscape (e.g., small farms, old towns)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.4 Viewing spectacular, fantastic, and overwhelming natural sites	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.5 Experiencing unspoiled nature (e.g., unpolluted water)/Breathing fresh and clean air	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

13. In relation to the landscape of the urban areas assign a classification to the aspects you consider more attractive.

	Not important at all (1)	Slightly important (2)	Important (3)	Very important (4)	Extremely Important (5)
Constructions and structures					
13.1 Urbanizations, skyscrapers	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.2 Historic buildings, churches/cathedrals, towers	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.3 Fountains, obelisks and other sculptures	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.4 Fishing ports, harbours, jetty	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.5 Industrial areas, factories	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Natural Elements					
13.6 Forested areas, parks, gardens, flowerbeds	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.7 Lakes, rivers, coastal area	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. Assign a classification to the aspects you consider an important presence in the urban landscape.

	Not important at all (1)	Slightly important (2)	Important (3)	Very important (4)	Extremely Important (5)
Urban aesthetics					
14.1 The combination of the old and the modern (buildings and other structures)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.2 Urban consistency and coherence	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.3 Preservation of buildings/structures	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.4 Public illumination	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Part IV – Viewpoints

15. Type of landscape preference:

- 15.1 Rural landscape
 15.2 Urban landscape
 15.3 Coastal landscape
 15.4 Mountain landscape

16. Which of the following regions in the North of Portugal do you intend to visit during your stay?

- 16.1 Porto Metropolitan Area
 16.2 Trás-Os-Montes
 16.3 Minho
 16.4 Douro

17. When you travel, how often do you visit viewpoints?

- 17.1 Never
 17.1 Rarely
 17.2 Occasionally
 17.3 Frequently
 17.4 Always

18. When travelling, do you plan to visit viewpoints?

- Yes No

18.1 If yes, assign in which stage of the journey you do so.

- 18.1.1 Before travelling
 18.1.2. While travelling

19. Which one of these types of viewpoints do you prefer?

- 19.1 Natural viewpoints
 19.2 Anthropoc viewpoints (structures)
 19.3 Viewpoints in places of worship (sanctuaries, churches)

20. Assign a classification to the resources/infrastructures you consider most important while visiting viewpoints, in a scale of 'not important at all' to 'extremely important'.

	Not important at all (1)	Slightly important (2)	Important (3)	Very important (4)	Extremely Important (5)
Resources/infrastructures					
20.1 Facilities	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.2 Accommodation	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.3 Restaurants	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.4 Shopping areas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.5 Information pannels/Telescopes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.6 Parking	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.7 WC	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Thank you for your cooperation!

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO (ES)

Cuestionario



ESCOLA
SUPERIOR
DE HOTELARIA
E TURISMO

Propuesta de una ruta de los miradores en el norte de Portugal: La importancia del paisaje como recurso turístico

En el marco de una investigación realizada en el Instituto Politécnico de Oporto (Escuela Superior de Hostelería y Turismo, campus 2), se pretende su colaboración en la forma de respuesta a este cuestionario, cuyo objetivo se relaciona con la importancia del paisaje en el panorama turístico a través de los miradores. Esta encuesta trata de entender cuáles son las preferencias de los turistas relativamente a la tipología y las características del paisaje, intercalando su interés y la búsqueda de miradores durante su visita.

Se agradece, de antemano, su preciosa colaboración, esencial para el éxito de este trabajo de investigación.

Por favor, responda a cada una de las preguntas expresando su posición personal. La encuesta es anónima y tarda unos 10 minutos para responder.

Parte I – Perfil Individual

1. Género:

Masculino

Femenino

2. Edad:

18-24

25-34

35-44

45-54

55-64

+ 65

3. Estado Civil:

Casado

Soltero

Separado

Viudo

4. Estudios:

Educación básica

Enseñanza secundaria

Graduación

Estudios post-universitarios

5. País de origen:

Portugal

Alemania

Bélgica

Russia

Otro:

España

Suiza

Brasil

China

Francia

Italia

EUA

Reino Unido

Países Bajos

Canada

6. Renta mensual neta (individual):

Hasta 1500 €

1501 – 3000 €

3001 - 5000 €

Más de 5001 €

No sabe / No responde

Parte II - Características del viaje

7. Es la primera visita a Porto:

Sí
 No

8. Viaja:

Solo
 Con pareja
 Familia
 Amigos
 Otros: _____

9. Estancia Media (noches):

Sin pernoctar
 De 1 a 2 noches
 De 3 a 5 noches (inclusive)
 De 5 a 10 noches (inclusive)
 + 10

10. Principal(es) motivo(s) del viaje

(Seleccione más de una opción si se aplica):

10.1 Vacaciones/ocio
 10.2 Touring Cultural
 10.3 Turismo de compras
 10.4 Turismo enogastronómico
 10.5 Turismo de negocios
 10.6 Visita a familiares y amigos
 10.7 Otro ¿Cuál? _____

Parte III – Paisaje rural y paisaje urbana

11. Indique cuáles son los atributos de un paisaje que considera más atractivos, en una escala del menos importante para el más importante.

	Nada Importante (1)	Poco Importante (2)	Importante (3)	Bastante Importante (4)	Extremadamente Importante (5)
Características del paisaje					
11.1 Paisaje Montañosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.2 Valles	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.3 Llanura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.4 Paisaje rural (terrazas, construcciones de piedra, vallas, setos)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.5 Barranco, acantilado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cursos de agua					
11.6 Rios, riberas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.7 Pantanos, represas y albranas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.8 Naciente e cascadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.9 Mar, zona costera	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.10 Lagos e lagoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Zonas arboladas o forestales					
11.11 Árboles de fruta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.12 Robles	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.13 Vinos y vides	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.14 Bosque de pinos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fauna					
11.15 Aves	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.16 Animales salvajes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.17 Rebaños y ganadería	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

12. Clasifique los siguientes aspectos que considera más o menos importantes en la constitución del paisaje rural.

	Nada Importante (1)	Poco Importante (2)	Importante (3)	Bastante Importante (4)	Extremadamente Importante (5)
Estética rural					
12.1 Experimentar variaciones en el paisaje (montañas, fiordos, cascadas, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.2 Estar cerca de la naturaleza /Sentimiento de libertad y felicidad	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.3 Observar el paisaje cultural (por ejemplo, pequeñas granjas, antiguas pueblos)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.4 Observar sitios naturales espectaculares y abrumadores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.5 Experimentar la naturaleza virgen (por ejemplo, agua no contaminada) / Respirar aire fresco y limpio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

13. En cuanto al paisaje presente en los medios urbanos, indique cuál es el grado de atractivo de los siguientes elementos.

	Nada Importante (1)	Poco Importante (2)	Importante (3)	Bastante Importante (4)	Extremadamente Importante (5)
Construcciones y estructuras					
13.1 Urbanizaciones, rascacielos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.2 Edificios históricos, iglesias/catedrales, torres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.3 Fuentes, obeliscos y otras esculturas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.4 Puertos, marinas, pontones	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.5 Zonas industriales, fábricas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Elementos naturales					
13.6 Zonas arboladas, parques públicos, jardines, canteros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.7 Lagos, ríos, zona costera	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. Clasifique los siguientes aspectos que considera más o menos importantes en la constitución del paisaje rural.

	Nada Importante (1)	Poco Importante (2)	Importante (3)	Bastante Importante (4)	Extremadamente Importante (5)
Estética urbana					
14.1 La unión de lo moderno con el antiguo (edificios y otras estructuras)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.2 Consistencia y coherencia urbana	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.3 Conservación de edificios / estructuras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.4 Iluminación	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte IV – Miradores

15. Preferencia por el tipo de paisaje:

- 15.1 Paisaje rural
 15.2 Paisaje urbano
 15.3 Paisaje costero
 15.4 Paisaje de montaña

16. ¿Cuál (s) de estas zonas del norte de Portugal planean visitar durante su estancia? (Puede seleccionar más de una opción si corresponde)

- 16.1 Área Metropolitana do Porto
 16.2 Trás-Os-Montes
 16.3 Minho
 16.4 Douro

17. Cuando viaja, ¿con qué frecuencia visita miradores?

- 17.1 Nunca
 17.2 Raramente
 17.3 Ocasionalmente
 17.4 Muchas veces
 Siempre

18. ¿Durante un desplazamiento, los miradores son un elemento que suele incluir en la planificación del viaje?

- Sí No

18.1 Si es así, indique en qué momento del viaje realiza la planificación.

- 18.1.1 Antes del viaje
 18.1.2 Durante el viaje

19. ¿Con cuál de las siguientes tipologías de mirador tiene preferencia?

- 19.1 Miradores naturales
 19.2 Miradores antrópicos (estructuras)
 19.3 Miradores en lugares de culto (santuarios, iglesias)

¿20. Cuán importante es para usted la disponibilidad de los siguientes recursos/infraestructuras en lugares dónde hay miradores?

	Nada Importante (1)	Poco Importante (2)	Importante (3)	Bastante Importante (4)	Extremadamente Importante (5)
Recursos/Infraestructuras					
20.1 Accesibilidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.2 Hospedaje	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.3 Restauración	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.4 Comercio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.5 Paneles de información/Telescopio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.6 Zonas de aparcamiento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.7 WC	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

¡Agradezco su colaboración!

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO (FR)

Questionnaire



ESCOLA
SUPERIOR
DE HOTELARIA
E TURISMO

Proposition d'un itinéraire des miradors au nord du Portugal: L'importance du paysage en tant que ressource touristique

Dans le contexte d'une recherche menée à l'Institut Polytechnique de Porto (École Supérieure d'Hôtellerie et Tourisme, campus 2), nous voulons obtenir votre collaboration sous forme de réponse à ce questionnaire, dont l'objectif est lié à l'importance du paysage en tant que ressource touristique à travers des miradors. Le but de cette étude est de comprendre les préférences des touristes en fonction du type et des aspects du paysage, par rapport de l'intérêt et de la demande des visiteurs.

Merci d'avance pour votre précieuse collaboration, essentielle au succès de ce travail de recherche. Veuillez répondre à chacune des questions en exprimant votre position personnelle. L'enquête est anonyme et prend environ 10 minutes pour répondre.

Partie I - Profil Individuel

1. Genre:

Masculin

Féminin

2. Âge:

18-24

25-34

35-44

45-54

55-64

+ 65

3. État civil:

Marié

Simple

Séparé

Veuf

4. Qualifications:

Éducation de base

Enseignement secondaire

Baccalauréat

Études post-universitaires

5 Pays d'origine:

Portugal

Allemagne

Belgique

Russie

Autre:

Espagne

Suisse

Brésil

Chine

France

Italie

États-Unis

Royaume-Uni

Les Pays-Bas

Canada

6. Revenu mensuel net (individuel) :

Jusqu'à 1500 €

1501 - 3000 €

3001 - 5000 €

Plus de 5001 €

Ne sait pas/ne répond Pas

Partie II – Les Caractéristiques du voyage

7. C'est la première visite à Porto:

Oui
 Non

8. Voyages:

Seul
 Avec partenaire
 La famille
 Amis
 D'autres: _____

9. Séjour Moyenne (nuits):

Pas de nuit
 De 1 à 2 nuits
 3 à 5 nuits (inclusivement)
 De 5 à 10 nuits (inclus)
 + 10

10. Raison(s) principale(aux) du voyage
(sélectionnez plus d'une option si s'applique):

10.1 Vacances/Loisirs
 10.2 Tourisme culturel
 10.3 Shopping tourisme
 10.4 Tourisme gastronomique et oenologique
 10.5 Tourisme d'affaires
 10.6 Visite à la famille et aux amis
 10.7 Autres. Quel? _____

Partie III – Paysage rural et paysage urbain

11. Attribuez une classification au paysage car vous êtes plus attrayant sur une échelle de «rien important» à «extrêmement important».

	Rien Important (1)	Peu Important (2)	Important (3)	Très Important (4)	Extrêmement Important (5)
Caractéristiques du paysage					
11.1 Paysage de montagne	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.2 Les vallées	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.3 Paysage de plateau	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.4 Paysage rural (terrasses, pierre terrasses, clôtures, haies, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.5 Ravins, falaises	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cours d'eau					
11.6 Rivières	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.7 Marais, barrages	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.8 Sources et cascades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.9 Mer, zone côtière	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.10 Lacs et lagunes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Zones avec arbres et forêts					
11.11 Arbres fruitiers	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.12 Chênes, chênes lièges	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.13 Vignes et vignobles	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.14 Forêt de pins	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La faune					
11.15 Oiseaux	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.16 Animaux sauvages	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.17 Troupeaux et élevage	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

12. Attribuez une classification aux aspects que vous considérez comme une présence importante dans le paysage rural.

	Rien Important (1)	Peu Important (2)	Important (3)	Trés Important (4)	Extrêmement Important (5)
Esthétique rurale					
12.1 Faire l'expérience des variations en paysage (montagnes, fjords, cascades, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.2 Être proche de la nature / Sentiment de liberté et de bonheur	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.3 Voir le paysage culturel (par exemple, petites fermes, villages anciens)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.4 Voir spectaculaire, fantastique et accablant site naturel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.5 Vivre la nature intacte (par exemple, eau non polluée)/ Respirer de l'air pur et propre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

13. En ce qui concerne le paysage des zones urbaines, attribuez une classification aux aspects que vous considérez plus attrayants à une échelle allant de « rien important » à « extrêmement important ».

	Rien Important (1)	Peu Important (2)	Important (3)	Trés Important (4)	Extrêmement Important (5)
Constructions et structures					
13.1 Urbanisations, gratte-ciels	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.2 Bâtiments historiques, églises/cathédrales, tours	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.3 Fontaines, obélisques et autres sculptures	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.4 Ports de pêche, port de plaisance, jetée	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.5 Zones industrielles, usines	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Éléments naturelles					
13.6 Zones boisées, parcs, jardins, parterres de fleurs	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.7 Lacs, rivières et zones côtières	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. Attribuez une classification aux aspects que vous considérez comme une présence importante dans le paysage urbain.

	Rien Important (1)	Peu Important (2)	Important (3)	Trés Important (4)	Extrêmement Important (5)
Esthétique urbaine					
14.1 La combinaison de l'ancien et du moderne (bâtiments et autres structures)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.2 Consistance urbaine et cohérence	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.3 Préservation des bâtiments/structures	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.4 Éclairage publique	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

15. Type de préférence paysagé:

- 15.1 Paysage rural
- 15.2 Paysage Urbain
- Paysage côtier
- 15.4 Paysage de montagne

16. Quelles sont les régions du nord du Portugal que vous envisagez de visiter pendant votre séjour? (Vous pouvez sélectionner plus d'une option si applicable).

- 16.1 Área Metropolitana do Porto
- 16.2 Trás-Os-Montes
- 16.3 Minho
- Douro

17. Quand vous voyagez, combien de fois visitez-vous les belvédères?

- 17.1 Jamais
- 17.2 Rarement
- 17.3 À l'occasion
- 17.4 Fréquemment
- 17.5 Toujours

18. En voyage, prévoyez-vous visiter des belvédères?

- Oui Non

18.1 Si oui, indiquez à quelle étape du voyage vous le faites.

- 18.1.1 Avant de voyager
- 18.1.2. En voyage

19. Lequel de ces types de belvédères préférez-vous?

- 19.1 Belvédères naturels
- 19.2 Belvédères anthropiques (structures)
- 19.3 Belvédères dans les lieux de culte (sanctuaires, églises)

20. Attribuez une classification aux ressources / infrastructures que vous considérez comme les plus importantes lors de la visite aux belvédères.

	Rien Important (1)	Peu Important (2)	Important (3)	Trés Important (4)	Extrêmement Important (5)
Ressources/infrastructures					
20.1 Installations/accessibilités	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.2 Logement	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.3 Restaurants	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.4 Zones commerciales	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.5 Affichage des informations/Télescopes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.6 Parking	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.7 WC/Toilettes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Merci de votre collaboration!

APÊNDICE C – LISTA DE MIRADOUROS NO NORTE DE PORTUGAL

Municípios	Miradouros
Alfândega da Fé	Miradouro de Alfândega da Fé Miradouro de N ^a S ^a do Socorro Miradouro de Cerejais
Alijó	Miradouro de Sta Bárbara (Favaíos) Miradouro de Casal de Loivos (Pinhão) Miradouro de St ^a Marinha (Castedo) Miradouro da S ^a da Cunha Miradouro N ^a S ^a da Piedade (Sanfins do Douro) Miradouro do Sr ^o Jesus da Capelinha (Vilar de Maçada) Miradouro do Amieiro Miradouro das Fragas Más Miradouro de Sta Eugénia Miradouro de Ribalonga Miradouro S. Domingos (Granja)
Amarante	Miradouro S. Leonardo Miradouro da Senhora do Castelo Miradouro do Alto de Santa Cruz Miradouro de Pena Suar (Aboadela) Miradouro da Rua Cândido dos Reis (S. Gonçalo) Miradouro de N ^a S ^a dos Aflitos (S. Gonçalo)
Amares	Miradouro do Monte de S. Pedro Fins Miradouro Cruzeiro das Lages (Paranhos) Miradouro do Monte das Cadeiras (Seramil) Miradouro Penedo do Rebolão (Bouro Santa Marta) Miradouro Monte de São Miguel-O-Anjo (Bouro Santa Maria) Miradouro N ^a S ^a da Paz
Arouca	Miradouro Frecha da Mizarela Miradouro de Paradinha Portal do Inferno (Covelo de Paivó) Miradouro da Capela da Senhora da Mó Miradouro de Alvarenga (Santo António) Miradouro de Canelas Miradouros de Escariz (Abelheira) Miradouro de Santa Eulália (Serra da Freita) Miradouro do Santuário de N ^a S ^a do Monte Miradouro de Cabreiros (Cabreiros) Miradouro de Albergaria da Serra (Albergaria da Serra) S. Pedro Velho (Geossítio 3) Cascata das Aguieiras (Geossítio 35)
Arcos de Valdevez	Miradouro da Estrica (Sistelo) Miradouro S. Domingos Miradouro N ^a S ^a da Graça Miradouro de Tibo Vila Fonche: Castelo de Sta Cruz Senharei: Miradouro de Senharei

	<p>Cabana Maior: Miradouro de Cabana Maior</p>
Armamar	<p>Miradouro e Quedas de Água da Misarela Miradouro e Ermida de São Domingos Miradouro de São Lourenço Miradouro da S^a da Graça Miradouro da S^a da Saúde</p>
Baião	<p>Miradouro do Lugar Da Portela do Gove (Gove) Miradouro de N^a S^a do Marão (Senhora da Serra, Teixeira) Miradouro da N^a S^a do Socorro Miradouro dos Dízimos</p>
Barcelos	<p>Miradouro da N^a S^a da Boa Fé (Bastuço S. João)</p>
Boticas	<p>Miradouro de Seirrãos Miradouros de Boticas Miradouro da Pena da Franga Miradouro do Coto dos Corvos</p>
Braga	<p>Miradouro de Santa Marta das Cortiças (Esporões) Santuário do Sameiro Torre de Santiago Miradouro do Sagrado Coração de Jesus Monte do Picoto Miradouro da Capela de Nossa Senhora de Guadalupe</p> <p>Miradouro da Capela de São Bento (Este São Pedro) Miradouro do Monte Castro</p>
Bragança	<p>Miradouro S. Bartolomeu Miradouro Sta. Ana (Meixedo) Miradouro do Santuário da Senhora da Serra Miradouro Estrada de Turismo Miradouro e Povoado Certificado da Cidadelha (Vinhais) Miradouro do Santuário da S^a do Aviso (Serapicos) Miradouro N^aa S^a da Saúde (Vinhais)</p>
Cabeceiras de Basto	<p>Miradouro de Abadim (Porto d'Olho) Miradouro da Cucana (Refojos de Basto) Serra da Cabreira Miradouro de Chacim Miradouro de Samão Miradouro de Vilar</p>
Castelo de Paiva	<p>Miradouro de Catapeixe Monte de S. Domingos Miradouro do Monte de Santo Adrião Miradouro do Monte de São Gens Miradouro de Carral-Meã</p>
Caminha	<p>Miradouro Sino dos Mouros Miradouro da Fraga (Vilarelho) Miradouro da Boa Vista Miradouro do Monte Santo</p> <p>Dem: Miradouro Neves Vila Praia de Âncora:</p>

	Miradouro do Calvário
Celorico de Basto	Miradouro do Viso (Caçarilhe) Miradouro do Calvêlo (Carvalho) Celorico de Basto: Miradouro do Castelo de Anóia (Aldeias Portugal)
Chaves	Miradouro de São Lourenço Miradouro de N ^a S ^a das Necessidades (Castelãos) Miradouro de Nosso Senhor da Esperança (Vilar de Nantes) Miradouro do Castelo de Chaves Miradouro da Capela de São Tiago
Carrazeda de Ansiães https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt/pages/456	Vilarinho Castanheira: Miradouro N ^a S ^a Assunção Miradouro de São Lourenço Miradouro Olhos do Tua Miradouro Fraga da Ola Miradouro da Rota do Douro (Beira Grande) Miradouro de Barrabáz Miradouro do Castelo de Ansiães Miradouro da Calçada de S. Lourenço
Cinfães	Vale de Papas: Miradouro Capela Sta. Bárbara (Ramires) Miradouro de Tendais Miradouro de Teixeiraô Miradouro da Capela de N ^a S ^a do Amparo Miradouro da Capela da Senhora do Castelo (Nespereira) Miradouro do Parque de São Pedro do Campo Ladário
Espinho	
Esposende	Miradouro de São Lourenço (Vila Chã) Miradouro de N ^a S ^a da Guia (Belinho) Miradouro de Monte de Faro (Palmeira de Faro) Miradouro de N ^a S ^a da Paz (Marinhos) Miradouro do Monte de Arnelas (Gemeses) Miradouro de Frossos (Curvos)
Fafe	Miradouro São Salvador Miradouro Sta. Marinha
Gondomar	Miradouro da Areja Miradouro do Monte Crasto
Guimarães	Miradouro da Penha (Penha) Miradouro da Capela de Santo António (Mesão Frio)
Lousada	Miradouro do Senhor dos Aflitos Miradouro da Senhora Aparecida Miradouro da Senhora do Amparo (Covas) Miradouro de São Tiago (Nevogilde)
Vila Nova de Famalicão	Miradouro Senhor do Monte
	Miradouro Monte Ladário (Vila Cova da Lixa) Monte de St ^a Quitéria (Margaride) S ^a da Aparecida (Pinheiro) Senhor dos Perdidos (Penacova) Seixoso (Macieira da Lixa) Monte Santana (Rande)

Felgueiras	Pedra Maria (Varziela) Monte Santa Marta (Caramos) Maragotos (Revinhade)
Freixo de Espada à Cinta	Poiares: Miradouro Ribeira do Mosteiro Miradouro de Poiares Miradouro do Assumadouro Miradouro do Penedo Durão Mazouco: Miradouro do Colado Miradouro do Alto do Pirocão Miradouro de Freixo de Espada à Cinta
Lamego	Miradouro da Boa Vista Miradouro do Santuário de N ^a S ^a dos Remédios Miradouro de São Brás (Cambres) Miradouro do Senhor da Serra
Macedo de Cavaleiros	Miradouro de Santa Combinha Miradouro de Nossa Senhora do Campo (Lamas, Geosítio) Miradouro de Santa Bárbara (Lagoa) Miradouro da Serra do Cubo (Vale da Porca) Miradouro de Lassaete (Morais) Miradouro do Convento de N ^a S ^a de Balsamão Miradouro Bornes Sul - Geosítio Panorâmica Bornes Norte (Vale Benfeito) Miradouro de Lagoa Miradouro de São Marcos (Castelãos) Miradouro de Morais
Maia	Monte de São Miguel-O-Anjo Miradouro de Monte de N ^a S ^a da Hora Monte de Santa Cruz Monte de Santo António Monte de Santo Ovídeo Monte do Terreiro de Santo Ovídeo Miradouro do Monte do Senhor da Agonia
Matosinhos	Monte de S. Brás (Leça do Balio) Monte de Sant'ana (Leça da Palmeira)
Marco de Canavezes	Miradouro de N ^a S ^a do Castelinho (A vessadas) Miradouro de Soalhões (Soalhões) Miradouro de Torre de Pena (Tabuado)
Melgaço	Castro Laboreiro: Miradouro Castro Laboreiro Miradouro de Paços (São Rosendo – Paços) Miradouro de Chaviães (Regadas – Chaviães) Miradouro de Viladraque (Viladraque - Paços) Miradouro do Antigo Posto da Guarda Fiscal (Paranhão – Penso) Miradouro do Pomedelo (Fiães) Miradouro do Trancoso (Fiães)
Mesão Frio	Miradouro de São Silvestre Miradouro do Imaginário (Santa Cristina) Miradouro da Portela (Barqueiros)

	<p>Miradouro da Capela da Nossa Senhora da Piedade Miradouro do Jardim Público Miradouro de Donsumil</p>
Miranda do Douro	<p>Picote: Miradouro Fraga do Puio (Geosítio) Miradouro Castro da Cigaduenha Miradouro Picão do Drabo Miradouro de Puio Miradouro da Barragem do Picote</p> <p>Miradouro São João das Arribas (Aldeia Nova) Miradouro de Miranda do Douro Miradouro da Freixiosa Miradouro da Concatedral de Miranda do Douro</p> <p>Sendim: Miradouro do cais de Sendim</p> <p>Paradela: Miradouro da Penha das Torres</p>
Mirandela	<p>Miradouro de Mirandela Miradouro de Barcel Miradouro de Franco Miradouro da Fraga da Cristina Miradouro do Canal Miradouro da Fraga Velha Miradouro de São Brás Miradouro Serra de Santa Comba Miradouro de Santa Catarina Miradouro do Vale do Tua</p>
Mogadouro	<p>Bemposta: Miradouro Cardal do Douro Miradouro de Bemposta Miradouro de Picões Miradouro da Cruzinha</p> <p>Fornos: Miradouro do Carrascalinho</p> <p>Miradouro da Serra da Castanheira Miradouro do Caminho do Rio (Bruçó) Miradouro do Castelo de Mogadouro Miradouro do Castelo de Penas Róias Miradouro do Castro Castelo dos Mouros/Castelinho (Vilarinho dos Galegos) Miradouro do Castro da Vila Velha/Castro do Senhor da Fraga (Santiago) Miradouro do Santuário de S. Cristóvão (Serra de Figueira)</p>
Moimenta da Beira	<p>Miradouro do Santuário de São Torcato (Cabaços) Miradouro de Santa Bárbara (Aldeia de Nacomba) Miradouro de N^a S^a da Guia Miradouro do Santuário N^a S^a da Conceição (Castelo) Miradouro do Santuário de Santo Antão (Peva) Penedo da Fonte Santa e Miradouro – Peravelha</p>

	Miradouro da Quinta do Ribeiro
Monção	Miradouro da Senhora da Graça (Monte da Senhora da Graça) Miradouro da Nossa Senhora da Assunção (Monte da N ^a S ^a da Assunção) Miradouro da Ponte (Pinheiros) Miradouro da Senhora da Pedra (Troviscoso) Miradouro da Senhora da Vista (Tangil) Miradouro de Santo António (Santo António) Miradouro do Castro (Lugar do Castro) Miradouro do Coto do Castro (Lugar do Castro)
Mondim de Basto	Miradouro Fiskas do Ermelo Miradouro de N ^a S ^a da Graça Miradouro da Lomba Gorda (Pardelhas) Miradouro do Barreiro Miradouro do Alto Velão Miradouro do Torrão Miradouro do Paço Miradouro do Fojo – Fiskas de Ermelo Miradouro de Paradaça Miradouro de Campanhó Miradouro de N ^a S ^a da Piedade
Montalegre	Miradouro da Senhora das Treburas Miradouro da Corujeira Miradouro da Senhora de Vilabril (São Pedro) Corno das Alturas (Telhado)
Murça	Miradouro de Murça Miradouro de São Domingos Miradouro Fonte do Bairro das Árvores Miradouro Casa da Floresta Sobreira Miradouro de Palheiros
Oliveira de Azeméis	Miradouros do Parque de La Salette - Miradouro Natural - Miradouro António César Guedes - Miradouro António Tavares Miradouro de Nossa Senhora das Flores (Travanca) Miradouro das Sete Cidades Miradouro do Monte de São Marcos (Fajões) Miradouro do Alto de Rebordões (Cucujães) Miradouro do Outeiro (Santiago de Riba)
Paços de Ferreira	Miradouro do Alto da Senhora do Socorro Miradouro de Monte de Pilar
Paredes	Miradouro da Serra de Muro (Lugar de Vale) Miradouro de Nossa Senhora do Salto (Aguiar de Sousa) Vistas de Fonte Arcada (Fonte Arcada)
Paredes De Coura	Bico: Miradouro do Corno de Bico Miradouro da Chã do Vento Miradouro da Giesteira Miradouro da Senhora da Pena Miradouro de S. Silvestre Miradouro do Alto do Crasto Miradouro do Penedo do Rebolinho
Penafiel	Miradouro da Capela de N ^a S ^a da Cidade (Entre-os-rios) Miradouro da Capela do Senhor do Calvário (Valpedre)

	<p>Miradouro do Jardim de São Pedro (Canelas)</p> <p>Miradouro do Senhor dos Remédios (Rio de Moinhos)</p> <p>Miradouro de Sebolido</p>
Penedono	<p>Miradouro de Santa Margarida (Póvoa de Penela)</p> <p>Miradouro de Santa Luzia (Póvoa de Penela)</p> <p>Miradouro do Castelo de Penedono</p>
Peso da Régua	<p>Poiares – Freixo de Espada à Cinta:</p> <p>Miradouro Ribeira do Mosteiro</p> <p>Miradouro de Poiares</p> <p>Miradouro do Assumadouro</p> <p>Miradouro do Penedo Durão</p> <p>Miradouro São Leonardo da Galafura</p> <p>Miradouro de Santo António</p>
Ponte da Barca	<p>Germil:</p> <p>Miradouro de Germil de Cima</p> <p>Lindoso:</p> <p>Miradouro Antenas de Louriça</p> <p>Miradouro Antenas de Lindoso</p> <p>Lavradas:</p> <p>Castelo da Nóbrega</p> <p>Miradouro de Santa Rita</p> <p>Miradouro do Livramento</p> <p>Miradouro do Portozelo</p> <p>Miradouro de Santana</p>
Ponte de Lima	<p>Anais:</p> <p>Miradouro de Bom Jesus</p> <p>Miradouro do Penedo Branco</p> <p>Refoios do Lima:</p> <p>Miradouro do Monte do Penedo</p> <p>Miradouro São Lourenço da Armada</p> <p>Miradouro da Bola da Pena</p> <p>Miradouro da Madalena</p> <p>Miradouro de Santa Catarina</p> <p>Miradouro de Santa Justa</p> <p>Miradouro de Santa Rita</p> <p>Miradouro de Santo Ovídio</p> <p>Miradouro do Alto do Cabeço</p> <p>Miradouro do Castro de Santo Estevão</p> <p>Miradouro do Cerquido</p> <p>Miradouro do Monte da Nó</p> <p>Miradouro do Penedo das Janelinhas</p> <p>Miradouro do Senhor do Socorro</p> <p>Miradouro dos Socalcos de Labrujó e Rendufe</p>
Porto	<p>Miradouro Torre da Igreja de N^a S^a Conceição</p> <p>Miradouro do Largo do Colégio</p> <p>Miradouro do Passeio das Virtudes</p> <p>Miradouro do Terreiro da Sé</p> <p>Miradouro dos Jardins do Palácio de Cristal</p> <p>Miradouro das Fontainhas</p> <p>Miradouro da Restauração</p> <p>Miradouro da Pérgola</p> <p>Miradouro do Molhe</p> <p>Miradouro do Colégio dos órfãos</p> <p>Miradouro da Muralha Fernandina</p> <p>Miradouro da Quinta da Macieirinha</p>

	<p>Miradouro Forte São Francisco Xavier (Castelo do Queijo) Miradouro Capela Sta. Catarina e S^a dos Anjos Miradouro Igreja N^a S^a da Vitória Miradouro Torre dos Paços do Concelho Elevador da Lada</p> <p>Baião: Porto Manso Capela da Senhora da Guia</p>
Póvoa de Lanhoso	<p>Miradouro do Monte de São Mamede (Frades) Miradouro da Nossa Senhora do Pilar (Pilar)</p>
Póvoa do Varzim	Miradouro de São Félix
Resende	<p>Miradouro de São Cristóvão (Serra de Montemuro) Miradouro do Penedo de São João Miradouro de São Cristóvão Miradouro da Seculca (São Cipriano) Miradouro de Cárquere (Cárquere)</p>
Ribeira de Pena	<p>Miradouro de Ribeira de Pena Miradouro do Alto de Santa Eulália (Salvador) Miradouro de Cerva Miradouro de Cabriz (Cabriz) Miradouro de Santa Bárbara (Alvite) Miradouro da Avenida da Noruega</p>
Sabrosa	<p>Provesende: Miradouro da Capela de S. Domingos</p> <p>Miradouro São Domingos Gusmão Miradouro São Cristóvão Miradouro da Capela da Senhora da Azinheira (São Martinho de Anta) Miradouro de Sabrosa Miradouro de S. Domingos de Monte Coxo Miradouro do Santuário do Senhor dos Aflitos (Torre do Pinhão) Miradouro Torguiano de S. Cristóvão do Douro (São Cristóvão do Douro)</p>
Santa Maria da Feira	
<p>Santa Marta de Penaguião https://santamartadepenaguião.wordpress.com/tag/miradouro-da-senhora-da-serra/</p>	<p>Miradouro São Pedro (São João de Lobrigos) Miradouro de Santa Bárbara (Cuimeira) Miradouros de São Pedro (Fontes) Miradouro Senhora da Serra (Fontes) Miradouro da Senhora dos Remédios (Medrões) Miradouro do Fial (São João de Lobrigos) Miradouro do Viso (Justos, Fontes) Miradouro Paradela do Monte</p>
São João da Madeira	
<p>São João da Pesqueira https://www.sjpesqueira.pt/pages/266</p>	<p>São Xisto: Miradouro de Sta. Bárbara Miradouro de São Salvador do Mundo</p> <p>Miradouro de Nossa Senhora do Monte Miradouro de Nossa Senhora das Neves Miradouro de N^a S^a de Lurdes Miradouro de Vargelas Miradouro das Carvalhas Miradouro de Frei Estevão Miradouro da Senhora D'Alegria (Riodades)</p>

Santo Tirso	Miradouro de N ^a S ^a da Assunção (Monte Córdova) Miradouro do Monte do Padrão (Monte do Padrão) Miradouro dos Carvalhais Miradouro de São João do Carvalhinho (Burgães)
Sernancelhe	Miradouro de Santa Bárbara (Sarzeda) Miradouro da Nossa Senhora das Necessidades (Vila da Ponte) Miradouro da Senhora da Aparecida (Granjal) Miradouros Igreja Matriz de S. João Baptista
Tabuaço	Miradouro N ^a S ^a de Fátima Miradouro de São Plácido Miradouro de Távora Miradouro de Valença do Douro Miradouro da N ^a S ^a da Conceição Miradouro do Calvário (Granja do Tedo) Miradouro e Escalada do Fradinho
Tarouca	Miradouro de Alcácimo Miradouro do Cristo Rei (Gondomar) Miradouro da Padiola Nossa Senhora do Calvário Miradouro do Monte de Santa Helena
Terras de Bouro	Cutelo: Miradouro de Brufe Peneda-Gerês: Miradouro da Pedra Bela Miradouro da Roca (Ermida) Miradouro de Bom Jesus das Mós (Quintão) Miradouro do Chamoim Miradouro do Mirante (Vilar da Veiga) Miradouro da Fraga Negra (Vilar da Veiga) Miradouro da Cascata do Arado (Ermida) Miradouro da Boneca Miradouro do Vergaço (Cibões)
Torre de Moncorvo	Caruiçais: Miradouro Sta. Bárbara Miradouro da Igreja Matriz de Urros (Largo do Cimo do Povo) Miradouro de São Gregório Miradouro de N ^a S ^a do Castelo (Adeganha) Miradouro da Fraga do Facho Miradouro da Senhora da Glória Miradouro da Senhora do Castelo Miradouro de Santa Leocádia Miradouro do Alto da Barca ou Fevereira
Trofa	Monte de Sta Eufémia (Alvarelhos) Monte de S. Gens de Cidai (Santiago de Bougado)
Vale de Cambra	Miradouro da Lomba (Lugar da Lomba) Miradouro de Paredes Miradouro das Baralhas Miradouro da Casa do Guarda Miradouro da Mouta Velha Miradouro da Presa de Folhense Miradouro do Ameal e Paredes Miradouro de Sandiães Miradouro de Merlães

	<p>Miradouro S^a da Saúde/Gestoso Miradouro do Côvo Miradouro da Mamoa Miradouro da Calvela Miradouro de Porto Novo Miradouro de Trebilhadouro Miradouro de Gatão Miradouro de Cepelos Miradouro do Tabaçó Miradouro das 7 cidades</p>
Valongo	<p>Miradouro da Capela de N^a S^a de Chãos, Moinho de Vento Miradouro das Capelas de Santa Justa e S. Sabino</p>
Valpaços	<p>Miradouro da Serra de Santa Comba Miradouro da Serra da Padrela Miradouro de Santa Isabel Miradouro de Santa Bárbara</p>
Valença	<p>Miradouro do Monte do Faro Miradouro de Baluarte do Socorro (Fortaleza) Miradouro da Capela de S. Lourenço (Taião) Miradouro de Taião Miradouro da Capela de Sant'ana (Monte do Faro) Miradouro de Santo Ovídeo Miradouro do Alto de São Sebastião Miradouro do Castelo de Fraião Miradouro de São Gabriel (Reguengo)</p>
Viana do Castelo	<p>Santa Maria Maior: Santuário de Sta Luzia</p> <p>Afife: Miradouro Sto António Miradouro Florestal</p> <p>Areosa: Miradouro Carreira do Tiro</p> <p>Castelo de Neiva: Miradouro S^a dos Emigrantes</p> <p>Carvoeiro: Miradouro – Vacaria Sra de Lurdes Miradouro Santa Justa</p> <p>Cardielos: Miradouro São Silvestre 1 Miradouro São Silvestre 2</p> <p>Carrelo: Miradouro Alto do Mior/Bandeiras</p> <p>Darque: Miradouro Monte do Galeão</p> <p>Deocriste: Miradouro S^a do Crasto</p> <p>Montaria: Miradouro S. Mamedo Miradouro S^a do Minho</p>

	Vilar de Murteda: Miradouro Calvário
Vieira do Minho	Miradouro do Louredo Miradouro da Serradela Miradouro do Santuário da Nossa Senhora da Lapa Miradouro de Cerdeirinhas (Tabuaças) Miradouro da Serra da Cabreira (Anjos)
Vila do Conde	Miradouro da Senhora da Guia Miradouro do Monte do Mosteiro Miradouro de Santa Clara Miradouro da Praia
Vila Flor	Miradouro do Cervo Freixiel: Miradouro Forca de Freixiel Miradouro de N ^a S ^a da Lapa Santuário de Santa Cecília (Seixo de Manhoses) Santuário de N ^a S ^a dos Remédios (Vilarinho das Azenhas) Santuário de N ^a S ^a de Fátima (Alagoa) Monte de Santa Cruz (Sampaio) Miradouro do Rio Tua Miradouro da Serra Tinta Miradouro da Senhora da Assunção
Vila Nova de Cerveira	Covas: Miradouro da Costa das Paredelhas Miradouro da Castanheira Miradouro do Cervo (Alto do Castro) Miradouro do Calvário (Gondarém) Miradouro do Alto da Pena (Loivo) Miradouro da Senhora da Piedade (Bagoada) Miradouro da Senhora da Encarnação Miradouro de Monte de Goios
Vila Nova de Foz Côa	Feixo de Numão: Miradouro Senhora da Carvalta Miradouro Castelo Velho Miradouro da Senhora da Carvalha Miradouro de Sta Bárbara (Mós) Miradouro de São Martinho (Seixas) Miradouro do Anjo S. Gabriel (Castelo Melhor) Miradouro da Mata dos Carrascos (Santo Amaro) Miradouro do Arnozelo (Numão) Miradouro de Sta. Luzia Miradouro do Caminho da Costa Miradouro de N ^a S ^a do Viso (Custóias)
Vila Nova de Gaia	Miradouro Mosteiro da Serra do Pilar Miradouro da Capela de São Bartolomeu Miradouro de Nosso Senhor do Calvário (Canelas)
	Miradouro da Corte da Ribeirinha (Covas)

Vila Pouca de Aguiar	Miradouro do Minhéu (Serra do Alvão) Miradouro de Santa Luzia (Tourencinho) Miradouro de Vila Pouca dos Pequeninos Miradouro de Nossa Senhora do Extremo (Tourencinho)
Vila Real	Lamas d'Olo: Miradouro Lamas d'Olo Vilarinho Seco (Boticas): Miradouro Pena da Franga Miradouro de Bujões (Abaças) Miradouro da Meia Laranja (São Diniz) Miradouro da Vila Velha Miradouro de Muas
Vila Verde	Aboim da Nóbrega: Miradouro do Castelo de Aboim Miradouro do Santuário do Bom Despacho Miradouro Atães Miradouro de Santa Helena Miradouro da Senhora da Guia (Marrancos) Miradouro de Santo António Mixões de Cima Miradouro do Oural
Vimioso	Miradouro da Torre de Atalaia Miradouro de Vimioso Miradouro de N ^a S ^a da Assunção Miradouro do Santuário de São Bartolomeu (Argozelo)
Vinhais	Miradouro de Santa Luzia (Sobreiró de Cima) Miradouro do Santuário de N ^a S ^a dos Remédios
Vizela	Santuário São Bento das Peras Miradouro Santo Adrião